

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM FILOSOFIA DE ENFERMAGEM**

***A IMAGINAÇÃO E SENTIDOS NO CUIDADO DE  
ENFERMAGEM***

**CLEUSA RIOS MARTINS**

*TESE apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Enfermagem, para  
obtenção do título de Doutor em  
Filosofia de Enfermagem*

Orientadora: Dra. Lygia Paim Müller Dias

Florianópolis  
1999

**CLEUSA RIOS MARTINS**

***A IMAGINAÇÃO E SENTIDOS NO CUIDADO  
DE ENFERMAGEM***

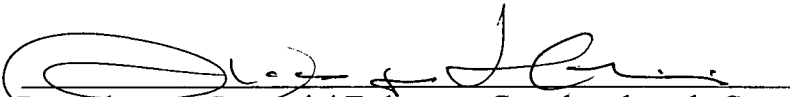
Florianópolis  
1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM FILOSOFIA DE ENFERMAGEM

**A IMAGINAÇÃO E SENTIDOS NO CUIDADO DE ENFERMAGEM**


**CLEUSA RIOS MARTINS**

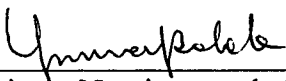
Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de Doutor em Filosofia de Enfermagem e aprovada em sua forma final em 25 de março de 1999, atendendo às normas da legislação vigente no Curso de Pós-Graduação em Enfermagem – Programa de Doutorado em Filosofia de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

  
Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann – Coordenadora de Curso

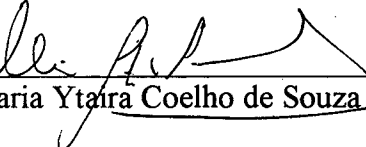
**BANCA EXAMINADORA**

  
Dra. Lygia Paim Müller Dias – Presidente/ Orientadora

  
Dra. Ana Lúcia Magela de Rezende – Membro

  
Dra. Ymiracy Nascimento de Souza Polak - Membro

  
Dra. Vivina Lanzarini de Carvalho – Membro

  
Dra. Maria Ytara Coelho de Souza Padilha – Membro

\_\_\_\_\_  
Dra. Maria de Lourdes de Souza – Suplente

\_\_\_\_\_  
Dra. Maristela Fantin – Suplente

*Dedico este meu estudo aos futuros  
cuidadores...*

## AGRADECIMENTOS

*Ao longo destes anos, contei com a colaboração de Colegas do Departamento de Enfermagem da UFSC, Amigos, Familiares, pois este trabalho é parte de uma vida, uma reflexão...*

*Agradeço a estes parceiros de vida a oportunidade de realizá-lo:*

*À Dra. Lygia Paim Müller Dias, orientação amiga, incentivadora da liberdade criativa, companheira da viagem para o garimpo .*

*À Dra. Ana Lúcia Magela de Rezende pela participação das discussões e colaboração do aprimoramento das idéias, ajuda acolhedora nas críticas e análises do trabalho.*

*À Professora Celina Maria Araujo Tavares, Diretora da Escola de Enfermagem e à Professora Tania Maria L. Nogueira, Coordenadora da Escola de Enfermagem/ Universidade Federal do Mato Grosso - Cuiabá, que viabilizaram a participação de Acadêmicos de Enfermagem nas vivências práticas, possibilitando a inspiração desta reflexão teórica.*

*Às Acadêmicas de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso/ Cuiabá, pela espontânea e animada participação da Fábrica de Expressões.*

*À Flávia R. Souza Ramos, pela amizade, companheirismo, facilitando para que os momentos de estudo fossem agradáveis, providenciais, articuladora para o acontecer da Fábrica de Expressões.*

*À Rosane e Cesar Nitschke, Marta e Julio Verdi, Claudia Penna, Silvio e Silvia de Bettio pelo apoio caloroso e amigo que amenizaram as horas mais sensíveis.*

*Aos Colegas do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina que acompanharam e "torceram" para que este trabalho fosse concluído, principalmente àqueles Colegas que também, contribuíram na discussão inicial das idéias iniciais do trabalho.*

*A Paulo Leite pela colaboração na construção do vídeo da "Fábrica de Expressões".*

*Ao Grupo de Pesquisa de Inventos, Adaptações e Tecnologia de Enfermagem- GIATE/UFSC.*

# SUMÁRIO

<i>AGRADECIMENTOS</i>	v
<i>SUMÁRIO</i>	vi
<i>RESUMO</i>	viii
<i>ABSTRACT</i>	ix
<i>INTRODUÇÃO</i>	1
<i>CAPÍTULO I</i>	8
<i>A IMAGINAÇÃO E SENTIDOS NA DESCOBERTA DO GARIMPO</i>	8
1.1 O desabrochar	9
1.2 A magia da descoberta, rememorando as raízes da idéia e me entregando ao caminho da arte	12
1.3 A arte	20
1.4 A Enfermagem no contexto da ciência e da arte	25
1.5 A possibilidade de (re)ligar o homem consigo mesmo e com o outro	32
1.6 A Arte quando inserida nas definições de Enfermagem	36
1.7 Arte: o precioso encontrada na Revista Brasileira de Enfermagem	37
1.8 O mapa da mina: proposta metodológica	40
1.8.1 ESBOÇO CARTOGRÁFICO DO CAMINHO DA MINA	42
1.8.2 ENSAIANDO O CAMINHAR NO INTERIOR DA MINA	44
1.8.3 O CAMINHAR NO INTERIOR DA MINA	44
1.8.4 UM ROTEIRO PARA A GARIMPAGEM	47
1.8.5 O TEMPO DE INSTRUMENTOS	49
<i>CAPÍTULO II</i>	51
<i>A GARIMPAGEM: IMAGINAÇÃO E MATERIALIZAÇÃO</i>	51
2.1 A materialidade da imaginação	51
2.2 Relação estética - Ferramentas de garimpo	63
2.3 Diferenças, exercícios de consciência	74
2.4 Os sentidos como espaço de percepção	75
<i>CAPÍTULO III</i>	78
<i>A LAPIDAÇÃO: O SER OU NÃO SER</i>	78
<i>CAPÍTULO IV</i>	83
<i>A OURIVESARIA: A ARTE DA ENFERMAGEM DE SER GENTE CUIDANDO DE GENTE</i>	83
<i>CONTORNOS DELINEADOS NA GARIMPAGEM DA ENFERMAGEM</i>	98

<b>ANEXOS</b>	<b>103</b>
ANEXO 1 - ENUNCIADOS DE CONCEITOS DE ENFERMAGEM QUE CONTEMPLAM O TERMO ARTE	103
ANEXO 2 - CONTATOS FORMAIS COM A FACULDADE DE ENFERMAGEM	104
ANEXO 3 - CONTATOS FORMAIS COM A FACULDADE DE ENFERMAGEM	105
ANEXO 4 - EXPERIÊNCIAS EXPRESSIVAS - SENSIBILIDADE E RELAÇÕES PROFISSIONAIS NO CUIDAR HUMANO - PLANO	106
ANEXO 5 - EXPERIÊNCIAS EXPRESSIVAS - SENSIBILIDADE E RELAÇÕES PROFISSIONAIS NO CUIDAR HUMANO - PROGRAMA	107
ANEXO 6 - ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM QUE CONTEMPLAM O TERMO ARTE, NO PERÍODO DE 1990-1995.	109
ANEXOS 7 A 15 - CONJUNTO DE 41 FIGURAS DO CADERNO DE EXPRESSÕES	112
ANEXO 7 Exercício do Olhar – 1º Tempo - As Cores do Quadro.	
ANEXO 8 Exercício do Olhar – 2º Tempo – Formas da Obra de Arte.	
ANEXO 9 Exercício do Olhar – 3º Tempo – Cor e Forma da Enfermagem.	
ANEXO 10 Exercício do Ouvir – Cor e Forma do Som da Enfermagem.	
ANEXO 11 Exercício do Tato	
ANEXO 12 Cor e Forma do Gosto – Um Paladar.	
ANEXO 13 Cor e Forma e Som do Gosto – Outro Paladar.	
ANEXO 14 Expressão do Ritmo – Um Corpo em Movimento.	
ANEXO 15 Expressão Final.	
 <b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b>	 <b>163</b>
<b>FONTE BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>164</b>

## RESUMO

MARTINS, Cleusa Rios. **A imaginação e sentidos no cuidado de enfermagem**. Florianópolis: UFSC, 1999. 180p. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós – Graduação de Enfermagem / Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

Palavras - Chave: Enfermagem, imaginação, arte, sentidos, cuidados, experiência, sensibilidade.

### **A imaginação e sentidos no cuidado de Enfermagem**

A Enfermagem, desde a sua instalação como uma profissão, tem desenvolvido vários aspectos sobre o que significa cuidar, assistir e ensinar. Estes significados passam pela concepção ou explicação de seu valor como uma participação coletiva mas, ainda, não têm respondido as questões acerca de sua definição. A Enfermagem, como ciência, tem acompanhado as tendências do desenvolvimento do conhecimento nesta época em que se instala como uma profissão, em sua trajetória, numa lógica da cientificidade cartesiana, explicativa, objetiva, para fazer Arte do contexto social e atender ao que chamavam de necessidades sociais, o que não se pode considerar um erro ou defeito, mas uma estratégia de instalação ou sobrevivência, tanto na sociedade em geral como entre seus pares. Como a profissão tem passado por vários estágios de avaliação, assim como os demais segmentos da sociedade, em decorrência das descobertas científicas, acarretando mudanças no fazer simultaneamente ao saber, é rápida a inserção de novas atitudes e comportamentos, havendo, conseqüentemente, a incorporação de novos valores. Reconhece-se que a velocidade do tempo, principalmente de circulação de informações, tem requerido ações diversificadas e uma competência reconhecida; há também que reconhecer-se que esta velocidade interfere nas possibilidades de análise para esclarecer se o "fazer" é o mesmo de outros tempos ou, ainda, o que predomina. A evolução da Enfermagem tem possibilitado vários estudos e, por isto mesmo, registro, nesta Tese, questionamentos sobre o que é Enfermagem. Mas, o que parece ser uma pergunta comum, pede ou exige uma reflexão *lyre* sobre a Enfermagem como Arte em sua maneira de pensar, ensinar e realizar o cuidado. Acerca da maneira de pensar, elege-se a imaginação: a imaginação que é uma capacidade interior individual humana, passando pela experiência e os sentidos para aguçar a sensibilidade. Da criatividade como conseqüência deste caminho que possibilita o surgimento de novos modos de fazer como Arte, a Arte de fazer Enfermagem. E é este o alvo da reflexão; a Arte e a Enfermagem. Como se trata de uma proposta de reflexão, anterior "ao fazer" ficam algumas conjecturas, principalmente na formação, como uma proposta de encaminhamento de mais uma forma de educar para o cuidar em Enfermagem. Para realizar este trabalho usamos de um artifício literário, a metáfora, que chamamos de garimpo, sem ter a pretensão de que se esteja disponibilizando à sociedade um trabalho literário. O garimpo no sentido de que a Arte, como algo precioso, para ser encontrada precisa ser cultivada nesta terra fértil, e como pedra preciosa, diferencia-se de outra não preciosa. Garimpagem vista como processo de buscar entender a Arte e a Enfermagem em alguns terrenos. Para explorar os terrenos e buscar essa matéria: a leitura de artigos que usam o termo Arte em seu discurso, publicados em periódicos nacionais em cinco anos; a Fábrica de Expressões com alunos de graduação de Enfermagem. Foi necessário fazer um mapa da mina, para chegar a uma garimpagem, e ao encontrar a pedra preciosa, a Arte, fazê-la passar por uma lapidação e chegar à ourivesaria. Reconhecemos que o conhecimento em Enfermagem está nas meadas entre a Arte e a Ciência, entre o saber e o fazer, onde o homem de hoje se instala, permitido pela aceitação de que a imaginação da qual o homem é dotado existe, e é de valor. A imaginação que, na liberdade de cada um, em seu livre arbítrio, pode cultivar o precioso independente da forma.



## ABSTRACT

MARTINS, Cleusa Rios. Imagination and human senses in Nursing care. Florianópolis, UFSC, 1999. 180p. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós – Graduação de Enfermagem / Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

Key Word: Nursing, imagination, art, senses, experience, sensibility

### **Imagination and human senses in Nursing care.**

Nursing, since its institution as a profession, has developed various aspects on the meaning of caring, assisting, and teaching. Such meanings go through the conception or explanation of their value as a collective partaking, but have not yet offered an answer to questions of definition. Nursing, as a science, has accompanied trends in knowledge development in our epoch, a time when it becomes installed as a profession. In following its path, enveloped by a logics of Cartesian scientificity, it is explanatory and objective as part of the social context, satisfying what is called social needs. This should not be seen as a mistake or fault, but rather as an installation strategy, or survival, both amidst society in general and their peers. Since the profession has gone through various evolutive stages, similarly to other segments of society, as a result of scientific advancement, changes are introduced in doing, simultaneously with knowledge, and a rapid insertion of new attitudes and behaviors brings the incorporation of new values. It is accepted the speed of time, mostly in the circulation of information, has required diversified actions and a well known capacity; also to be acknowledged is that such speed interferes with the possibilities of analysis when trying to clarify whether the “doing” is still the same as in past times or, still, what is predominant. Nursing evolution has made possible a variety of studies and, exactly for that reason, I register some questionings on what nursing is. However, what is dressed as a simple question, asks for or demands free reflection on Nursing as an art in its way of thinking, teaching, and delivering care. On the way to think, imagination has been our option: an imagination which is a human interior individual capacity, going through experience and the senses to sharpen sensibility. Creativity is a probable consequence of this route, allowing for the appearance of new ways of doing as art, the art of doing Nursing. And this is the goal of reflection, Art and Nursing. Being this proposal to engage in reflection, a few considerations come ahead of “doing”, above all in formation, as a proposal of guiding for one more way to educate for caring in nursing. To conduct this work, we have used a literary artifact, the metaphor, which we have called panning, without pretending a literary work is offered to society. Panning, in the sense that art, as something of value, is only found when cultivated in this rich soil and, as a precious stone, is different from a non-precious one. Panning, seen as a process where we seek to understand art and Nursing in various terrains. In exploring these grounds and looking for the subject matter, we engage in the reading of articles where the expression “art” is part of the discourse, such as published in national journals for the last five years. This is a factory where expressions are put forth with Nursing under-graduation students. It was necessary to draw up a map of the mine to develop this panning, and upon finding a stone, art, to have it lapidated and reach the goldsmithery stage. We recognize Nursing knowledge as being lodged between art and science, between knowing and doing, where modern man is installed, for the acceptance of man’s imagination as a valuable asset. This imagination which, in everybody’s freedom and free will, can cultivate the precious, independent of form.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, registro uma reflexão sobre a Arte e a Enfermagem. Para tanto, fiz incursões, mergulhei no diálogo interno que se revela como inquietações e busquei encontros, de leituras de materiais escritos e revelados de outro modo, sobre a arte, em filosofia, pelos fazedores de arte: os artistas.

De início, percorro o meu passado e rememoro os meus pluri-lançamentos neste desbravar. Registro que fiz incursões no caminho instigante da arte.

Reconheci a necessidade de buscar conhecer mais sobre esta profissão e, nessa reflexão, tive experiências conscientemente construídas por sentir-me mais que curiosa, compelida a seguir... Percebia carências na minha formação profissional, sobretudo no desenvolvimento da sensibilidade, face ao prazer, ao sofrimento, ao lúdico, ao encantamento, à consciência das emoções humanas que dão força aos sentidos, pelo menos aos cinco tradicionalmente registrados - olfato, visão, tato, audição e paladar.

Este meu percurso na trilha da arte teve sua primeira estação no teatro. Questionava-me sobre qual ou quais os momentos curriculares que influenciavam na formação desta “personagem”. Associei minha procura àquilo que tanto se busca na Enfermagem, sob o rótulo de “perfil do enfermeiro”. Eu me perguntava se havia semelhança, e qual ela seria, entre o que os Enfermeiros estudam como “perfil” e os elementos de formação de “personagens”.

Continuei a viagem de “procuras” e caminhei para um curso de Etno-arte. Este caminho é permeado pelo estudo de máscaras, pela decodificação do primitivo, pelas leituras de mapeamento do pensamento indígena, sua pintura corporal em cores, seu canto, suas vestes, suas formas, suas danças, tudo isto representa “formas de pensar” que carregam em si marcas, expressões culturais. Mais uma vez, construí perguntas para a Enfermagem, ao refletir : que marcas ou expressões a definem como uma profissão? que máscaras, que cores, que cantos, que vestes, que danças? como ler as suas formas de pensar, as suas expressões culturais?

Passei a transitar em reflexões com grupos de dança. Pude ver o movimento do corpo como uma poesia. Os gestos-sentada, ou o correr das pessoas que dançam, expressam vitalidade nos movimentos. É inegável que há um poema nos gestos.

Renovei reflexões e me detive na possível dança poética de Enfermeiros, por exemplo, quando cuidando de pessoas nos hospitais. Quantas mensagens corporais esses movimentos encerram; o compasso, o ritmo dos afazeres da Enfermagem marcam, desenham espaços; demarcam extensão e limites corporais, e isto pode estar associado até mesmo a modos de decisão, inerentes à presença do Enfermeiro ao cuidar do outro, em determinada situação. Desejei e impulsionei perguntar como ensinar e aprender esta dança que os Enfermeiros têm e quanto será precioso conhecê-la para compreender a mais autêntica e consciente atuação profissional.

Então, procurei ler diversos conceitos de arte e impressionou-me um que referia sentir a música como a melhor forma de entender a Arte. Parti em busca de reconhecer a questão de musicalidade. Como não sei música, procurei uma professora dedicada a este assunto. Contei a ela do meu interesse. Ela começou propondo-me exercícios e mostrou-me vários tipos de expressões musicais e esclareceu sobre a diversidade de códigos de registro das mesmas, embora o mais convencional e popularmente conhecido seja o registro de código de notas em pentagrama. Nesse estágio, pude refletir sobre a criatividade do artista que traz à tona a representação da sonoridade que produz. Mais outra vez descobri perguntas na Enfermagem. Qual é a sonoridade daqueles que praticam, no dia-a-dia, a Enfermagem nos Serviços de Saúde? Parecem ser as mais diversas e parecem ir de acelerações intensas à suavidades muito especiais, e quase não nos damos conta ou consideramos como ela é parte importante do trabalho de Enfermagem.

Incurionei, então, no trabalho com argila. Este, trouxe-me a possibilidade de ir além do pensar e, sim, chegar às formas concretas do pensamento estendidas às mãos...Quantas vezes, ali trabalhando, pensei sobre a aprendizagem de Enfermagem e tantas “exigências de habilidades” que são feitas sem que o aluno tenha tido o prazer de, concretamente, passar a fazer a relação entre a produção das formas concretas e o pensamento. Perguntei-me, ainda,

quanta emoção teria o aluno ao aprender se, por esse tipo de experiência, pudesse compreender o valor da habilidade dele, então, exigida? Foi caminhando nessa rede de nexos, que entendo apropriados para a profissão de Enfermagem, que percebi estar sendo constituída uma composição única, um corpo. Então desejei buscar mais e mais outras formas, como a da poesia e outras obras literárias. Flagrei-me com vontade de apreciar essas leituras, sentindo prazer nas leituras de autores como Cora Coralina, Guimarães Rosa e outros tantos presenteadores de emoção aos leitores. A emoção que suscita sabores, odores e lembranças; é possível aguçar o paladar, imaginando o doce diante de uma boa lembrança ou, ainda, quem não referiu o gosto amargo na boca quando o Brasil, em 1998, perdeu a Copa do Mundo para França?

Fui invadida por uma sensação de ternura quando parei a olhar minha aprendizagem literária, como me emociono nesta leitura e, com a imaginação aguçada, me deprimio por perceber a falta de encantamento na prática do enfermeiro...

Com estes breves traços de expressão de minhas vivências e crenças, venho percorrendo um caminho “convencional” [ nos meus limites de liberdade possível, a par da estranheza de outros], nem tão simples e nele reconhecendo a possibilidade de trazer à tona a expressões de Arte no cuidado de Enfermagem.

No desenvolvimento desta reflexão, a primeira procura, reportou-se ao desvelar o que se considerava importante, de valor: A ARTE. A Arte como algo que pode ser passível de leitura, que é e pode ser compreendida sob vários ângulos e, está por isso, evidenciada, que participa de todos os atos humanos, e que determina a existência da genialidade, da criatividade que se declara como manifestante, o que representa o homem como ser social.

Do social que se constitui a arte de Enfermagem, como trajeto em estar entre o que cuida e o que recebe o cuidado de Enfermagem. Este ponto que liga e revela em fragmentos do cotidiano, nas entrelinhas das ações, que por momentos absortos e carregados de responsabilidade passam despercebidos aos personagens em pleno ato, o quanto de genial, de criativo existe, mesmo nos pequenos espaços...

Então, o que poderia ser um problema quando o destaque é a arte e a busca do entendimento sobre o que é cuidado, em enfermagem, se mostra sempre tão complexo?

Por estar em meio a uma encruzilhada de intensa complexidade, a decisão para o rumo a seguir é, necessariamente, encontrar uma questão que oriente a iniciação por alguma trilha.

### **O PROBLEMA :**

Como iniciar um caminho de desocultação da arte, de forma a ampliar as possibilidades de reconhecê-la na especificidade do cuidado de enfermagem?

Desenvolver este trabalho inclui, como importante pressupor que há um lugar onde a arte se oculta e des(oculta) num incessante movimento que rodeia o cuidado de enfermagem. Assim pensando, coloco a proposição que defendo como **TESE**:

- a intencionalidade pedagógica de desenvolver as possibilidades da imaginação e dos sentidos entre cuidadores, enraíza caminhos de expressão da arte no cuidado de enfermagem.

### **OBJETIVOS**

Propiciar, através do processo reflexivo, o reconhecimento de expressão da imaginação e dos sentidos no cuidado de enfermagem.

Identificar, num espaço possível de experiências, formas de pensar artísticas para refletir o cuidado de enfermagem.

Buscar expressões de enfermagem que não estão contidas nos escritos, mas aquelas não verbais, inseridas nos espaços marginais da questão científica.

Para exercitar esse pensar sobre a Arte e a Enfermagem faço uso de uma **metáfora**: a de um **garimpo**, a **garimpagem**. Ao surgimento da idéia deste garimpo foi necessário estabelecer um mapa, o que se constituiu o **mapa da mina**. Desdobrando como o local a ser trabalhado: artigos de Enfermagem publicados na Revista Brasileira de Enfermagem, e **Fábrica de Expressões** com alunos de graduação em Enfermagem.

A **garimpagem**, aqui está vista, por mim, como um processo de procura ritmada, auscultada, desenhada e refletida, para descobrir o lugar que o termo arte vem ocupando e significando na Enfermagem. Ao lado disso, a **garimpagem** inclui uma interpretação daquilo que, ao garimpar, foi sendo encontrado. O espaço da Arte, como colocação teórica, traduz a tendência interpretativa do mesmo, seja como obra pensada, obra trajeto ou, obra acabada, utilizando as expressões, deixando exteriorizar ao olhar, ao ouvir, dando sentido para relacionar com o outro, no mundo das aproximações, seria esta a **arte** que procuramos no cuidado de Enfermagem?

A **garimpagem**, entendida como um processo de reflexão dos contornos sobre a Arte Enfermagem, na procura de leitura da maneira de ser arte enfermagem. Dar um possível contorno, mesmo no movimento no tempo e no espaço diferentes, ou seja, neste processo, a **garimpagem**, entende-se em seu conjunto: a **mina** como o lugar onde pode ser encontrado as maneiras de cuidado de enfermagem, o **garimpo** como o lugar do exercício de expressão, experienciado através de exercícios artísticos, a **lapidação** como a seleção, olhar e tratamento com sensibilização de material resultado da expressão encontrado no garimpo e a **ourivessaria** dispõe das expressões de ser gente que cuida de gente.

A busca em artigos de Enfermagem, do termo arte, num período de cinco anos, revela que dentre cem artigos, em quatro estava presente o termo arte, com sentidos oscilando entre o modo de fazer, de ser, de disciplinar uma profissão, mas fica claro que o termo serve como amortizador para falar de cuidar e curar em termos mais leves e subjetivos, oferecendo ao leitor a oportunidade de dar o entendimento que ele quer, permitindo um ar de liberdade e amplitude ao significado.

Criamos a **Fábrica de Expressões**, para exercitar uma experiência proposta aos alunos de graduação de Enfermagem, com anuência de direção da escola, e realizado na escola deles.

Com a participação de 10 alunos e um professor de Enfermagem, tendo por objetivo exercitar técnicas artísticas, fazendo reflexões sobre a Arte e a Arte de Enfermagem, “fazendo”. Este “fazendo” é a simultaneidade da ação – reflexão, como proposta de despertar, para o “nó” existente, dar visibilidade

reflexiva numa abordagem fazer-pensar, pensar-fazer, agir-refletir, refletir-agir, num constante “estar” em grupo.

Para o pensar no exercício da **Fábrica de Expressões**, a imaginação foi valorizada, ou seja, como maneira de pensar, usando a memória, estimulando os sentidos do olfato, da audição, do paladar, da visão e do tato; usando materiais como obras de arte plástica, uma tela pintada por artista da própria região, instrumentos musicais, música eletrônica, argila, alimentos de vários sabores.

O alertar para o próprio corpo em movimento, na auto descoberta e descoberta do outro. Do imaginar, o sensível se instala com a agudeza própria do despertar, do acordar para o que está em frente no momento. Em seqüência, a premência de expor o que nasce como expressão única de cada um: a criação!

A criatividade nasce, revela-se a cada um e de um para outro no grupo, em linhas de lápis e pincéis, cores, em tintas, movimentos em dança, em verso, em prosa, em canto na própria voz. A síntese de cada um recai ao último encontro, a compor a síntese quando todos colocam seus pensares para descrever os dez dias de encontro pensando em arte, artistas, experimentando maneiras de fazer arte em enfermagem, encontrando obstáculos, encontrando saídas para o exercício do momento e respostas existenciais.

Na busca pela garimpagem, a pedra preciosa encontrada neste espaço leva à lapidação, como “ser ou não ser”, como lapidar para dar visibilidade às facetas existentes em cada gema encontrada, permitindo a luminosidade transparente e revelando o seu valor.

Para lapidar, os instrumentos são o que de cotidiano e efêmero existem, dando oscilação ao entendimento e compreensão de ser ou não ser, dando subjetividade à arte de Enfermagem. Percebendo que o instante em que se faz é como a música, é obra em trajeto, com o pensamento permeando, fragmentado e carregado de sensibilidade, ou seja, o mesmo momento em que se declara o cuidador, estabelece a ligação entre o cuidador e o cuidado, e entre os dois é iluminado. Instantaneamente, a existência é perene como momento de criatividade, sensibilidade com o fundo da imaginação percebido pelos dois personagens do cuidar.

A lapidação desta **pedra** preciosa nos coloca frente a muitos estilos de ser em cuidar, ou seja, com modos de fazer diferentes, com cores, traços linhas,

sons, movimentos diferentes, mostram um universo plural, além da dualidade preconcebida pelo que considera a academia.

A partir desta leitura as **pedras**, com suas faces essenciais parcialmente reveladas, nos trazem de volta ao mundo do que pode ser transformado, criando novos modelos, novas peças, novas jóias.

Numa composição que vai desde o uso de um mesmo padrão como modelo, como compor com pedras de facetas, cores, matizes e tamanhos diferentes. Ou seja, a identificação de conceitos de Arte e Enfermagem que podem ser compostos, criados de acordo com o tempo, com o lugar, a situação do momento, a visão de um instante, a vivência de cada um dos componentes, a disponibilidade, a percepção, a sensibilidade, a expressão possível que cada instante permite no fragmentado mundo da era da virtualidade, onde o rápido já chegou.

Assim é esta Tese; embora tenha uma escolha consciente, ela pode parecer não lapidada, mas se o fizer com muito rigor, em consonância com a “expectativa científica”, a arte que tanto me movimenta corre o risco de ser colocada num plano diferente daquele que dá sentido ao ser ou não ser da Enfermagem que exerço e com a qual partilho e compartilho minha vida e existência...



## CAPÍTULO I

### A IMAGINAÇÃO E SENTIDOS NA DESCOBERTA DO GARIMPO

Para “ler” a arte de maneira que possa ser compreendida e permitir vivenciar como experiência no cotidiano precisa-se de um artifício como o usar a analogia como uma ponte entre o que se percebe e o que é percebido. Fica mais “vivo” quando se usa a **garimpagem** com intenção de procurar algo precioso nos lugares em que se sabe que, provavelmente, existe, mas está em sua forma bruta, grudada, fixada, incrustada na natureza em que tem origem. Desse modo, usar analogia valoriza o que se quer representar, põe em relevo, permite “apreender-se melhor a labilidade e o aspecto polissêmico do vivido social” (Maffesoli, 1988, p.130).

Para explicitar o uso de analogia de um garimpo, como uma tarefa que seja mais fácil, mais limpa, mais objetiva para a compreensão do significado do vivido, autores como Maffesoli colocam como posição adequada quando essa analogia favorece “o entendimento do cotidiano”, sem desqualificá-lo, sem diminuir o seu valor, onde revela os espaços que tem dificuldade para o dizer, para a palavra no lugar das idéias, imagens dentro de si, e não têm tradução: ou seja, a analogia ajuda a traduzir, criar a correspondência e desvelar. Tanto a metáfora como a analogia são usadas como veículo para transmitir idéias, “metáfora é artifício legítimo, não apenas na literatura, mas também na ciência, na filosofia e no direito, é eficiente(...) na descrição e na prescrição”, declara Davidson (1992,p.36).

Shiff (1990), ao destacar que o mundo está em constante mudança, reconhece que a “metáfora confere à verdade da experiência a verdade do conhecimento, pois ela é o meio de passar do imediatismo individual a um mundo público estabelecido; o novo deve ligar-se ao antigo e a experiência de um indivíduo deve ligar-se àquela de sua sociedade.”

Bachelard (1990), coloca do sonho, do inusitado das coisas que tem dificuldade de falar e de escrever...o sonho difícil de contar, mas que mora em sua idéia, que só através da metáfora, da analogia é possível traduzir para o mundo visível e palpável.

A escolha da analogia, neste trabalho, reveste-se de imagens de visões sobre a arte, de como a arte pode ser encontrada, e quando se faz Arte-Enfermagem, e é colocada em exercícios e artificios que evidenciam e pontuam visões para entender os seus significados, tanto como Arte e como Enfermagem em maneiras de viver.

## 1.1 O desabrochar

Este estudo decorre de reflexões e contínuas aproximações com a Enfermagem. Repensá-la como Arte nos leva a um esforço pessoal para outras dimensões do fazer, da essência, e da existência desta prática social. Fazer uma reflexão que é decorrente dos movimentos sociais, das condições de vida a que nos colocamos, as condições de trabalho que construímos, esses motivos tanto podem ser pessoais como uma exigência contextual; ou seja, a necessidade de estar atualizado e atento ao “aqui e agora”, próprio ao ser humano.

O processo evolutivo do ser desvela necessidades que, de um modo ou de outro, se constituem em motivos para que as práticas sociais sejam postas como objeto de reflexão; assim também ocorre com a Enfermagem. Isto se realiza, com maior velocidade no presente século, à medida em que a comunicação desvela, de modo quase simultâneo, o mundo e seus processos de sobrevivência e transformação da realidade e isto, acaba se configurando, na prática, como exigência contextual.

A relação da Enfermagem na perspectiva contextual pode assumir visibilidade sob diversos pontos. Um dos pontos que suscita muita inquietação refere-se a *desmistificar o que é a arte* nesta prática social. A Arte de Enfermagem é passível de ser evidenciada, segundo meu entendimento, em sala de aula e no dia-a-dia do cuidar de si e de outros, basta ter clareza (consciência), de que é necessário superar os preconceitos, particularmente aqueles relativos ao ver arte como algo fácil ou “balela”, brincadeira ou algo inalcançável. Mover-me

e permitir-me aceitar minhas inquietações, acerca da experiência criativa, tem sido um movimento interno e externo do meu ser buscando a inesgotável recriação – “Arte / Enfermagem”.

A aquisição de uma consciência mais crítica, representa o problema da Arte em Enfermagem em seu conceito, em sua filosofia, traçando causas, destacando contradições e identificando analogias e mal entendidos em relação à terminologia (semântica).

Ao estudar a história da arte, destaca-se o tema da natureza do homem em si. Os problemas do homem, captados ou explicitados através da arte, emergem da necessidade de sua própria existência diante de si e do outro, realidade que procura entender, independente do ponto de partida, para se chegar a uma discussão, reflexão, à convergência que recairá sobre o ser humano, ao nível individual e coletivo.

A questão da Arte na Enfermagem remete para a compreensão dos desafios conceituais de Enfermagem porque habilita às reflexões que possibilitam novas discussões com argumentação e oferece superação do “achismo” e “amadorismo”.

Contribuir para isto remete a alguns paralelos entre a ciência e a arte. É como se fora traçar os trilhos por onde o trem passará, sem esquecer que ele tem uma rota e sentido, mas nem por isso outros trens deixam de existir e com outras possibilidades de rotas.

Na perspectiva da tradição científica requer-se um primeiro passo, ou seja, buscar ou responder “o que é arte?” Para tanto, devemos seguir estudando os textos básicos e clássicos de Enfermagem, sobre o conceito de Enfermagem, por certo nos levará a identificar novas conotações do uso da palavra Arte em Enfermagem.

De modo complementar, estudo textos sobre técnicas artísticas e conceitos de arte com alunos de Graduação de Enfermagem, utilizando abordagens sobre sentidos, sentimentos, identificando categorias conceituais, aproximadas entre eles e os textos.

Refletir sobre a origem da arte, não é recente mas sempre é uma questão de vanguarda. A discussão sobre como a arte surge ou se manifesta, tem sido

empenho de vários cientistas, historiadores, críticos de arte e artistas, e aqui incluo alguns registros de algumas regiões do mundo em todos os tempos.

O desafio maior é não fugir, enfrentar uma discussão em área na qual me sinto desperta e sensível para acolher a Arte na Enfermagem como ela se apresenta. Reconheço que abrir caminhos para novas reflexões significa conviver com solidão, angústia, negação e autoritarismo acadêmico; assim mesmo, sigo adiante. Entre os vários “não rumos”, tomo em conta o que se diz estar presente no “Ser Enfermagem”, como “ente”, em seu conceito, para, mesmo na negativa da forma, registrar fragmentos de uma reflexão, com a esperança de que, algum dia, venha a se constituir em suporte teórico para caminantes...

A Arte tem vida dinâmica e, como o próprio homem, mutável, que não se esgota em dizer que é impossível manter uma estabilidade para leitura de um só prisma sobre ela, sobre o seu valor histórico/ cultural/ econômico, na participação e desenvolvimento de um povo.

Falar de arte quando críticos buscam a obra para tecer suas idéias, o recado recebido é dado, mostra que é impossível falar de arte pela arte se não se falar das coisas que vêm da arte pela existência da arte, uma das possibilidades éticas para acolher o vir a ser do homem.

O que isto quer nos dizer? O que chama nossa atenção? Se buscar o tempo? Busca que fez a arte ou o produto dele- o tempo - com o encontro com a arte? E eu? Eu, estou a querer buscar o espaço da arte, a manifestação de arte na Enfermagem, num corte temporal de minha vida e da existência da Enfermagem.

Espaço e manifestação que se buscam como coisas materiais e específicas, estanques, mas que, no entanto, se constituem em inefável, imaterial, porém, paradoxalmente, concreto pela própria dialógica da arte na vida humana...

Reconheço que estas coisas são produtos da mente humana, que se transforma conforme o que o homem faz no momento, dando expressão a outro elemento básico da filosofia - a temporalidade...

...é inegável a necessidade de, como trabalhadores de um campo bem delimitado - a saúde - ampliar nossos referenciais para o pensar e o agir, numa perspectiva interdisciplinar...

... a reflexão filosófica como um dos eixos para compreender o processo de viver e ser saudável, recomendado no Curso no qual estou inserida e que eu acolho porque vai ao encontro do pensar que busco exercitar todos os dias.

A arte, explicita a expressão, a percepção, o pensamento e o sentimento como dimensões do viver humano, e oferece subsídios para evidenciar outras denotações ou categorias da existência e consciência humana.

Viver, portanto, é uma experiência de formas, movimentos, cores, imagens, percepções, símbolos e signos, permeados pela imaginação, pelos sentidos, pelo saber, pela cultura, que marcam e constroem a singularidade do processo de viver de cada um, em ritmo integrado ao processo de viver do outro, em determinado tempo e espaço.

## **1.2 A magia da descoberta, rememorando as raízes da idéia e me entregando ao caminho da arte**

Todas as vezes que faço algo, percebo que sempre estou a procura, naquele tempo e espaço, de mais uma superação do meu ser em eterna construção. Como se a realidade do momento não bastasse, todas as ações anteriormente realizadas vêm à tona, como lembrança dos feitos e a possibilidade de poder fazer melhor. Percebo que busco algo. Algo que, embora tente, as palavras são insuficientes para definir, mas sei que existe... Em meu encontro com Brecht (p.170), ele tratava deste assunto, com muita propriedade, dizendo: "Todo homem tem uma história que o ajuda na própria busca. Ao final sempre uma verdade surge. O modo de captar o mundo e sua vida, de ler, o que foi no passado, lhe confere sentido novo, sem se desprender do abstrato momento em que se vive."

É algo difícil de ser colocado ao mesmo tempo que conto uma história, reconstruindo os fatos vividos. Mas, talvez isto seja possível quando os fatos são colocados em seqüência, as ações, ambiente e pessoas em tempo e espaço delimitado, para entendimento de seus desejos, suas intenções e resultados, além de pedir explicações que justifiquem e esclareçam como possível verdade, ou a busca da verdade.

Todo homem tem uma história que o ajuda na própria busca. Ao final, uma “verdade surge”. Brecht (p.159) assim falava para explicar que ao perceber o seu modo de viver e pensar sobre si mesmo no passado, sem se separar do momento vivido, permitia dar sentido novo e absoluto ao que fazia. Seguindo esta trilha de pensamentos, escrevo minhas inquietações rumo a aproximações de “verdades”, particularmente àquelas que suscitam perguntas sobre o que significa ser enfermeira nos dias de hoje e meu **ir e vir** ao encontro da Arte na Enfermagem.

Buscar “uma verdade” – a “minha verdade”, pede um paralelo: a realidade palpável e visível. Entretanto, muitas vezes ao contar a própria história, a realidade vivida, passada, se apresenta sob véus e interpretações variadas e, percebo como faço a escolha de um só foco, para um possível relato e reflexões.

Ser enfermeiro não tem, contudo, uma instalação imediata, pois a presença é construída ao longo de uma existência por mecanismos chamados culturais, e que preenchem os requisitos da existência de uma sociedade.

A natureza do trabalho de Enfermagem requer uma presença, uma expressão de arte. A natureza do trabalho é multifacetada. Para reconhecer num trabalho as suas multifaces é preciso o conhecimento de suas leis, preceitos e normas, bem como a evolução da história, assim contextualizando e atualizando o trabalho no seu próprio tempo e fora dele. Desejo aqui destacar, com a liberdade de forma com a qual me identifico, uma recomendação e que acaba por se constituir em uma assertiva - todo exercente da Enfermagem precisa conhecer a história desta prática social!

Até porque, nem sempre as fronteiras entre os conhecimentos sobre a ciência e a arte mostram-se visíveis em seus limites, no sentido figurado ou fragmentado, estas fronteiras formam unidades ao se encontrarem, particularmente se observadas à luz do tempo e espaço.

Tenho cultivado a experiência intencional através de atividades, na Arte e na Enfermagem, estando atenta no espaço e no tempo presente. Nesta forma de encaminhamento, me encontro contando e refletindo sobre a história profissional pessoal, sob o ponto de vista de intenções e desejos, muitas dessas vezes me defrontando fortemente com a contradição interior de dar vazão à experiência artística, do criar, estudar e conviver, ou me inserir na vida acadêmica, no modo

tradicional, e justificar-me procurando argumentos em palavras para esclarecer o caminho escolhido.

Há alguns anos atrás eu, ainda estudante de Enfermagem, percebia que a assistência era feita com a tônica forte sobre a técnica, ao material utilizado para o desempenho da profissão. A técnica como ação - resposta a uma reação, como modelo único. Fechada em si mesma, a técnica, apenas; como maneira reveladora de conteúdo único e indissociável, sem questionar outras maneiras, sem possibilidade de outros modelos. Também, não eram esquecidos os requisitos. Alguns requisitos da aparência, a vestimenta- modo de vestir, falar e andar. Isto colocado, o modelo único de fazer a assistência, livre e limpa de reflexões.

Ao iniciar carreira profissional, era importante acompanhar a evolução das descobertas na área da saúde e estar atualizada, atenta e acompanhar este processo. Estar atualizada e atenta, significava participar de cursos de extensão, associação de classe; promovia cursos e debates, adquiria livros técnicos, participava da produção de apostilas, enfim... seguia a rota da maioria...

As inquietações internas me faziam perceber que somente as técnicas de Enfermagem não eram suficientes para poder resolver as situações que surgiam, pediam conhecimentos e técnicas administrativas, organizacionais, técnica e conhecimentos políticos e ainda, de relações e psicológicas. Lia sobre os mais variados assuntos, para achar a “fórmula mágica”.

Com os esforços que fazia, algumas vezes conseguia equacionar e resolver a situação “à minha maneira”, isto é, com a ajuda da leitura e consultas. Outras vezes, não conseguindo solucionar as questões do processo assistencial, devido a algumas condições adversas que minavam minhas forças e segurança de estar no caminho certo e, principalmente, porque tinham muito a ver com a estrutura social. Toda a atividade de Enfermagem, que eu desenvolvia, tinha o reflexo das condições ambientais, isto é, contextualizada, enraizada nas demais situações vitais.

Assim, executar o trabalho do modo como eu o concebo, deveria acontecer enquanto engajada nos movimentos para melhora das condições de trabalho, para redução de carga horária; visava o melhor desempenho, mais trabalhadores qualificados, aperfeiçoamento de profissionais, avaliações, com um

mundo cheio de argumentos a perder de vista. Mas não era só isso, porque eu sentia algo mais me mobilizando internamente.

Então, trabalhei a investigação acerca da satisfação/insatisfação dos Enfermeiros e, este estudo, até certo ponto, me reforça argumentos de que são necessárias mudanças na prática de Enfermagem e na formação do Enfermeiro (Martins,1989). Neste trabalho foi usado instrumento criado por Hescket, com base na teoria de Maslow: a hierarquia das necessidades humanas básicas. A expectativa dos resultados era de que os Enfermeiros fossem unânimes em dizer que havia uma insatisfação geral quanto as condições de trabalho, relacionada às necessidades primárias básicas como alimentação, ambiente e salário.

Mas, o que se obteve como resposta foi que: eles, não só respondiam indiferentes às necessidades básicas, fisiológicas e ambientais, como, também, havia um elevado índice de insatisfação relacionado a auto realização.

Ora, se a auto-realização, conforme Maslow afirmava, sugere o mais elevado nível de desenvolvimento do ser humano, relacionado à liberdade no sentido mais amplo do desprendimento do ser humano; o componente humanista, onde há disposição de humanidade, com desprendimento dos bens materiais, com os olhos voltados para o imaterial, “o ilimitado” onde a produção material não se visualiza, não deixa vestígios de sua passagem, desvanece-se no ar. Assim imaginei os resultados da pesquisa, desvelando um ângulo especial no qual o enfermeiro pode ser melhor compreendido.

Não encontrei reforço aos argumentos para a questão por melhores condições de trabalho, mas percebi que havia algo que fazia parte entre essa questão de auto-realização e a arte de Enfermagem.

No início deste processo de redirecionamento de minhas buscas, o pensamento, frente às leituras de trabalhos realizados por Stanislavisky e Brecht sobre teatro, criação de papel, personagem, despertava para um confronto entre esta linguagem e a situação do estudante de Enfermagem: como a ele era oferecido o ensino de Enfermagem, pretendendo formá-lo para o papel de enfermeiro ao final do curso, quais as condições internas de cada um para que se transformasse na personagem profissional enfermeira? Vinham mil questionamentos à mente!



Frente a estas indagações, percebi que anteriormente à construção das personagens da equipe de Enfermagem, o importante e imprescindível é o objeto da Enfermagem, e para tanto, a questão artística da Enfermagem reveste-se de amplo significado. Restava-me, portanto, a compreensão de arte no processo de ser Enfermagem e de como se expressa, em termos de significado, para a própria existência, minha e do outro.

Parti para a conversa informal dos corredores da Faculdade, do hospital, sobre a arte de Enfermagem com as personagens da Enfermagem, em distintos papéis no espaço e tempo. Nestas conversas, o que se conhece como arte é o “jeitinho” para fazer algo adquirido pelos conhecimentos, informações, “a abordagem especial e individual, sem perda de vista da ciência”. Reforçando que “quando se perde o lado artístico deixa-se de ser humano, fica-se frio”, ou ainda que “se procura alguma forma diferente de aplicar a parte científica, do cuidado, levando-se em conta a criatividade”. E ainda, que “pode ser influenciado pelas condições que se tem”. Encontramos afirmações de que essa arte, não sendo absoluta, estivesse presente e dependente da artista; ou há pessoas que fazem da Enfermagem uma arte e outras não; “e que tudo o que não é explicável pela ciência é arte... existindo uma ligação de arte com intuição.”

Alguns desses posicionamentos ressoavam como eco de mim mesma, mas aumentaram as minhas dúvidas acerca do assunto. Outras inquietações se relacionam às minhas dúvidas sobre: por que os currículos de formação de Enfermeiros, em seus primórdios, continham a disciplina “Arte de Enfermagem”? Seria a arte tomada pela profissão de Enfermagem como uma das maneiras pelas quais o homem reordena, reflete sobre e representa a sua experiência para a vida no seu fluxo e momento perspectivo, de modo que a experiência humana possa destacar-se no objeto estético, na sua perfeição e realizações finais? Como não se angustiar com o oposto da arte, no que se vê em muitos “concretos institucionais”: a insensibilidade e a despersonalização, a falta de criatividade, a repetição vazia, a rotina, uma vida sem vida, sem expressão, sem forma, e sem sentido, numa convivência humana coletiva?

Todas as artes possuem caracteres essenciais: primeiro, por seus efeitos sobre aqueles a quem se dirigem, constituem um conjunto de propriedades e relações de ritmos e harmonia do qual pode resultar o efeito agradável dos

mesmos. Segundo, como se realizam, requerem uma soma de faculdades especiais no e do artista, igualmente independentes da educação técnica, e o hábito, que serve a um só dos fatores preparatório e ao outro como auxiliar. Esse elemento imprescindível da arte, em seu exercício, é chamado de inspiração.

É possível, contudo, estabelecer um grupo de “arte mecânica”, onde reina só o hábito e a educação e não a inspiração, como é o das belas artes. Arte e a natureza são dois gêneros mais compreensivos, formados pela inteligência humana; porque dentro do gênero natureza e no da arte, abarca-se todos os fenômenos do universo.

A natureza é tudo o que existe com independência do estudo e do trabalho ou, em outros termos, os fenômenos tal qual os encontramos. Arte é tudo o que não encontramos, senão o que produzimos com invenção, esforço, imaginação, disciplina, conhecimento e discernimento.

Segundo os clássicos da filosofia, a arte é a imitação da natureza, controvérsia para objetividade e subjetividade da beleza; faculdade que professa a independência ética da estética, dentro da finalidade artística. Nisto se reserva que a estética seria a exposição de tais princípios, definindo-se arte como sendo toda a operação regulada, mediante a qual os seres organizados perseguem um fim por eles conhecidos, junto com as regras e o resultado da mesma.

“A arte faz parte da vida do indivíduo, enquanto estratégia, meio de ampliação de sua presença (corpo, alma e divindade), na história do planeta, integração, inter-relação, ser em plenitude”.

“A arte amplia as possibilidades”

Um dos exemplos da necessidade de demonstração do significado, o conceito de arte, pode ser tomado pelas obras “gênio da arte de Belli”, exposto na Itália e o “gênio da arte de Merdé” em Paris, no Louvre. A necessidade do autor em colocar em matéria sua noção de arte, traduzida em uma peça em escultura, com asas e feições de criança para demonstrar a leveza, a graça, com aspectos físicos humanos, infantis, dando a entender a espontânea alegria.

O conceito não é só teórico, a prática tem sua parcela de participação na construção conceitual, ou seja, no processo teórico-prático encontra-se a conjunção de uma arte.

“Conceito é considerado como construções lógicas, pré-estabelecidas conforme as referências. Quando esquematizados no pensamento, dão significado; o conceito tem como função representar a realidade ou aspectos da realidade. Podem estar próximos dos fenômenos que representam, ou estar distantes dos fatos ou ainda objetos que se quer representar. Quando distantes, são inferências da realidade, num nível de abstração mais elevado com significado adicional, deliberadamente e conscientemente inventado ou adotado com objetivo científico específico. Assim, todo conceito tem uma intenção ou conotação e uma extensão ou denotação ou domínio de aplicação. O conceito deve ter “lógica interna com significações que lhe conferem sua clareza e sua inteligibilidade”(Lewis, 1952, p. 123).

Segundo Ferreira (1986)“, é a representação de um objeto pelo pensamento por meio de suas características gerais e ação de formular uma idéia por meio de palavras, definição e caracterização...”

Partindo desse pressuposto, dessa idéia, um breve estudo sobre o conceito arte e o conceito Enfermagem pode propor-se um estudo: o colocar em “prática” o que se pensa possível na formação e educação.

O interesse sobre o que é arte não é coisa simples de explicar, primeiro porque é algo que passa pelo sentimento do mistério, do invisível e indivisível, daquilo que existe mas não se pode julgar, senão após a sua visibilidade. E a visibilidade só é possível segundo a ação do homem, quando ela, em seu movimento para viver, manifesta-se e torna o mistério não misterioso, claro, límpido e visível. Mas, tratando-se de um dos pontos de conexão entre os seres humanos, há que ser percebido pelos seus pares, pois, ainda, depende do seu julgamento, isto é, o que os seus pares declarem como arte.

Arte é, para Lewis (1952, p.19), apenas uma das maneiras pelas quais o homem repensa, reordena, reflete sobre e representa a sua experiência para si próprio, numa tentativa de parar a vida no seu fluxo e movimento perpétuos, de forma a que a experiência humana se possa destacar, no objeto estético, na sua perfeição e a sua realização finais. O que existe fora do homem, como natureza crua, o artista interioriza e transmite.

Na obra de arte o artista diz “Eu estou aqui e para mim a vida assumiu determinada forma. A minha vida não deve terminar antes que tenha dominado o

seu significado e valor. Aquilo que tenho visto, sentido, pensado e imaginado parece-me importante: tão importante que vou tentar transmiti-lo a vós, por intermédio de uma linguagem comum de símbolos e formas, que tenham algo de concentração, algo de intensidade, algo do deleite apaixonado que elevo ao mais alto nível em mim através do próprio ato de expressão. Com a ajuda da arte, e seus domínios, no presente, a experiência de toda uma vida: as potencialidades de muitas vidas. Estes momentos estéticos conferem à vida um novo significado; e esses novos significados elevam a vida a outros momentos estéticos” (Lewis, 1952).

Cada nova obra de arte é única, representa a experiência única, de um momento criado na vida. Surge da experiência original do artista e enriquece a consciência de toda a humanidade... Aquilo que existe dentro de si próprio, sentimento, sensação, emoção, intenção, compreensão, racionalidade é projetado para fora de si em formas e seqüências não existentes na natureza, marcando a transferência da interioridade do homem para o mundo exterior, com a correspondente materialização dos poderes subjetivos do homem e a respectiva manifestação externa da sua criatividade interna.

A sinalização do limite da ciência, não é a negação. A palavra como gesto, é o gesto, não distingue o pensamento da linguagem. A palavra como gesto é a própria operação da expressão, ou seja, a palavra expressa o pensamento que marca o religar de um grupo social. Quando essa expressão, essa palavra surge, ela, a palavra é e pode ser reconhecida como gesto por ocupar um espaço que a ciência propicia, por estar disponível a uma codificação e identificação referendando um grupo. O gesto reconhecido como ciência é a palavra, originado no pensamento e dirigido para uma relação entre as pessoas. Ainda, a palavra como o gesto cria um espaço de expressão científica.

A palavra não copia - ela pinta. A linguagem como experiência no pensar, no tato - os resquícios neurológicos (pensamento e linguagem). O pensar se torna pensamento, o gesto dirigido ao outro, para o outro.

Assim, fui me entregando, me envolvendo e deixando ser envolvida pela Arte que, com sua presença, vai possibilitando a criação dos meus contornos existenciais, de caminhante, em busca das possíveis verdades da Enfermagem e de suas possíveis contribuições para o processo de viver, inclusive o meu.

### 1.3 A arte

A arte pode ser concebida como a expressão, a percepção, o pensamento e o sentimento das distintas dimensões do viver humano e evidenciando as inter-relações de suas faces. Isto porque, viver é uma experiência através de formas, movimentos, cores, imagens, percepções, símbolos e signos sentidos, permeados pela imaginação, saber e cultura, que marcam e constroem a singularidade do processo de viver de cada um, em ritmo integrado ao processo de viver do outro.

A arte é um fenômeno presente em todas as culturas, onde ela, a arte, seria uma tentativa de concretizar formas, o mundo dinâmico do sentir humano, e desse modo ela não comunica significados, mas exprime sentidos. O sentido expresso em uma obra de arte é intraduzível.(Peixoto, 1979, p.299) Deste modo, o autor, se refere a uma identidade de uma obra de arte, uma obra de arte carrega em si o sentido, em sua expressão, em sua forma concretizada, sem possibilidade de uma interpretação, ela é.

A arte permite dirigir nossa atenção aos sentimentos e ainda contribui para o seu refinamento, favorece a imaginação e a utopia. Na visão estética, na poética da arte científica de Brecht, citado por Peixoto( 1979, p.339), a arte é “destinada a transformar o mundo,... tornar mais agradável e mais simples a vida dos homens, despertar o prazer pela atividade produtiva e transformadora”.

A arte não é competitiva nem comparativa, é expressão do processo.

Recorrendo a um entendimento etmológico da palavra arte, através dos registros encontrados, reconhecemos que nas línguas românicas significa *ars*, *artis*, tem significado controverso. No inglês a forma *art* está documentada desde 1.225, emprestada do francês. Nas línguas germânicas, tem sua raiz própria no alemão *kunst*, do sueco *konst*.

A documentação nas línguas românicas é precoce, mas presume-se que a forma não é um acervo primitivo, semi-eruditismo, cedo introduzido pelos clérigos medievais e cedo vulgarizado, sobretudo em acepção pejorativa, coincidente em algumas línguas românicas de engenho enganoso, matreirice, manha, de que o derivado em português seria arteiro, fazedor de artes, também no referido sentido pejorativo é exemplificado.

Tanto em latim como nas demais línguas o étimo subsiste, os sentidos do vocábulo são muitos, embora afins: o que é feito pelo homem; o que é bem feito pelo homem, o ofício, saber, experiência, o aprendizado adquirido, o conhecimento; a instrução, o conhecimento, a ocupação, o mister, o emprego, a profissão; destreza, perícia, habilidade, dote, engenho, gênio, talento; e o produto disso, as Musas, as regras, preceitos de uma arte, a parte teórica de uma arte.

Pela sistematização clássica os pensamentos grego e romano clássicos debruçavam-se sobre a filosofia e a metodologia que a arte suscitava.

Dizia-se, portanto, que a arte como processo ordenado tende a aperfeiçoar-se e a realizar-se, podendo ocorrer por força da natureza, reconhecido para os gregos como *phýsei*, correspondente no latim a *natúra*. Se não acontece como resultado do curso natural (natureza), ocorre por virtude do acaso, azar; do grego *týkhé*, no latim *causa*, em virtude de um ato conforme plano, um projeto ou vontade racional - do grego *tékhné*, do latim *ars, artis*.

A possibilidade natural do plano é condição para o desenvolvimento da *tékhné* ou *ars*, através de três fases sucessivas, ditas em grego: *opeiria*-inexperiência, *týkhé*- acaso, e *empeiria*- experimentação, experiência. O plano do homem com condição prévia de possibilidade natural. Ou seja, entendia-se que todo o homem em sua condição natural, inexperiente, pode aprender através de situações imprevistas, pode experimentar, desenvolver a *tékhné* ou *ars*.

Pode trazer consigo a aptidão natural- *phýsis, natura*, para esta ação. Se o homem é sem experiência, é *ápeiros*, fica sujeito ao acaso, *týkhe*, quanto ao bom resultado da ação.

Uma obra - *érgon*, nasce sobre a *phýsis- natura* mediante a *apeirái*- a inexperiência e a *týkhe*- acaso. O acaso seria o elo parcial da cadeia que conduz ao bom êxito casual da ação adequada como, por exemplo, o aprendizado que precisa ser acompanhado pela ordenação da razão. Essa é a iluminação intelectual, teórico-sistemática que se chama, em graus superiores, *tékhné*. A *tékhné* está vinculada ao ensino, pois deriva de uma necessidade racional.

*Ars - tékhné- docere*(ensinar), *doctrina* (regras, conjunto), *praeceptum, regúla(lae)*, erige *licentia*, aquilo que é lícito, e desse modo pode-se ligar e estender o entendimento que relaciona Arte a Cultura, como algo que é praticado, pelo homem, com arte, com saber.

Dentro dos limites potenciais da *natura*, aprendizado da *ars*, pela *regulae*, proporcionada pela *doctrina* e aprendidas mediante disciplina, leva a *scientia* (ciência, saber *sare*, conhecer). A *scientia* se transforma em *facultas*, poder, faculdade quando o aprendiz tem disposição natural *phýsis, natura*, e ativa em ocupação prática, gr. *empeiria*, lat. *usus*, com o saber aprendido.

Dessa maneira a arte retorna à *empeiria*, donde derivou, só que nesse retorno encontra *empeiria* iluminada racionalmente pela *tékhné*.

*Licentiae*, licença lícito, o defeito previsto, aceito, julgado necessário pelo artista; o *vitium vivo*, feiúra defeito, na ausência da *virtus*, surge *vitium*.

*Virtus* da *ars*, alguém que domina sua *ars* com perfeição tem *virtus*. *Virtus* pode ser incorporado ao *opus*, meio, *medium ars* e *érgon*, obra pode ser objeto de conhecimento pela crítica; para isso é preciso ter um juízo, critério julgamento *indicium*.

Arte é o que medeia entre o que pratica, *artiflex / tekhnítis* e a obra, *érgon, opus* realizada. A classificação deriva daquele que pratica e também pela obra.

Aquele que pratica, o *artiflex actor spectátor* em função da *opus* social, possui o objetivo de quem pratica, dá valor à obra de arte popular, arte de exibição, arte regras na ação, arte liberal, cidadão livre.

O valor de uma obra de arte é avaliado de acordo com o grau de perduração da obra ; e pode ser dividido em três partes: 1) artes poéticas, criadores que sobrevivem ao tempo contemplador; 2) perduram mas dependem da ação complementar, *tékhnai praktikai*, artes colocadas em ação representativas para serem plenas, dependem de execução, representação momentânea temporal, arte dramática, canto, dança (ator, *artiflex*). 3) perduram mas dependem de uma reflexão, as chamadas artes teóricas *tekhnai theoretikai*, artes sob inspeção; pode ser ato de conhecer da essência do objeto ou avaliação do objeto.

*Areté - tékhene* perfeição virtudes parciais, *éksis* o que pode ser feito, a capacidade de fazer *ars* com *éksis*, faculdade de ou poder firmes que o artista pode dispor e manejar com virtuosismo.

A história da arte pode ser compreendida pelos objetos produzidos para finalidades específicas e que estão relacionados com o tempo em que foram

criados, fazendo paralelo com a história da humanidade, ou melhor, fazem parte deste espaço de tempo, tendo como reflexo todo o comportamento da sociedade para a arte e da arte para a sociedade.

A arte, assim vista pelos críticos de arte como Osborne, Read, confere um valor aos objetos, em seu tempo e lugar, considerados pela sociedade em sua época em seu valor e em sua utilidade.

As peças de teatro, as poesias surgem em todas as formas de expressão produzidas ao longo da história da humanidade, os produtos da própria sociedade, ou seja, da vida dos indivíduos e a estrutura social. As discussões dos filósofos sobre a arte estão relacionadas com os resultados sociais obtidos na educação. Deste modo, para o pensamento grego não havia diferença entre artista e artífice.

A arte, na Idade Média, é descrita como tendo um nível, em que todos os homens são partícipes, onde o artista não fala, é igual aos demais homens, como tantos outros, que revela uma ordem, um modo, um caminho, que é único e absoluto. Mesmo em muitos modos de existência, percebe-se o definitivo do artista, amplia-se e amadurece o absoluto.

O artista com sua imaginação, sentidos em sensibilidade, cria. Para iniciar uma compreensão e reflexão sobre imaginação e sentidos desse campo ampliado, que é a Arte, encontramos autores que valorizam esses temas em seus estudos.

Sobre a imaginação, Warnock (1981,p.79), diz “os significados brotam ao nosso redor enquanto temos consciência. A imaginação atribui esses significados e os vê nos objetos que estão a nossa frente, mesmo que mobiliário habitual, tridimensional do mundo, de diagramas num livro de texto, de quadros, de música ou de imagens vistas com o olho ou ouvidos com o ouvido da mente. Ao visual cotidiano devemos usar a imaginação para aplicar conceitos nas coisas. Esta é a maneira de fazer o mundo de modo manejável. A nível abstrato e esporadicamente também podemos empregá-la para fazer insólita e misteriosa nossa experiência. Sim, por baixo do nível de consciência, nossa imaginação atua ordenando o caos de experiência sensorial, a distinto nível, por dizer assim pode voltar a desordená-lo”.

Sugere, ainda, que podem existir zonas inexploradas, enormes espaços dentre os que tenhamos sido ou vivido ocasionalmente.



Segundo Ackermann (1992, p.17), “Podemos neutralizar, temporariamente, um ou mais de nossos sentidos - como por exemplo, flutuando na água, a temperatura do corpo - mas isso apenas ativa os outros.” Dessa mesma maneira podemos pensar sobre a oscilação quando a discussão é o controle dos sentidos, flutua, oscila. Os sentidos nos dão a possibilidade de perceber várias interpretações.

“Não existe maneira de compreender o mundo sem antes detectá-lo por meio de sistemas de radar de nossos sentidos.”

Os sentidos definem os limites de consciência - os sentidos transpõem o tempo - o ver da mesma maneira um determinado lugar como o viu o antepassado. Portanto, a interpretação das sensações, percebida e expressada para ser diferente através dos tempos, até porque a cultura interfere.

Os sentidos não esclarecem a vida em atos gritantes ou sutis; dividem a realidade em “fatias” vibrantes, juntando-as de modo a formar um padrão significativo.

A experiência vista como a repetição consciente, racional desta ação, só comparada mas não ainda compreendida, leva aos poucos o homem *empeiros* e experimentados, a *empeiria* - experimentação e bem lograda experiência. A repetição experimentada, experimenta, fortalece a experiência e é assim uma *miésis*, lat. *emitatio*!

Da experiência - *empeiria* (um processo), à *tékhne*, *ars*; à possibilidade de que a experiência seja passível de transmissão aos inexperientes, aos aprendizes. A assimilação da experiência pelos aprendizes pode realizar-se, primeiramente, pela imitação dos modelos grego, *parádeigma*, ou do latim, *exemplum* (*paradeigmata*, *exempla*), criados pelo mestre experiente, essa forma concreta de assimilar a experiência, sempre será necessária em todas as fases de desenvolvimento e de prática da *tékhne* ou *ars*.

Gay(1988, p. 19), diz “uma experiência é o encontro da mente com o mundo, no qual nem a mente nem o mundo são jamais simples ou totalmente transparentes. É também um encontro do passado com o presente”. Está implícito aí que existe uma relação entre a experiência e a memória para construir este presente.

Muito mais do que proporcionar uma oportunidade para o exercício estereotipado do raciocínio e de ação, a experiência participa na criação dos objetos do interesse e de paixão; dá forma aos anseios, ainda, incipientes e levanta barreiras contra ansiedades ameaçadoras... a experiência é, portanto, muito mais do que mero desejo ou percepção fortuita; é, antes, uma organização de exigências apaixonadas e atitudes persistentes no modo de encarar as coisas, e de realidades objetivas que jamais serão refutadas.

As experiências comprovam pois a existência de um tráfego ininterrupto entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, recebe e reformula. Até porque a mente é, com frequência, extraordinariamente eficiente na compreensão dos contornos e dos significados de suas percepções. Portanto, a experiência de um indivíduo difere, ainda que levemente, da experiência de qualquer outro.

#### **1.4 A Enfermagem no contexto da ciência e da arte**

Na Enfermagem e em práticas tradicionais o significado da arte para este nosso tempo e para nossa vida, corresponde a pujante desafio. Os relatos, conquanto adequados na arte, não conseguem trazer à luz o significado passível de ser reconhecido, hoje, entre nós, preferindo deixá-la num esquecido e não recuperado espaço. Nas profissões e práticas, desde o passado, quando buscamos os ensinamentos tradicionais, como no caso da Enfermagem, esses ensinamentos, em sua maioria, ainda, permanecem circunscritos em seu molde convencional, não adaptados e largamente não interpretados, por não se adequarem às nossas situações, aspirações e busca de algo mais.

Sem recuperar o que os seres humanos aprenderam sobre arte no passado, é provável que não seremos capazes de fazê-los progredir; sem abrir a compreensão da arte para uma nova interpretação e uma nova expansão, ela, possivelmente, nunca terá sentido nem oportunidade em nossas vidas.

A Enfermagem profissional, tanto quanto a Arte, solicita esta abertura para uma nova compreensão, reinterpretação e expansão na perspectiva de nosso tempo. O que requer, portanto, um olhar “perceptivo/emotivo/racional” sobre sua própria história, ou seja, que o passado nunca seja desprezado, mas tomado como matéria prima para o movimento e auto-superação.

Procuro interpretar arte para o nosso tempo, para a nossa profissão e nela mesma. Uma primeira barreira a ser superada é a dúvida quanto a propriedade ou impropriedade ao se falar sobre algo ou conceito, como a “arte”, estar condicionada a aquisição de informações sobre este conceito. Que papel tem esse conhecimento de arte para chegar ao fazer - cuidado de Enfermagem? Uma ação, um movimento possui força suficiente para expressar e exteriorizar o ser, de modo a se fazer ver/sentir pelo outro em condições distintas, atuais e do vir a ser, diante da própria imaginação e sentido de existência ? O jogo da internalidade e da externalidade como possibilidade de expressão estaria mais visível e legitimado, caso fossem enfrentados os desafios do sentido de arte nessa profissão.

Disto tudo, externalidade e internalidade adquirem sentido, mesmo que não ganhem definição e, por isso, a arte tem deixado de ser falada. “O dentro” e “o fora” existem numa continuidade material que só a força da imaginação possibilita que sejam compreendidas.

Tanto quanto a reflexão sobre a arte e a imaginação, a discussão sobre a existência e o valor dos sentidos para o homem já é bastante antiga. Um dos enunciados de doutrina geral apresenta-se assim: “nós nunca vemos, ou de outro modo percebemos (ou sentimos); ou de qualquer maneira, nunca percebemos ou sentimos diretamente os objetos materiais (ou coisas materiais), mas somente dados dos sentidos (ou, dentre outras, nossas próprias idéias, impressões, percepções sensíveis, perceptos etc...)”.

Coloca-se ainda nos muitos usos da palavra, sutilmente distinguindo do que é vislumbrado pelos filósofos, assim como dos fatos da percepção descobertos pelos psicólogos nos pensamentos mais diversos e complexos: “Percebemos coisas materiais ou dados dos sentidos?” “De que é feito o mundo?” A crença da percepção de coisas materiais, como dito pelo homem comum, não está bem esclarecida.

Coisas materiais e dados dos sentidos se alentam um do outro, e ofertam-se ao ser como alimentos da imaginação e sentidos da própria criação. Convém ressaltar que o processo de investigação científica, principalmente na Enfermagem, até o momento, ainda tem sido insuficiente para evidenciar de modo material o que a imaginação e os sentidos sugerem à vida humana.

Como no dizer de John Locke(1993, p.14): “a certeza da existência das coisas *in rerum natura*, quando temos o testemunho dos sentidos para nos apoiarmos nela, não constitui apenas o mais alto grau que nossa constituição física pode alcançar, mas é, também, proporcional às necessidades impostas por uma condição”.

A questão levantada acerca dos sentidos é sobre o valor que eles possam ter para o conhecimento, para a ciência. A discussão tem sido levada por estudiosos de todas as áreas, tanto para dizer que não pode ser levado em conta pelos seus efeitos, ou seja, os sentidos humanos passam a ser considerados sem valor frente as questões, quanto, por outro lado, os sentidos são usados como elemento, parte integrante de esquemas, o que facilita, estimula, esclarece e fortalece o homem, quando este o conhece, dirige e acompanha. Deste modo é estabelecida uma relação entre sentir, sentido e pensar, colocada como adequada e forte para o homem viver.

Conhecer e entender a história do homem passa pelos sentidos que ele percebe. Dessa forma, os cientistas e filósofos buscam compreender o mundo e assim, o homem tem demonstrado essa preocupação; e para isso desenvolvem formas de entender e compreender os sentidos. Os sentidos próprios do homem estão entre as forças elementares de sua maneira de ver o mundo e de nele agir. Para serem analisados, os sentidos do homem foram estudados por Condilac(1993, p14), através de um artifício: a construção dos sentidos em uma estátua com forma humana, para que esta, a medida que fosse recebendo os sentidos, pudesse explicar como se dá o desenvolvimento dos sentidos no homem. Desta forma o autor argumenta sobre como os sentidos estão ligados à cultura e ambiência e de como estes são condições de humanidade, pois só pelos sentidos o homem desenvolve suas maneiras de falar, responder e de se relacionar com o mundo.

O artifício de Condilac (1993, p.15), pode levar a uma outra imagem, a de como os homens que perderam o “sentido de seus sentidos” (a consciência de sua percepção), tornaram-se estátuas, que precisam reaprender a descobrir em si os sentidos, como uma pedra a ganhar vida. Neste “ganhar vida” da descoberta de seus sentidos abre-se a possibilidade de religação com o outro e consigo mesmo.

Como a brincar com o tempo, e como as coisas que nos rodeiam, nos colocamos `a mercê de algo que percebemos. Independente da vontade, as sensações se estabelecem e nos acordam para o mundo. As sensações que nos dizem VIVER. Existir por estar sentindo o mundo: no ruídos das folhas que balançam ao vento que, se quiséssemos ler, pareceriam estar se comunicando e nos dizendo algo ou na brisa que passa sobre a nossa pele e ao vento, o cabelo fica em desalinho, o movimento se faz e vemos, olhamos prestamos atenção com o olhar, que dá a propriedade visual, estabelecemos uma compreensão do que acontece, e no movimento do respirar apuramos o sentido do olfato para sentir que cheiro é este?

Aguçamos os sentidos para sintetizar e sentir o todo. Esse exercício holográfico que, de tão espontâneo e humano, passa muitas vezes despercebido. É tão instantâneo que não percebemos qual foi o primeiro sentido que nos despertou o momento para a sensação de estar vivo.

Podemos, ainda, deduzir a manifestação dos sentidos como uma expressão de arte. A princípio, o olhar, algo tão próprio e individual. Alimenta como valor humano recebido ao dirigir o olhar, quando ao ver o que olha e, você entende, qualifica, toma de empréstimo para o seu momento de viver.

Que criação é possível quando você está alerta aos distintos sentidos?

Tanto a visão como o olhar e o ver podem se constituir em sentidos diferentes, dependendo do contexto e da maneira em que são colocados.

O sentido da visão, organicamente falando, depende de capacidade física. Sabe-se que os olhos humanos funcionam como uma câmara. As lentes cristalinas dos olhos têm a forma de feijão, textura de borracha, e funcionam como uma lente que aproxima ou distancia para captar a luz. A lente estreita-se para focalizar um objeto distante que parece pequeno, e espessa-se para focalizar um objeto próximo que parece grande. A íris dos olhos, um músculo, muda o tamanho de um pequeno orifício; a pupila controla a quantidade de luz que passa pelo globo ocular. A retina, uma membrana fina com seus cento e vinte e cinco milhões de bastões e cones finos e retos, células fotossensíveis que analisam a obscuridade, relatando-a em branco e preto; e as células fotossensíveis de cones arredondados, em torno de sete milhões, examinam o claro e o colorido.

Para exercitar é preciso deixar as idéias de seu mundo fluir e apenas olhar.

Caminhar em roda, prestando atenção ao ritmo da música, para depois participar do olhar em grupo e perceber o que vê, captando as pinceladas dadas pelo pintor em formas e cores. Interrompe-se a observação; é relatado o que se viu em um primeiro tempo. Verbalizando, o grupo detalha fragmentos que lhe chamaram a atenção, aspectos que lhe interessam e, ao mesmo tempo, atraem ou rejeitam. Este momento desperta o interesse em rever a tela.

Em seguida retoma a observação, novo olhar, revisando atentamente os detalhes que havia deixado passar no primeiro momento, descobre novas cores, formas e sentido, e demonstra querer entender ou dar sentido ao que vê.

Seleciona pelo visual, olhar algo, usando algo de si para ler o sentido e o significado dado à obra, o sentido e o significado dado anteriormente é apurado enquanto se descobre. A descoberta de si mesmo enquanto avalia uma obra de arte plástica.

O exercício sobre os sentidos, aqui recortado para a visão, remete para a questão do “perceber” a Enfermagem e a Arte na Enfermagem, pois imagino que a Enfermagem, no seu processo histórico, tem perdido inúmeras chances de vivificar a arte que está nos seres que a exercitam nos vários encontros que o processo de cuidar proporciona. Por analogia, ao que Condilac afirma, sugiro que os exercentes da Enfermagem descubram a necessidade de religar-se aos sentidos que dão vida ao humano, superando os limites da convivência no cuidado a doentes, família e comunidades, de modo institucionalizado ou não. Assim, o conviver da Enfermagem estará, de modo integral e presente, à disposição da vida humana e de todos os demais componentes da existência universal.

A idade da formação de enfermeiros pelo sistema nightingaleano no Brasil já vai além de 70 (setenta anos), e é lugar comum dizer que esta profissão conquistou notáveis avanços no decurso deste tempo. Desde a importação que o Brasil fez, nos anos 23, do modelo cultural de Enfermagem americana, o qual, por sua vez, era importação do sistema nightingaleano de origem inglesa, até a atualidade, a Enfermagem vem se colocando, em seus discursos, ora como uma ciência, ora como uma tecnologia, ora como uma filosofia, ora como uma arte; e, nos mais recentes períodos, a simultaneidade dessas características e o encontro

convergente delas, vem sendo o que mais se tem destacado. Não é demais falar de uma “mutação conceitual” por se tratar de uma disciplina de estudos de base à categoria profissional de Enfermeiros.

Refiro-me a uma “metamorfose conceitual” ao que vem sendo, historicamente, construído em lento e contínuo trabalho de indagação que os próprios Enfermeiros fazem à procura de uma definição de Enfermagem, desde a sua origem, numa interrogação profissional de Enfermagem ao longo do tempo.

Por que nos surpreendemos com isto? Afinal, os Enfermeiros buscam o encontro da coerência intelectual e isto, entre os homens, configura interrogações que, possivelmente, antecedem a ciência moderna à qual se vincula esta denominada Enfermagem Moderna. Além do seu conteúdo teórico, a “mutação conceitual” vem renovando a concepção das relações dos homens com a natureza, oferecendo, assim, subsídios para clarificar a Enfermagem, também, como uma prática cultural. Este retorno, longe de colocar os Enfermeiros diante de questões que lhes fazem insistentes e circunscritos à busca de explicações provenientes da racionalidade estrita, vem inaugurando dimensões outras, próprias da relação homem - natureza em experiências que conduzem a compreender e modificar.

Trata-se de um encanto de reconhecer o caleidoscópio, cujo teor se configura na junção de micro-peças, micro-figuras, micro-formas e ler, além da incoerência, uma construção lógica estrita. Esta singularidade na Enfermagem vem assustando a nós Enfermeiros quando ainda não conseguimos traduzir esse jogo, fonte de intensas emoções, que requer do ofício da Enfermagem a busca da convergência racionalidade - irracionalidade no trato da questão humana que lhe é própria. É neste ponto que alguns estudos de Enfermagem vêm sendo colocados no mundo inteiro e não é diferente a fisionomia da Enfermagem brasileira. Assim, alguns aspectos de uma “mutação conceitual” estarão sendo intencionalmente referidos no interesse de contextualizar a discussão do tema central, aqui apresentado.

Nightingale (1859), escreveu que a Enfermagem é uma arte e, como arte, ela requer uma exclusiva devoção, uma intensa preparação, tanto quanto o trabalho de um pintor ou escultor. Assim nasceu e se constituiu a Enfermagem nightingaleana, embora decorridos alguns anos, no afã da racionalidade dita

científica, no auge da postura positivista e no interesse de afirmar-se em consonância com esse, então, dominante modo de ver a ciência, opacificadas as suas mais marcantes expressividades conotadas como Enfermagem-arte. A respeito disso, Smith (1982), trata dessa concepção de Enfermagem que está a caminho e se expressa dizendo que a arte que tinha se tornado invisível está pronta para se tornar visível. O sentido que vem sendo dado, e com o qual concordo, é que a esquecida arte da Enfermagem complementa esse sentido quando declara que a arte evoca espiritualidade, inspiração, imaginação, criatividade e dedicação, pressupondo que a arte é o espírito da vida.

Entre muitas dessas colocações, todas registradas na publicação intitulada *Art and Aesthetics as passage* editorado por Watson e Chinn (1994), chama-me a atenção uma referência feita por Stewart, e inscrita no texto de apresentação do citado livro. Stewart, considera que a essência da Enfermagem não é detalhe de execução mecânica nem a destreza, mas sim a imaginação criativa, o espírito sensível, a compreensão do que está por trás dessas técnicas e habilidades. Sem isto, acrescenta, a Enfermagem não pode ser uma profissão ou uma bela arte. Esta suposição de Stewart, é por mim acolhida, pela sintonia com o pensamento e a linguagem que este trabalho vai requerer no seu desenvolvimento, o qual provoca o reencontro com a questão que se constitui no foco principal desta tese.

Embora o termo arte seja uma evocação relativamente presente em todos os tempos entre os Enfermeiros, em suas práticas, esse termo não tem sido esclarecido, pelo menos de modo suficiente à incorporação de uma concepção que traduza esta mutação conceitual de modo argumentativo convincente. Surge assim a perspectiva de reconsiderar e explicitar esses valores e destacar a materialidade da imaginação na prática da Enfermagem

É neste processo dialógico do procurar a pedra, olhar com a sensibilidade de artista e alguns critérios de cientista, que você sente a existência, imagina sua forma e concretude, os possíveis terrenos onde encontrá-la ou, ainda, percorrer um caminho, um mapa que lhe apoie a encontrar a mina, as preciosidades da vida, neste caso a imaginação da Enfermagem, mais ou menos do que ela é, no encontro e desencontro com a vida e com a morte; isto levou-me ao registro das idéias na poética singela da vida do artista. A própria vida está no palco da



assistência onde o cuidado de Enfermagem é mais que uma esmeralda na suntuosidade da luz da existência...

### **1.5 A possibilidade de (re)ligar o homem consigo mesmo e com o outro**

Ao tratar da imaginação como inerente ao homem, fazendo parte de sua vida, indissociável da sua maneira de viver, nos deparamos com alguns aspectos que ainda não foram esclarecidos, como por exemplo: como o homem pode viver sem usar a imaginação? Quando usa a imaginação o homem está em contato com quem ou com que? O que leva o homem a considerar que é possível estabelecer algo não existente? Como entra em sintonia com esse lado humano?

A possibilidade de entrar em contato com este espaço de reflexão, livre de críticas internas e externas, nos remete a algo mais elevado onde o homem pode “ser”, há a possibilidade de ligar seu pensamento à visão do universo como um todo. E neste espaço, além do sonho, há a possibilidade da concretude, do fazer, do existir.

A existência da liberdade interna para a vida de si e do outro e para a criação está na imaginação. Não só imaginação-pensamento, mas a imaginação como uma célula que se reproduz, naturalmente, sem atividade intelectual que a justifique, empírica ou cientificamente, só com estímulos, alimentos próprios, em sintonia com o pulsar do universo. Perceber o fantástico, o lugar que parece irracional, uma imagem não existente ainda na matéria, mas é provável vida, é uma forma de entrar em contato com o divino que existe em cada um dos homens...

O cientificismo, nos séculos passados e ainda hoje, sugere a impossibilidade de tratar com seriedade a imaginação, de não conseguir fugir do lado imaterial, do não palpável e, por isso, não controlável, nem explicável, na razão científica. A imaginação flui como o pensamento, parece, cientificamente, impossível alcançá-la com palavras ou com explicações e, muitas vezes, ela corre, simultaneamente, em fatos e em ações, concreta, palpável e mensurável. Será que escapa ao mundo científico? Se no mundo científico se presume a utilização da imaginação, como acontece? Ela é abortada? Amputada ou escamoteada? Que arranjo é feito para desfazer o mal estar do descontrole?

Se estas dúvidas se fazem em relação ao pensamento científico, que dirá das práticas que buscam neste pensamento sua legitimidade. Por exemplo: que importância tem o fato da existência da imaginação, da concretude ou não dela, para o cuidar, o assistir o ser humano, ou seja, na prática do cuidar, particularmente na realizada pela Enfermagem?

No entanto, na Enfermagem é preciso perguntar, indagar da importância que tem a existência da imaginação, sua concretude, sua imbricação com o conhecimento para o cuidar, ou assistir, ou qualquer das possíveis discussões da profissão.

Estaria a Enfermagem, a partir de sua “evolução científica”, induzindo os seus exercentes, representada aqui pelos Enfermeiros, a contornos limitantes da imaginação, considerando-a como coisa controlável, que requer lei e impossível de relacionar com a prática do cuidar? Estaria a imaginação sendo vista como perigosa, insana, já que no espaço da loucura, das alternativas ou de vanguarda, dos diferentes, vinculados a alguns movimentos contemporâneos, parece ser mais aceita que nos espaços formais, tradicionais e científicos? No imaginário dos exercentes da Enfermagem, a imaginação é reconhecida como existente e, por conseguinte, deve ser controlada ou mantida em espaços especiais e normatizada?. Livre no território do trabalho artístico, da fantasia e do delírio e negada como abertura intrinsecamente humana para a criatividade, a criação e a recriação da vida, interminavelmente... poder este, antes exclusivo do divino e, portanto, perigosa heresia a ser combatida e controlada para canais restritos? Mas... a imaginação, por esta via, seria religação com o “divino” humano, o divino dom de criação, até porque a Enfermagem, obrigatoriamente, ao estimular o poder vital do ser humano, conforme preconizado por Florence Nightingale, reconhece que participa da “divina arte de recriação da vida”.

O homem é todo dia colocado em xeque quanto à sua capacidade de sobrevivência, nesse cotidiano de muitas vidas e muitos fatos, que não percebe o quanto de sua energia é gasta em imaginar formas de resolver o desafio que é viver. Inconsciente do seu poder de imaginação, possivelmente, o homem sente-se mais aceito e compreendido, usando as fronteiras do científico, que relevam a complexidade, existência e seriedade da imaginação.

Será utopia, essa verdade dada como mensagem daqueles que cuidam em Enfermagem ? Que os coloca no gesto corporal e entorpecimento da consciência? Como seria, de outra forma, o gesto consciente ?

O que se pressupõe é que nem a ciência, sob o ponto de vista positivista, nem a reação a ela, observada no próprio campo da arte, encontram a trilha para as perguntas relevantes, expressivas à busca de uma convergência dessas ciências e dessas artes, e não se tem encontrado decisivamente, redesenhando, ou refigurando a humanização do homem. Enquanto não se alcança esta convergência ciência-arte, e permanecem os territórios solitários definindo campos de atuação fragilizados, não se analisa com relevância o agir agora e futuro.

Os exercentes da Enfermagem, devem estar alertas para o risco do misticismo pelo misticismo e de outra qualquer lógica reducionista, que faz paralisar, na atual condição humana, essa busca de outras formas de fazer, de ser, de acontecer da Enfermagem, impelindo-a a acompanhar ou envolver-se com o processo incontrolável do vir a ser da vida em sociedade. Que trajetória temos a decodificar? Que humanos somos se, ainda, temos dificuldades de conviver com nossos próprios sentidos e imaginação, a partir da concepção de normalidade e loucura? Como sairemos das formas inflexíveis para ir ao encontro do que humaniza o homem?

Qualquer que seja a escolha, parece que permitir é inevitável, transitar é importante, entregar-se solidária e coletivamente é necessário para transcender o humano perene. E saber que de outra forma, se endurecerá, cegará, ensurdecerá, enrijecerá... tornar-se-á pedra sem sentido, sem vida. Pressupõe-se portanto que, quem cuida deve reconhecer que os sentidos devem estar presentes no cuidado de Enfermagem, até porque, se assim não o fosse não haveria o encontro humano.

Possivelmente ao insinuarmos a adoção clara de imaginação no conhecimento em Enfermagem, corremos o risco de nos depararmos com uma possibilidade ritualística, até pela necessidade humana de ritos. Afinal, qual é o ritual que existe entre o imaginar e o materializar o cuidado para o outro? Um ritual desta espécie, envolve valores e significados que terão exteriorização para serem evidenciados. Até porque a relação entre a sensibilidade que atravessa o fazer e a imaginação está à margem da prática da Enfermagem.

O exercício desta reflexão sugere vários vãos para acolher-se a imaginação, mas retorna as questões de sensibilidade, como atributo importante para a concretude do criar; considerando esta sensibilidade como uma película cuja beleza e encantamento não se rompem; ao contrário, põem sua inteireza para sentir igualmente inteiros os homens solidários. Uma reflexão desta ordem não assume a conotação acadêmica do registrar uma revisão sistemática de todos os eixos que perpassam pela imaginação desta caminhante.

A imaginação possibilita, ainda, imaginar o lugar da arte, o espaço da arte, de busca do precioso, do encontro do sujeito que busca o precioso imaginado, ou seja, “os modos” para destacar a obra como pensada, como trajeto e como obra em si. Denomina-se, neste capítulo, como o processo metodológico, até porque assim o referem os trabalhos científicos da Enfermagem.

Constituir um capítulo que registre “os como” ou trilhas no imaginário artístico, sem perder de vista a prática da Enfermagem que sugere um *modus operandi*, se constitui num processo de mediação da razão existente e da imaginação, na busca do precioso representado por uma filosofia do sentir, pensar e encaminhar um cuidado vívido e para a vida na qual a arte, a imaginação e os sentidos são presentes.

A Arte é presente na “fisicidade dos signos” que são distintos na analogia recoberta de comportamentos, afirma Pareyson(1989, p. 35-37), ao estender a leitura de conceito de execução a “todas as artes”, como exemplificado: a iluminação correta de uma estátua, ou a representação de um drama. Acrescenta que cada tipo de obra de arte pede uma execução para poder reviver na experiência de quem a forma, exigindo, assim, uma dinâmica.

Sugere que não pode ser definida normativamente a análise e a descrição das formas para evidenciar as possibilidades de uma experiência, “ não podem ser definidos com uma fórmula imobilizante- a experiência estética é feita de atitudes pessoais, de contingência do gosto da sucessão de estilos e critérios formativos”.

Avocando o princípio da coincidência, a fisicidade da Enfermagem, o acolhimento da arte sem negar a força do próprio processo criativo é que as idéias, na concretude deste estudo, serão tratadas como pesquisa qualitativa. A síntese artística para utilização da reflexão teórica dos conceitos e estruturas do

pensamento, a epistemologia de Enfermagem, se dá a partir das inquietações decorrentes do meu viver a Enfermagem.

Estas questões representam, portanto, muito mais inquietações de quem vive a arte como componente da vida do que problema de pesquisa, requerem a explicitação de alguns compromissos, que o viver a arte tem.

- Qual seria o campo de possibilidades para ampliar as manifestações artísticas, estimulado pela investigação da Arte, nos conceitos de Enfermagem?

- Como se reconheceria a pluralidade dos componentes de arte da Enfermagem? Este reconhecimento dar-se-ia como coisa, como fato, como objeto? Estaria esta pluralidade, passível de reconhecimento, em foco?

- Qual a maneira de tornar um conjunto de coisas ilógicas e mecânicas na realidade orgânica viva da Enfermagem e como ela se transforma a partir dos sentidos e da imaginação dos exercentes da Enfermagem?

- O valor objetivo da Enfermagem pode ser revelado, não obstante as interferências dos fatores subjetivos?

- Quais as possibilidades para descrever o ponto de vista pessoal versus realidade da obra, considerando a Enfermagem como arte e arte como essência para vivificação da Enfermagem?

## **1.6 A Arte quando inserida nas definições de Enfermagem**

Alguns autores têm colocado em suas definições sobre a Enfermagem a arte como componente que explicita, que significa uma intenção de qualificar a prática de Enfermagem.

A título de exemplo, descrevo definições de alguns autores:

Orem, citado por George(1993, p. 96-97), aponta a arte como um dos fatores relacionados ao conceito de Enfermagem. Segundo esta autora, a arte da Enfermagem é a realização de atividades voltadas para uma visão global do cuidado de Enfermagem que envolve as prevenções primária, secundária e terciária. Num sentido amplo do fazer com característica atividade profissional

dotada de visão, a qualifica para uma habilidade específica de cuidar em três estágios.

Abdellah citado por George(1993, p.127-128), vincula arte com ciência, como base vê a Enfermagem como um trabalho abrangente. A arte e a ciência que moldam as atitudes, competências intelectuais e habilidades do enfermeiro e que irá auxiliar pessoas a harmonizar-se com suas necessidades de saúde, sejam estas pessoas saudáveis ou doentes.

Para Wiedenbach, citado por George(1993, p.1151-157), a enfermagem é uma atividade de prestação de auxílio realizada com compaixão, habilidade e compreensão às pessoas que necessitem de auxílio. A sabedoria de Enfermagem é adquirida após “experiências significativas”. Esta autora diz que a arte de enfermagem visa a busca da satisfação de uma necessidade de auxílio, apresentada por um paciente, através da aplicação de conhecimentos e habilidades. Ou seja, para a autora, arte significa doar-se sem querer algo em troca.

Segundo Rogers, citado por George(1993, p.197), “A Enfermagem é uma arte e uma ciência humanística e humanitária. É voltada ao homem unitário a preocupar-se com a natureza e direção do desenvolvimento humano”.

Para Paterson de Zderad, citado por George(1993, p.245), a Enfermagem é uma mistura de arte e ciência. Como arte, a Enfermagem faz uma interação entre enfermeiro(a) e cliente, usando as teorias no contexto vivido, em resposta aos conhecimentos e vivência do cliente.

### **1.7 Arte: o precioso encontrada na Revista Brasileira de Enfermagem**

Nas publicações de cinco anos da Revista Brasileira de Enfermagem, no período de 1990 a 1995, procedi leitura de todos artigos em busca do *Termo Arte*. Neste período só foi encontrado a palavra arte em 4 artigos. A concepção dada à arte é ampla, variada, e substitui a explicação de um fazer quando se quer dizer que algo é feito subjetivamente. (ANEXO 6).

Em um dos artigos, Fernandes(1978, p210), considera Arte como uma prática exercida pelo enfermeiro. Subentendendo que esta arte seja um ponto de

síntese de várias maneiras de participar em atividade social, revestido de sentimentos como o amor ao próximo e suplementada pela habilidade.

O que parece ser uma concepção de arte muito ampla e quando usada nesta perspectiva, substitui algo que se quer dizer como grande, difícil de se juntar mas que pode ser sintetizado por um momento. Caracteriza como não limitante. Extrapola as conotações dadas à arte pelos artistas, filósofos e cientistas que estudam sobre arte e estética.

A palavra “Arte” é usada por Fonseca(1995, p. 51-59), com uma conotação de doméstica, pois o ser que, no caso deste artigo, aprende arte o faz como algo doméstico ensinado às meninas e não aos meninos. Para diferenciar o que aprende como doméstico, ao que parece é colocado para qualificar, valorizar no sentido de ser do feminino. Não esclarece, mas atende a necessidade de subjetivamente atribuir um valor ao que se ensina por não dizer o que se ensina, como a dizer, também, que já é conhecido. Essa “arte doméstica” aliada a “manipulação dos homens”, como a dizer que a atividade, o exercício de movimento pode ser separado do que é ser doméstica, que faz a diferença de inclusão e exclusão na sociedade com base na importância no processo educativo como selecionador e aquele que dirige por gênero para algum lugar.

Rossi(1991, p.16-21), apresenta, em ensaio o estudo da relação entre arte de cuidar e arte de curar. A palavra é usada para designar uma ação, como sendo um sinônimo de arte “...é que na conceituação de cuidar, ou “arte de cuidar”...

O termo Arte é identificado em 14 parágrafos deste título, para qualificar o cuidar e o curar .

Em um parágrafo ressalta “..a arte de curar inicia sua formação distanciando-se da arte de cuidar, tornando-se pública, política e com poder”. O entendimento dado se refere a modo de ser, de estar na sociedade, tanto do curar como cuidar, qualificando a ação, ditada pelo verbo.

No todo do texto, esta autora transita entre interpretar a ação de curar e de cuidar precedida do termo arte, ora designando como um modo de fazer, outras vezes como uma conceitualização ou, ainda, a arte de curar como tendo uma força ou poder na ação “...do hospital na constituição da arte de curar ou seja da formação da medicina como poder hegemônico na sociedade brasileira do início do século XIX.”

Mais adiante, neste mesmo texto, há uma interpretação de formas, referente a tipo e estilo de fazer o cuidar "... descreve a arte de cuidar quando diz que.. a correlação médico doença (foi) preterida por formas de cura referidas mais ao indígena, ao negro, ao jesuíta..."

Segue, ainda, a usar o termo arte de curar como um sentido profissionalizante, ou seja, o de que, implicitamente, incorpora ao cuidar o estabelecimento de normas, e medidas a serem submetidas a controle e avaliação: "É o início da entrada em cena, na sociedade brasileira do profissional médico – o da arte de curar – como responsável pela saúde, pelo corpo, e pela sociedade, medicalizando-a".

Todo o texto de Rossi se refere a arte de cuidar e arte de curar, como a denominar a ação com uma forma especial, de estilo próprio, generalizado entre o que é de serviço público, saneamento básico ou não.

Propondo uma compreensão da história disciplinar na profissão como algo que se transformou em diferentes ramos, o que a autora denomina descontinuidade da arte de cuidar como paradigma mágico/religioso para arte de curar com poder, o dominador.

O artigo de Vaz(1995, p. 168-171), nos traz um ensaio de categorias de trabalho, para o qual a autora usa os escritos de Agnes Heller e Michel Maffesoli para desenvolver o estudo da cotidianidade, encontramos neste estudo uma vez o termo arte, entre parênteses, para elucidar o que determinou como o "concretizar através de suas ações (arte, ciência, filosofia...e trabalho)", que colocado dessa maneira no texto nos leva a pensar que a arte como a ciência, a filosofia e trabalho têm o mesmo sentido de leitura, ao mesmo tempo algo que tem movimento.

Todos os artigos onde encontrado o termo arte, deixam evidentes que o termo serve para dar subjetividade ou demonstrar o quão subjetivo é descrever o fazer enfermagem, sendo como qualidade sem esclarecer, todavia, o que seja essa qualidade, deixando em aberto ao entendimento de quem ler e interpretar.

Também nos remete a um filósofo como Read(1978, p.35), que em sua crítica sobre a arte desenvolve uma leitura de compreensão dada a arte algo fugidio, sem vida visível, a que só aos eleitos é dado acesso. Ou a citação feita por Waldow(1998, p.23), "Hoje, até na enfermagem podemos escrever arte e



pintar o sete! este último no bom sentido, o de sair do convencional”, significando algo leve que permite a expressão de diferentes autores num estilo fragmentado, frágil. O que parece ser o aceito e entendido, como o que se quer dizer, sem contestar, por achar que seja assim que deva ser. A arte vem deste modo firmar o entendimento de sua participação no que é ser arte enfermagem, como um modo de ser, como estilo de viver, como visão filosófica, ou seja, como pensamento.

### **1.8 O mapa da mina: proposta metodológica**

Realizar uma analogia nesta reflexão, um misto de ensaio artístico e exploração científica, com a trajetória de uma **garimpagem** desde a fase originária de conceber a idéia ou seja, de sair em busca do garimpo, encontrá-lo, definir o problema, fazer a **garimpagem** propriamente dita e, então, apoiar teórico-metodologicamente o tema de interesse, encontrar as pedras, e buscar sua lapidação, reconhecendo nesta etapa uma interpretação dos dados (pedras), brutos, até o passo de lidar com a ourivesaria e propor a criação de formas que valorizam o encontro de pedras preciosas. A discussão de práticas curriculares vivenciais-experienciais exercitam o afloramento de valores expressivos da sensibilidade, da beleza, da emoção humana como inerentes à formação de Enfermeiros e por conseguinte do cuidado de Enfermagem. Esta forma analógica de apresentar esta reflexão enquanto uma **garimpagem**, **garimpagem** de idéias, entendendo-a como uma possibilidade não só de colocar títulos e sub títulos mais atraentes mas, sobretudo, de avançar para além das acanhadas metodologias classificatórias. Vale dizer, através da intencionalidade pedagógica, colocada na proposta da experiência, tentar apreender as expressões, que podem ser de arte no cuidado de enfermagem, mesmo correndo o risco da impossibilidade de mapear o fulgurante, o explosivo, o fragmentado e o caótico.

O procedimento analógico não se coloca como garantia contra o erro, mas o fato de não oferecer uma verdade completa e unívoca, tranquilizadora, faz com que a verdade científica se abra às interlocuções.

É neste tempo que exercito-me numa linguagem poética, figurada como sonho de provocar outros modos de pensar a realidade, a partir da reinterpretação

da imaginação e dos sentidos que dão existência à Enfermagem na concretude das relações.

Assumo esta Tese como mais uma forma de expressão livre da Arte que dá sentido e cor à minha vida, e é, portanto, mais que um compromisso acadêmico de concluir a pós-graduação. É mais, porque desvela, possivelmente, um outro modo de “tratar os conteúdos do trabalho da Enfermagem”, ou seja, uma filosofia que pela sua própria concepção significa aceitar mudanças no próximo segundo de vida, até porque a morte é presença contínua. Provavelmente por isto é que o modo de fazê-la tenha claras controvérsias em termos de forma e organização de idéias, é uma “briga” interior com a imaginação e os sentidos, porque contraria padrões, formas e luzes porque oferece, em si, a possibilidade de novas criações e criações sem amarras prescritivas. O sujeito que sou, enquanto Enfermeira, Artista e Pesquisadora, em formação, procura elaborar definições compreensivas de experiências possíveis sem lhes prescrever o conteúdo. Busco mais um modo de registrar um estímulo ao gosto e à mensagem que neste trabalho é deixado, como caminho de desenvolvimento pessoal e de perspectiva de mudança, em mim mesma e na Enfermagem.

Assumo com clareza o risco intencional de construir espaços para indagações empíricas e científicas de modo que outros garimpeiros se identifiquem com as minas que lhes for possível reconhecer, isto sugere que as perguntas ou lacunas sejam entendidas como novas possibilidades de estudos, para tantos mais quanto o eco ilógico puder sugerir.

Hoje, vejo a metodologia como uma descrição de memória, do vivido mutante, operando como **Fábrica de Expressões**, onde a preocupação maior é mais com o processo do que com o resultado. A **Fábrica de Expressões** marcada por encontros periódicos, equivalente a duas horas-aula cada, onde foram desenvolvidas atividades, práticas de técnicas artísticas e lúdicas, que buscavam garantir a espontaneidade, liberdade de expressão. As atividades e os resultados alcançados e encontrados, em cada momento e no conjunto de trabalho da **Fábrica de Expressões**, foram registrados e analisados ao fechamento de cada dia.

### 1.8.1 ESBOÇO CARTOGRÁFICO DO CAMINHO DA MINA

A idéia de que é possível estudar a arte em determinada atividade humana, principalmente da Enfermagem, parte do princípio do momento, do instante, o que pode ser identificado como surgido e conquistado em determinado espaço e tempo. A idéia de espaço e tempo, referida por momentos, pede presença. A presença de que algo seja, que exista, que esteja ali se torne visível aos olhos e lhe seja concedido valor, como o é o cuidado de Enfermagem, clamado como necessário diante da dor e da doença no encontro de gente, que cuida de gente.

Escolher esta Faculdade de Enfermagem acontece, como a mina, por várias razões. Esta oportunidade decorreu de contatos anteriores com a equipe docente desta entidade, professores conhecidos e familiarizados com atividades de pesquisa, o que facilitou o contato e a proposta do processo que se seguiu. Por outro lado, estando como docente ativa, no programa de graduação de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, sentia a necessidade de desenvolver uma discussão e reflexão sobre a Arte e a Enfermagem em outro local, que não fosse conhecido, de ter que lançar mão de todas as formas para desencadear o processo, livre de qualquer visão anterior sobre a situação a ser colocada, que tivesse o impacto de “coisa nova”, ou seja, que fosse com pessoas que eu não tivesse desenvolvido atividades semelhantes anteriormente.

Tinha necessidade de desenvolver uma atividade de reflexão e discussão conceitual sobre Arte-Enfermagem com um grupo de pessoas diferentes daquele que eu estava acostumada a participar e onde sou conhecida como professora do curso de graduação de Enfermagem, tendo como objetivo também o desafio de colocar um discurso metodológico diferente, mas que estivesse envolvido em formação, com alunos de graduação de Enfermagem.

Um contato com a Direção da Faculdade de Enfermagem, para realizar este trabalho, encaminhado o programa de atividades e aprovado em Colegiado de professores daquela Faculdade, bem como o convite para os alunos participarem deste processo, fez firmado o vínculo de interesse desse programa, segundo a referida instituição.

Para que se concretizasse a atividade, encaminhamos 2 (duas) cartas, uma à Coordenadora de Ensino de Graduação de Enfermagem (ANEXO 2), e

outra à Diretora da Faculdade de Enfermagem e Nutrição (**ANEXO 3**), apresentando-me como doutorando em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina e solicitando espaço para realização de uma experiência pedagógica, com alunos de graduação, denominada **Fábrica de Expressões** (**ANEXO 4**), justificando que tal experiência seria a contribuição para os estudos doutorais.

O modo de convidar os alunos foi simples, diferente da inscrição em disciplina (conforme modelo tradicional).

Colocado o programa de atividades em local visível( Mural), tendo ao lado a carta convite com um pedido para todos os alunos que se sentissem chamados a participar, inscrevessem seus nomes com o horário e o dia que tivessem disponibilidade, e que colocava como compromisso, uma reunião para confirmar datas, horários e esclarecimentos sobre a proposta de atividades, quanto ao tema e o modo de realizar as vivências, para poder garantir a proposta aprovada, previamente, prevendo que o processo teria recomposição enquanto ia se dando, flexível para os envolvidos naquele espaço.

Os alunos de fases diferentes do curso de graduação, livremente, se inscreveram antes do início dos encontros.

Acha-se anexado a este documento o mapa da experiência programada (**ANEXO 5**).

Dando continuidade ao caminho escolhido, o da analogia ou metáfora, a garimpagem à procura da pedra preciosa, a arte, chegamos ao mapa da mina, construído da seguinte maneira: o mapa está localizado em uma Faculdade de Enfermagem de uma Universidade Federal do Brasil Central. A mina consiste de uma sala de laboratório de Enfermagem, nas dependências da Universidade, a estrutura dessa “mina-sala” sendo uma réplica de uma enfermaria hospitalar, onde estão camas com bonecos de treinamento de técnicas de Enfermagem, biombos, mesas de cabeceira, usadas para colocar bandejas de alimentação, algumas carteiras escolares, carro completo de curativo, uma mesa de mármore e quadro negro, características típicas a todas as salas de treinamento em Faculdades de Enfermagem.

### **1.8.2 ENSAIANDO O CAMINHAR NO INTERIOR DA MINA**

Simultaneamente a elaboração da proposta, a de desenvolver um trabalho com alunos de graduação em uma Faculdade que eu não conhecia, surgiram algumas dúvidas; como exemplo: será que deveria ser feito somente com alunos de graduação em Enfermagem? Talvez, discutir o processo, em avanço, com alunos de pós graduação, possibilitando assim uma comparação de diferentes graus de entendimento sobre o tema Arte-Enfermagem. Talvez, evidenciasse modos evolutivos sobre a questão.

Outra dúvida recaía sobre minha insegurança em relação ao caminho escolhido, por ser diferente, incomum, atípico para discutir e fomentar o pensamento de forma livre, espontânea, sem algo a oferecer no final. Seria aceito? Afinal, a proposta era aberta, isto é, o diálogo seria conduzido sem quaisquer restrições sobre o tema que viesse à tona e/ou que surgisse do desenvolvimento de uma técnica artística.

Com uma proposta aberta, a dificuldade era saber quantas pessoas estariam dispostas a participar, contribuiriam elas, expondo suas idéias/pensamento? Teriam estas pessoas “curiosidade” suficiente, o único critério seletivo para “exporem-se” neste projeto?

Depois de iniciado o processo, será que conseguiria manter uma linha de discussão para usar neste trajeto metodológico?

Naquele momento, a ausência de uma resposta segura e coerente, deixava no ar um vazio, assinalando, talvez, uma mudança para um caminho conhecido, ou para um grupo, de pessoas, que já tivessem experiências nesta abordagem, como método, ou, até mesmo, levando-me a pensar em desistir de continuar o desenvolvimento deste trabalho.

### **1.8.3 O CAMINHAR NO INTERIOR DA MINA**

O primeiro encontro com os alunos de Enfermagem foi de organização e previsão para os demais encontros que deveriam acontecer. Neste contato inicial, foi apresentado um cronograma de atividades que o grupo aceitou, aprovando datas, tempo previsto e temas sugeridos, com suas respectivas formas. Os olhares foram indagadores?

A proposta continha um objetivo principal, o de estimular, através de práticas artísticas, modos de trabalhar a espontaneidade para a liberação e revelação de conteúdos que pudessem promover a discussão sobre o que é arte e arte de Enfermagem.

As estratégias usadas para promover o debate sobre este tema foram desde as técnicas de relaxamento, de movimentos físicos, até aquelas que pudessem melhorar a ambiência, diminuindo o desconforto e estimulando a imaginação e o uso dos sentidos, a música eletrônica, material de decoração, lenços coloridos, luz, almofadas, iluminação.

O ambiente é quente, a temperatura média na cidade é de 35 graus centígrados, e por isso existe ar condicionado instalado acima das janelas.

Ao primeiro contato, o impacto com o ambiente é de se chegar a uma sala de enfermagem hospitalar, com odor e aspecto característico, mesmo sendo distante e isolado de qualquer área de atendimento de saúde hospitalar.

Numa proposta seqüenciada aconteceu, primeiramente, uma reflexão sobre a definição de arte, pontuando o momento com a importância de discutir o que se pensava sobre o que é arte.

Foi necessário estabelecer um começo, e este começo estava claro que seria sobre o que cada um dos participantes tinha em mente sobre o tema, naquele momento. Precisavam de tempo para fazer o diálogo interno - o do silêncio - a relação consigo mesmo, e o externo - aquele com os colegas que vinham interrogando por olhares entre si, gestos de ombros e mãos e a verbalização, a conversa titubeante sobre o assunto, para chegar a uma síntese escrita individual.

Assim, aos sentidos se ia concedendo espaços no trabalho. A visão, o olhar, o ver, em destaque neste momento tão importante como outras, são as faculdades que facilitam o viver humano, ajudam a entender o meio, qualifica fazer opção, tomar atitudes, influem nas tomadas de decisão e direção de vida.

Dessa forma, a experiência estética revela uma prospeção de momentos, se realizando na aproximação, no desvio à regra, a experiência do objeto é a experiência de uma atividade nossa, de nosso movimento em direção e em torno do objeto.

O objeto estético não é verdadeiramente o objeto, mas uma posição crítica ao modelo que, caso não caia no trivial, o torna constantemente problemático e faz dele uma vida de re-criação.

A natureza, então, apoia-se na dialética de processo cognitivo e não apenas característica do conhecimento estético, mas de todo o conhecimento em geral.

Vários autores, dentre os quais destaco (Brunowiski, 1992 p.307 e Einstein, 1994, p.51), afirmam que o conhecimento não prescinde da arte. Por isto mesmo, reafirmo o conhecer, até porque tenho com isto compromisso profissional, preconizado, normativamente, no Código de Deontologia de Enfermagem (Pinto, 1998, p.166), mas procuro um modo próprio de relatar o processo sem perder de foco minha maneira de ser.

A garimpagem, por analogia, segue o modelo de observação, através dos sentidos, ou seja, foi mobilizada a sensibilidade dos participantes em uma **Fábrica de Expressões**, fazendo aproximações com a Arte e a Enfermagem e sua Arte.

O caminhar no interior da mina e por recorte na **Fábrica de Expressões**, pode ser compreendido como as aproximações com os integrantes do garimpo, a identificação das pedras preciosas e suas análises, que simbolizam: a observação primária e conhecer ambiente; nova observação e engajamento e a reflexão e a reconformação dos achados para selecionar, com os participantes, os resultados que poderiam se constituir em pedras preciosas que seriam encaminhadas para a lapidação, ou seja integrariam esta tese.

O trabalho na **Fábrica de Expressões**, foi seguido por um olhar atento ao compromisso de respeito à ética (pessoal, profissional e de pesquisa), inicia com o modo de inserção dos participantes, informando-os sobre o tipo de estudo desenvolvido. Por outro lado, assegurei o compromisso com a confidência das informações e do anonimato. Além disso, mesmo o estudo tendo lugar após consentimento dos participantes, foi-lhes assegurado o direito a interromper a participação quando desejassem, o que possibilitou a saída de uma estudante no primeiro encontro e o ingresso de uma docente.

Esta **Fábrica de Expressões**, com os demais parceiros de garimpagem, tem me permitido explorar as pedras preciosas, mobilizando a sensibilidade

através dos sentidos e rever os comportamentos frente aos conceitos de arte na Enfermagem. Este “exercício” me possibilita expressar uma pergunta com visível concretude - como a arte de Enfermagem se manifesta ou torna-se passível de ser evidenciada numa **Fábrica de Expressões**? Sem perder de vista esta pergunta volto para a magia da descoberta do garimpo.

Portanto, a iluminação dos sentidos, um deles em cena - o olhar - foco da miragem, a que denomino “**A magia da descoberta do garimpo**” e proponho-me a narrar, pode ser acolhida como: o encontro instigante com o caminho da arte; a expressão de minhas vivências e minhas crenças; e desenhar a estratégia de construção do mapa da mina.

“**A magia da descoberta do garimpo**” traduz o meu sentimento, a um só tempo misterioso e concreto, em relação à idéia, que aguça minha percepção e me movimenta para estar em sentido e imaginação na concretude científica da arte do cuidar em Enfermagem. Há incerteza, insegurança, nada é previsível e controlado e, ao mesmo tempo, tudo o é. Tudo sob a convincente motivação da descoberta. Tudo recebido e procurado com o espanto, com a perplexidade que só a poesia, do movimento do sentir-se viva - mutante, mesmo diante da morte ou apatia ou da incredulidade da existência da arte na Enfermagem, expressa na realidade do dia-a-dia. Mas, só o garimpo é mirado. Ele, antes do encontro, não passa de uma ilusão, mas há indícios de um caminho a ser construído, e é preciso seguir para avistá-lo. É no garimpo que se encontra a mina. É neste vasto campo, rústico, prenúncio do prelúdio do encontro com o esplendor da preciosidade que mobiliza o garimpeiro e que se oferece a possibilidade de desbravar, de ir ao encontro daquilo que na Enfermagem vem sendo tratado pelo termo de arte, passível de reconhecimento pela imaginação e sentidos.

#### **1.8.4 UM ROTEIRO PARA A GARIMPAGEM**

O programa de atividade foi elaborado e desenvolvido levando em consideração o tempo, o local, a distância, o número de participantes, a técnica artística, o tema e o lúdico reflexivo.

A escolha do tempo - 10 dias de encontros com duas horas de duração cada - deu-se porque era o tempo que eu teria para realizar esses encontros,



principalmente porque a Faculdade situa-se em outro estado, numa distância de mais ou menos três mil quilômetros da minha universidade de origem.

Os dez dias programados iniciaram-se com um mapeamento da trilha em busca de uma **Fábrica de Expressões** de sensibilidade apropriada ao trabalho de Enfermagem, com o objetivo de compartilhar as idéias para propor ações conjuntas de exercícios expressivos, artísticos e lúdicos. Este primeiro encontro poderia ser realizado em sala com cadeiras, som, iluminação.

O segundo dia foi marcado para a “**Expressão do olhar**”, com objetivo de perceber os significados possibilitados pelo olhar seu e dos outros, usando uma obra de arte plástica regional, da própria cidade, e um caleidoscópio. Como reflexão de fundo, o início de interpretação de uma obra de arte.

O terceiro dia foi o de “**Expressão do ouvir**”, para identificar sons e ritmos do ser e fazer Enfermagem, interpretando a musicalidade e buscando criar imagens sonoras, para este momento e produção de som, usando música CD e cassete, papel e lápis de cor, instrumentos musicais na busca de interpretação da musicalidade, espontânea, individual e grupal.

O quarto dia foi marcado para “**Expressões do olfato**”, como exercício das sensações olfativas, expressando-as através da cor, em sala que possibilitasse pintar e usar tintas acrílicas em papel kraft, pincel, pena, palitos de madeira, papelão e tecido, para interpretar e decodificar o olfato em cor e som.

No quinto dia houve a “**Expressão do Toque**”, para identificar formas através do tato, usando argila para modelagem, facilitando lembrar as sensações táteis relacionadas a Enfermagem, produzindo expressões e criando no momento.

As “**Expressões de Sabor**” foram programados para o sexto dia, para criar formas e sabores, traduzidos em conceitos em cores e formas geométricas desenhadas em papel branco.

O sétimo dia transcorreu com a “**Expressão do Som e Ritmo**”, para reconhecer a musicalidade da voz nas ações de Enfermagem e criar a mensagem e informação sonora, usando aparelho de som, instrumentos musicais (pandeiro, tambor, chocalho).

No oitavo dia usou-se as “**Expressões do Corpo**”, para proporcionar movimentos espontâneos traduzindo as formas conceituais, usando a dança.

O nono dia, para síntese, seria de “**Expressões Integradas**”, para construir formas conceituais, discursivas e interpretativas, usando som, ritmo, papel, lápis de cor, tintas para recorte, pintura que sintetizasse em poesia e prosa como expressão individual e grupal.

O décimo dia foi o de “**Expressões Finais**”, com o objetivo de avaliar a possibilidade de manifestação expressiva do grupo, uma maneira de auto-reconhecimento, revendo os encontros acontecidos e apresentação pública da produção decorrente dos nove encontros, em som e imagem para interpretação e avaliação final.

### **1.8.5 O TEMPO DE INSTRUMENTOS**

Este é o tempo de selecionar e reunir o material e instrumentos para desenvolver as possibilidades da imaginação e dos sentidos, para encontrar o caminho da Arte Enfermagem.

Os textos usados para o trabalho foram focalizados no tema Arte e Enfermagem, principalmente as definições de autores clássicos e populares como Aristóteles, Platão, Ostrower, Brecht, Boal. E, ainda, textos elaborados sobre sentidos, com base na leitura de Ackerman e Gay.

O som ambiente foi escolhido de acordo com o exercício de cada dia, selecionadas as músicas entre os instrumentais, clássicos de Mozart, Bethoven e fitas com o som de risos, de conversas entre pessoas, de ruídos de elementos da natureza como a chuva, a água de uma torneira correndo, de passos de pessoas e também de música **New Age**.

Os instrumentos musicais usados para exercício da audição foram selecionados entre os que poderiam ser transportados facilmente como pandeiro, chocalho, flauta, harmônica, tambor e atabaque.

Também, as especiarias, condimentos alimentares, perfumes e frutas cítricas fizeram parte do arsenal.

Foi escolhida uma obra de arte plástica (óleo sobre tela), de um artista regional daquela cidade e adquirido um caleidoscópio.

Para o exercício de modelagem foram adquiridos 10 quilos de argila.

Alimentos líquidos e sólidos que foram utilizados para a experiência do sentido do paladar, foram preparados às vésperas do encontro .

O local foi a Faculdade de Enfermagem, como explicado anteriormente, devido a facilidade de contato, intercâmbio e confiança, demonstrada pela direção daquela Faculdade.

## CAPÍTULO II

De que modo, porém criastes o céu e a terra, e qual foi a máquina de que Vos servistes para esta obra tão imensa, se não procedestes como artífice que forma um corpo doutro corpo, impondo-lhe, segundo a concepção da sua mente vigorosa, a imagem que vê em si mesma, com os olhos do espírito? Donde lhe viria este poder, se Vós lhe não tivesses criado a imaginação?  
Santo Agostinho (A palavra criada- Confissões XI)

## A GARIMPAGEM: IMAGINAÇÃO E MATERIALIZAÇÃO

### 2.1 A materialidade da imaginação

É conferida à imaginação a possibilidade de disponibilizar variadas imagens, das quais algumas podem ser selecionadas. Esta consideração está presente nas afirmações de filósofos ao longo dos tempos; que independente da época ou lugar em que viveram, registraram suas reflexões sobre a imaginação.

Tratar a imaginação como algo limitado, a “colher semelhanças e não a essência das coisas”, mas coloca que a imagem, como o seu produto, tem muitas funções. Decorrentes de vários estudos, numerosas e complexas funções foram atribuídas à imaginação, o que não mudou sua definição como “uma faculdade considerada a base da poesia”, na definição de São Tomas de Aquino citado por Fischer (1987,p.134).

A imaginação, como campo da fantasia, possibilita evocar imagens, independente da presença do objeto a que se refere.

Descartes (1998), reconhecia na imaginação a condição de atividade espiritual diversa, aplicada ao senso comum, por exemplo, o tocar e o ver, de várias formas; é lembrança quando só é coberta de figuras diversas de imaginação; quando a imaginação é usada para criar novas figuras é imaginação ou representação; e se, por fim, age sozinha, chama-se compreensão.

Hobbes (1993,p.51-53), via a imaginação como uma condição das atividades mentais coligadas à sensação, como a memória, a experiência e através delas o intelecto e o juízo.

Para Warnock (1981, p.35), imaginação é a “faculdade de produzir as percepções das coisas sensíveis ausentes”. Kant (1996,p.9), dizia da “faculdade das intuições mesmas, sem a presença do objeto” e distinguia a imaginação produtiva da imaginação reprodutiva. A imaginação produtiva precede a experiência como um poder de representar o original, e a imaginação reprodutiva é a que “traz novamente ao espírito uma intuição empírica precedentemente tida”. Não é criadora, por não ser dada pela sensibilidade; contudo, deduz desta a sua matéria.

Sartre (1987), diz que imaginação é a capacidade de nos separarmos do que é real e do que não é real. Hume (1996, p.220), declarou que uma imaginação poderosa é a capacidade de converter as idéias em impressões vivas, de despertar paixões reais e de experimentá-las. Tais paixões são tornadas reais no terreno da reflexão - com base em experiências passadas ou dadas de outras pessoas - onde se espera que só a razão, ou as idéias mais pálidas e passageiras sejam a matéria (carga), da imaginação. O elo tratado é como o de uma corrente de sentimentos incoerentes, partindo dos mais minúsculos começos, ao reconhecer os objetos que nos rodeiam e terminando, em sua forma última, como o fluir de associações e interpretações aleatórias do mundo.

Bachelard (1989,p.10), quando trata de imaginação, diz “a verdadeira imagem, quando é vivida primeiro na imaginação, deixa o mundo real e passa para o mundo imaginado, imaginário. Um ser sonhador, feliz de sonhar, ativo em sua fantasia, contém, em si, a verdade do ser, o destino do ser humano”. Retirar esta condição ou faculdade de ser um sonhador, não ser desenvolvida quando no processo de cuidar, pela pessoa que cuida, negando o sonho e negando a imaginação corre-se o risco de ser podada a possibilidade de criar, comprometendo todo o processo de criação.

A imaginação está relacionada ao pensamento, à memória, à criação, à percepção, e se faz presente em todas as formas de expressão do homem, tanto na ciência, como na filosofia e Arte. Como refere Deleuze (1992,p.13,225-226):

*“A Arte, a ciência e a filosofia exigem mais [do que opiniões]: elas traçam planos sobre o caos [...] elas querem que rasguemos o firmamento e mergulhemos no caos.[...] O que o filósofo traz do caos são variações [...] O cientista traz do caos variáveis [...] O artista traz do caos variedades [...] que erigem um ser do sensível, um ser da sensação. [...]... as ciências, as Artes, as filosofias são igualmente criadoras [...] A filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a Arte ergue monumentos com suas sensações, a ciência constrói estados de coisas com suas funções”.*

Aristóteles, citado por Millet (1990, p. 107-114), afirmava que o produto da imaginação eram as imagens, imagens como as próprias coisas sensíveis, somente sem matéria, sendo assim um produto que se percebe, se recebe. Ao definir imaginação, submetida à análise em *“De Anima”*, distingue a imaginação, em primeiro lugar, da sensação; e, em segundo lugar, da opinião. A distinção de sensação resulta do fato de que uma imagem pode existir quando falta a sensação, exemplificando com o sono, ou seja, que ao dormir as sensações estão ausentes. Por sua vez, defende, ainda, que a imaginação não seja opinião, porque a opinião depende que se acredite sobre aquilo que se opina, acrescentando que o caráter de “ser falaz” é o que aproxima a imaginação da opinião.

É possível que a imaginação torne-se matéria, sem embrutecer, e venha a ser um manifesto no processo de reflexão. A imaginação dá, assim, lugar a construção de questionamentos e materializações do imaginado. Está o significado (visível), de algo realizado está em sua expressão? Esta interrogação tanto pode ser feita ao artista como ao cientista. Porque ambos fazem algo, realizam algo.

A importância do sentido dado ao que se faz está, antes de tudo, na imagem que se tem dele, desse algo que não se mostra só depois de pronto, mas antes, no momento “pensado sobre”, onde toda a solidez, o tamanho, a pontuação já se fez presente, precedente ao se expressar ao outro. O que é imaginado no cuidar... o próprio cuidar é uma expressão? Se o é, que expressão é esta?

Ao estar presente, anterior à sua construção, o homem está no universo, como Arte dele, fazendo o ritual entre o imaginar e o materializar, o cuidado criado para e com o outro, o cuidar como Arte da criação. O início da criação está aí.

O homem não precisa sair a procura de matéria prima no âmbito do cuidar, até porque a matéria prima, que dá sentido e existência ao cuidar, é o próprio ser humano, vivente em distintos papéis; basta observar à sua volta as inúmeras expressões e os seus significados: seus sentidos serão ou estarão estampados.

De momentos em momentos podem surgir visões que não têm significado, aquelas que não têm sentido, ou seja, que essas visões podem estar desprovidas de um entendimento claro, conhecido. Não que falte sentido em si, ou significado em si, isto é, o significado e o sentido podem estar ausentes para quem percebe o que imaginou, o imaginado surge sem que aquele que o imagina saiba como interpretar para si e para o outro; e pode faltar o sentido e o significado àquele que observa a expressão do imaginado pelo outro. Assim como pode ter um significado e sentido diferentes para quem imagina a expressão daquele(s) observador(es). Este é um problema: à matéria imaginada, para ser expressa, acha-se inerente o problema do entendimento, da compreensão, do significado e do sentido para si e para o outro. Se na Arte a imaginação se materializa e provoca várias leituras, e isto corresponde ao objeto do artista, como isto poderia dar-se na imaginação que se materializa no cuidado de Enfermagem?

Uma das questões mais frequentes é o medo que as pessoas têm da própria imaginação. Existe um poder atrás do processo de imaginar? Se existe, suscita o medo quanto ao controle da expressão derivada da imaginação...

A questão seguinte é de que toda a criação está em processo contínuo, a natureza tem sua própria dinâmica de vida. O homem, ao usar a sua imaginação, tanto pode interferir neste processo, como pode ser influenciado, isto é, a imaginação do homem pode ser influenciada pela dinâmica da própria criação estimulada, fazendo surgir a nova imaginação, como uma inspiração.

Esta questão tem sua problemática no homem, na sua imaginação e no seu tempo/ espaço, a atenção para com o que está à sua volta; a imaginação do homem interfere, influencia a natureza em sua dinâmica de vida, ou é a natureza que assim o faz à imaginação do homem? Ou seriam recíprocas as influências tanto do homem com sua imaginação e a natureza em sua dinâmica de vida ?

A essência da imaginação que surge e a sua intensidade, são como as qualidades que determinam a sua necessidade de expressão externa, para ser compartilhada no coletivo.

Outro questionamento decorre desta afirmação. Será a imaginação algo passível de estimulação, e poderá ser programada para acontecer? A participação, neste caso, não seria individual, isolada, um homem imaginando, mas sim o homem imaginando a imaginação, num *ad infinitum...*, num contínuo criar imaginação com o outro. Num exemplo, para contraponto da idéia, coloque-se entre dois espelhos e o que verá, possivelmente, se os dois espelhos estiverem se refletindo, será a sua imagem repetindo-se infinitamente. Quem pode é você, com gestos do seu corpo, criando a forma de sua expressão da imagem. O homem que imagina pode mudar a expressão refletida em imagens. Mas pode o homem transformar, interferir e mudar o que expressa, ao dar-lhe sentido e significado? É a presença do homem que dá o sentido e o significado ao mundo?

A criação que expressa algo imaginado, depende da matéria para isso. Ao expressar a essência prima, a sua representação no, para, e com o mundo, uma “figura” original surge, superficializa, isto é, coloca-se para fora da sua própria origem... nasce!

Um exercício de imaginação traz à cena “uma bola de bilhar. Ela é um objeto sólido, pequeno, grande ou mesmo pontual,” mas isso não é importante. O que é importante? O comum dessa bola de bilhar com a imaginação é toda a relação que ela tem com o mundo ao fazer Arte das normas de um jogo, onde são usadas medidas, desde a sua fabricação até a maneira de pegá-la, o local onde ela é usada, representando algo tanto para quem pratica o jogo, quanto para quem assiste o jogo. A bola em si não importa. A coisa essencial é a compreensão; mais que a informação, pois esta pode ser atingida pela aplicação da imaginação criativa individual.

Da imaginação pode nascer um saber, não verificável racionalmente, mas que vai ao encontro do aspecto essencial do espírito humano, aquele que vai além do cotidiano e dá origem à poesia, ao encanto...

Também da imaginação emerge o inefável, o que não se pode exprimir por palavras, o indizível, mas que inebria e tem o poder de encantar...



A banalização formal e teórica de um homem é como a de um homem que imagina em confronto com a necessidade requerida de criatividade, de sensibilidade para alimentar a concretude da sua linguagem e suas idéias; necessidades estas que são culturais e históricas.

A motivação psicológica e cultural criativa, como condição humana, representa o espírito da iniciativa, que promove e confere profundidade à idéia expressa pelo homem.

Aqui coloca-se a questão do ensino de Enfermagem, do aprender a cuidar, do ajudar sem saber, ou não como e o que é viver saúde. O homem que vai aprender para cuidar de outro homem, o faz através da imaginação? Refletindo sobre a imaginação, penso que se o aprendiz usa a imaginação produtiva, aquela decorrente do próprio objeto, talvez esteja aí um aluno criativo e criador, possivelmente mais afeito a tomar iniciativas. Se assim o é, o que se faz necessário para contar com a possibilidade de provocar, no aluno, "multivisões". proporcionadas pela ativação da imaginação? Tomemos como referência visual um caleidoscópio. Esse objeto, ao ser levado ao olhar, redimensiona a visão e incorpora diferentes e inesperadas presenças, coloridas ou não, permitindo que através do que se forma, e que é visualizado por um olho, desencadeie-se uma série de lembranças de objetos conhecidos e se dê um reconhecimento, significando e alimentando seu prazer de memória. As mil imagens sensíveis, como se fossem a visão de um caleidoscópio, são visões que nem sempre são incorporadas na estrutura do conhecimento da enfermagem. Essas visões, por serem aceitas como visões puras e simples da prática, se diluem dissociadas, tanto do contorno como da tessitura, do conhecimento de Enfermagem.

“A imaginação é necessária para dar forma a uma teoria ou a uma hipótese”. No prefácio de “Gaia, Thompsom (1990,p.8), trata de colocar a questão da imaginação como uma importante fibra do tecido chamado conhecimento”, citando como reforço Whitehead, que argumentava “a razão pura não poderia jamais elaborar uma visão científica do mundo, e que a capacidade de imaginação de nossa mente não é resultante epifenomenal de processos mais depurados de uma lógica de computação, como os defensores da inteligência artificial gostariam que acreditássemos. A imaginação é necessária para dar forma a uma teoria ou a uma hipótese”.

O uso do termo fantasia indicava, desde o século XVIII, imaginação desregrada ou desenfreada, a imaginação enquanto idéias, que é a produção de imagens sem o querer. O caráter rebelde da imaginação fantástica, a partir do século XIX, passa a ser característica de valor positivo, de uma liberdade criadora. A diferença deste ponto de vista nos coloca frente a impossibilidade a uma união entre a razão e a sensibilidade, articulada pela imaginação.

A imaginação é vista sob dois aspectos distintos, um como função criadora, a do gênio, aquela qualidade que, como fantasia que simboliza, poetiza e alegoriza; e outra, como reprodutiva. Considerava, porém, que a imaginação fosse uma inteligência e uma reprodução e a fantasia inteligente criadora. Conceituava como gênio aquele que tinha o poder de criar através da fantasia Hegel (1974).

Croce, citado por Pirandello (1994, p.28), coloca-se em favor de que a fantasia é considerada uma faculdade artística peculiar, distinguindo-se da faculdade extra-artística da imaginação. Passa a fantasia, desta forma, a ser considerada uma manifestação de atividade infinita, sendo ela mesma infinita, situando-se além de qualquer medida ou análise, um conceito mágico/metafísico que não pode ser utilizado fora de um determinado clima, aquele criado pela estética romântica.

Husserl (1980), particulariza a questão das livres fantasias nas experiências humanas para revelar a verdadeira natureza das coisas, e que estas livres fantasias representam um privilégio em relação às percepções, tornando as coisas objetos de contemplação desinteressada.

A experiência é constituída com a intensa repetição de sensações. Ao repetir um determinado exercício, desenvolve lembranças de um mesmo objeto, e constitui uma só experiência.

Pela ciência racionalista, o conjunto organizado de conhecimento que se adquire como um saber erudito ocorre, especificamente sem considerar a imaginação. O homem se relaciona e transpõe a sua própria natureza, nela interferindo para o seu benefício. Assim, pela ciência vão se configurando um método e uma expressão, como linguagem e como lei para ordenar e classificar os fenômenos da natureza distanciando-a da convergência ciência/arte. Diferindo

da possibilidade que se tem da articulação entre a razão e a sensibilidade articulada pela imaginação.

A tarefa atribuída à imaginação não se resume ao sonho, à fantasia, à criação, à reprodução, mas também cumpre função junto à matemática, à ciência; ela não é prescindível em nenhuma área, é imprescindível em todas as áreas do conhecimento humano (Lorenzo,1990, p.106). Seria possível um ser humano viver o processo de ampliação da consciência dos sentidos e da própria razão sem imaginação? ou seja, seria possível o ser humano sem imaginação, evoluir?

É com o corpo, e através dele, que as transformações acontecem, visíveis ou não, perceptíveis ou não. É importante ressaltar que independente de qualquer juízo e de qualquer tipo de situação, há uma dinamicidade, um movimento constante, lento ou rápido, nas situações de vida. A diferença está na tomada de consciência do que ocorre com você, com o outro, entre você e o outro, entre os outros, percebendo-lhe o sentido, o significado, ou ainda, dando sentido e significado ao que parece não o conter, ou seja, compreendendo e identificando o que percebe, tem um entendimento claro.

É preciso nutrir a fonte de experiências para que haja produção, expressão do drama cósmico vital que acompanha o homem e o constringe, onde o passado e o futuro são confrontados no presente, o enigma da existência, o momento, o instante é revestido como se fosse eterno e harmônico, uma construção genial.

Afinar os sentidos, sofisticar ações, amadurecer socialmente são requeridos daqueles que pretendem exhibir a capacidade ou desejo de conhecer; conhecer no sentido mais concreto, pessoal, com a individualidade que se faz inerente e desejado a uma formação curricular esperada enquanto uma ciência que contemple o sensível.

Para qualquer prática está implicado o tentar, o empreender, o conhecer ou o avaliar, que vêm a se dar pela experiência. Esta experiência que não prescinde de um sentir, um sofrer, um suportar com habilidade, uma perícia, num exercício constante que pode ser de uma profissão, de uma Arte ou ofício; vem acompanhada, necessariamente, da descoberta dos limites que os sujeitos nela vivenciam. É, ainda, nessas experiências que se conhece a vida a partir do uso

dos sentidos, incorporando, assim, à experiência, o sentimento e o sentido, permitindo a reflexão “sobre”.

Refletir através da experiência e dela perceber e concretizar a análise de um tema, desenvolve atitude crítica sobre o próprio conhecer. Avançar na simultaneidade de teorizações que emergem dessas experiências sugere lucidez na questão da consciência de problemas, possibilitando práticas enriquecedoras.

Ter a consciência de uma determinada experiência supera o olhar sobre si mesmo como sujeito que experimenta, lendo sua própria reação, ou seja, a reação frente a si mesmo, bem como a situação que o rodeia e as possíveis evocações a que se pode chegar. No campo do consciente existe um ilimitado mundo de problemas, que podem eliminar a pretensão de uma consciência unitária, quando só o consciente qualificado pelo uso dos sentidos e de experiências poderá distinguir graus e níveis de abstração.

Ao nível cotidiano devemos usar a imaginação para aplicar conceitos às coisas. Esta é a maneira de fazer familiar o mundo e, portanto, torná-lo visível e compreensível, dando-lhe uma concretude, ainda que aparente, passível de alguma nova expressão e manejo. Sob o nível da consciência, a imaginação atua ordenando o caos da experiência sensorial, a distinto nível, para assim poder voltar a desordená-lo. Sugere a existência de zonas inexploradas, enormes espaços, que ocasionalmente se expõem.

Destacamos Heráclito (1987), entre os pensadores antigos que mais se aproxima da visão atual de mundo, um dos mais importantes dos pré-socráticos pensadores sobre a filosofia, refletia sobre o mundo como um contínuo vir a ser, num fluxo permanente de todas as coisas no mundo, nascer e morrer, o sono e a vigília, o jovem que se torna velho, o dia que passa a ser noite, num movimento eterno, que não permite se repetir, nem a si mesmo. Para Heráclito, a guerra e a luta dos contrários é a justiça e a harmonia, a harmonia surge da tensão dos contrários. O equilíbrio vem da oposição existente na realidade, e para ele a realidade está impregnada de instabilidade, de movimento de múltiplas mudanças. Colocado desse modo, desse conflito a unidade se manifesta. Pensava “a realidade como fluxo ou devir permanente e eterno, a guerra dos contrários como justiça e ordem do mundo; a unidade da multiplicidade ou da luta e oposição dos contrários; o fogo como *phýsis*; e a crítica dos que imaginam poder

conhecer as coisas pela simples observação sensorial ou empírica.” Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos. É ainda Heráclito que, ao criticar o senso comum, enquanto opinião, não faz distinção entre a experiência sensorial e a razão. Considerar a experiência sensorial como uma via de opinião, coloca-a longe da verdade, do puro pensamento, do intelecto. Assim, os sentidos humanos, tratados isoladamente, de ver, tocar, sentir e, ouvir, são para Heráclito, ilusões.

O filósofo pré-socrático Zenão argumenta que sob o ponto de vista do pensamento ou do raciocínio, o pensar sobre a multiplicidade ou o movimento, que compõem as contradições, torna-se um trabalho inútil. Mostra que o que se forma na experiência do dia-a-dia, através do percebido pelos sentidos (o movimento, a multiplicidade, a unidade, o espaço com seus intervalos e o tempo vivido), nada mais é do que a opinião. Na experiência, o que se repete se estabelece como marca, partindo da memória - armazém de imagens, idéias e formas de pensamento, sentimentos e sentidos - em resposta expressiva a uma solicitação de resultado elaborado. A expressão humanamente materializada em idéia, em forma de pensamento, é como mensagem de si para o outro. E, ao ser elaborada, repete a mensagem, criando uma rede de relações rica em informações - obras que se fazem estrutura e dão sentido e significado ao viver do momento em que se instala, essas obras são, então, reconhecidas, identificadas, ganham existência. É neste espaço/tempo que o homem coloca-se como criativo, criador e inventor em sua genuinidade e genialidade, em uma composição e disposição para vir a ser. A matéria aqui é o som de sua voz, os ruídos de seus movimentos, de sua locomoção, codificados e aceitos por ele e pelo grupo no qual ele faz Arte. A materialização, ao presenciar-se, dá significado às idéias que permeiam a rede para traduzir o sentido ao mundo vivencial, numa totalidade que se expande a partir dele. O controle de si e o domínio da forma não deixa o afetivo de lado, articula-o a si no ato de fazer. Ao repetir, em cada ato, ensaia-se, descobre a si e ao outro, em novas formas de si e do outro e, sensível que é, conquista o conhecimento.

A “conquista conquistada” já não permite retroceder, porque o novo se projeta a cada pensamento ou idéia que surge. E o novo, criado espontaneamente ou não, materializa a humanização; o homem quer estar, ser e fazer acontecer em todos os momentos de sua existência. A humanização, ao toque da mão do

homem, dispõe do seu agir sobre e com a natureza, interfere e se manifesta além da própria natureza e do espaço em que vive. Então ele, o homem, fala, canta, declama, e na sua sonoridade se faz ouvir, e através dele o som acontece. Pela sua vontade, num ato voluntário, o homem age. O homem se movimenta, caminha, dança, corre e pára conscientemente, conquistando o espaço no tempo, no seu tempo. Ao gestualizar, o homem usa seu corpo para transitar no espaço e cria novas formas para rir, chorar, cantar, falar; ocupando o momento de tempo e espaço. As novas formas de si mesmo são experiências que permitem a ampliação, a visão de seu mundo e de novas formas, novas experiências, enfim criações que humanizam. É como se brincasse caminhando, ora agitado, ora calmo, ora agressivo, ora amoroso, explorando e se explorando na medida que pode avançar para ultrapassar seus próprios limites. As tentativas são inúmeras, talvez incontáveis, até que a matéria se faça consciente. A consciência é ver a imaginação. A imaginação que reside em sua memória - em seu pensamento, em suas emoções, em seus sentidos, na sua presença no mundo -, criando, recriando, inventando, articulando incessantemente cada momento do existir. Tornar-se consciente ao ver a imaginação, é um processo experiencial que dá vida ao imaginado e pode ser vivenciado pelo que imagina e pelo outro, que se expressam na obra realizada. A experiência que materializa, atravessa universos micros e macros, unicelulares e multicelulares, coloridos e incolores, sonoros e inaudíveis, dando formas aos conteúdos a cada momento.

A criação é única ao tornar-se matéria, obra visível, audível e palpável, fazendo-se pela imaginação que coloca idéias e pensamentos em momentos experienciais, desdobrados em formas únicas ou múltiplas formas de expressão. Que matéria é essa derivada da imaginação? De que material é feita a obra derivada da imaginação? Que formas e conteúdos são dados pela imaginação?

As dúvidas são muitas e produzem um profuso questionamento relacionado aos conteúdos da imaginação. Seriam as visões decorrentes da natureza, de pensamentos elaborados pela mente, ou se consistem de memória do vivido, do existencial puro?

Para entendimento do que até aqui foi dito, à imaginação é dado um caráter de universo expandido: a totalidade percebida no viver. A imaginação aqui não se vê de modo fragmentar, parcializado. Ela é vista no mundo e com o

mundo, no espaço com o espaço, ver o trajeto de vida. Aqui não se quer falar de um determinado espaço, num momento ou obra específica, mas refletir sobre o processo de materializar o que é imaginado, quando a imaginação torna-se algo fora de quem imagina. O imaginado passa a ser objeto com determinada forma, pois seu conteúdo é Arte do conhecimento, é Arte inerente da inter-relação humana. Por si só, o materializar é um processo que dá a algo que inexistia a condição de existência. Tornar existente permite a esse algo tornar-se visível, palpável, audível, passível de movimento, enfim, passível de inovar a criação.

A experiência, tal como a vejo, é um exercício no mundo da intencionalidade para descobri-lo, conhecendo-o. Na realidade dos modos de vida, no cotidiano, a experiência se passa como um ensaio. A experiência, então, impulsiona a habilidade que vai sendo adquirida ao longo de um tempo exercitado, o que possibilita e facilita o juízo e, conseqüentemente, uma opção que traduz um acúmulo de informações adquiridas pelos sentidos.

A experiência que materializa, tal como a habilidade que se aprende, dá lugar ao surgimento de algo novo; algo que se transforma, algo que se cria, a criatividade.

Ao perceber o mundo através das experiências é possível iluminar, clarear idéias e pensamentos, reavivar o universo e utilizar o vivido para outras experiências. Isto desvela determinada importância, revelada pelas criações feitas conscientemente, porque deste instante derivam-se os novos pensamentos, novas idéias, novas criações. Assim, tendo a imaginação como ponto de partida, novas experiências acontecem.

A experiência expande-se, assumindo sentido e existência, numa visão “intelectual” tida como universal, e abre-se a uma profunda identificação com o humano. O instante dessa experiência é acolhedor da sensibilidade, e esta, por sua vez, mostra-se, superficializando e apurando as expressões dos sentidos, fazendo com que o sensível se exponha à consciência de sentir o “pulsar do universo”; consciência expandida e criativa, visão holográfica.

A consciência desse sensível é expandida e o conhecimento do mundo se dá com luminosidade. A intensidade de clareza vem daquele “instante”, para em seguida ser reorganizado, reincorporando Arte desse “clarão”, permitindo novas

possibilidades, novas tentativas, novas experiências e, conseqüentemente, o materializar de idéias, sentimentos e pensamentos.

A experiência sensibiliza a consciência e conscientiza. Ao repetir um movimento numa cadência, num tempo e num espaço, determinando um ritmo, um compasso, uma harmonia, a materialidade se faz presente. Nessa presença consciente faz-se a liberdade na materialidade, “criando criativamente” a (re) criação do mundo; assim, materializa-se sua imaginação.

A criatividade é poder participar da vida como aquele que atua em toda a sua totalidade, em toda a sua existência. A criatividade é exercício que permite o viver, e o expandir-se em criações de criaturas pensantes, conscientes e livres, fazedores de opções e decisões das maneiras de ser. A maneira de ser que determina o fazer. O ser e o fazer acontecem através do pensar, daquele que imagina. A imaginação é própria do homem que cria, com todas as propriedades, até mesmo a de fantasiar, desenhando ilusões.

O homem, em sua qualidade de criativo, precisa do imaginar em todas as suas formas, com todos os seus conteúdos, para sonhar e criar. Esse imaginar envolve a construção de idéias e a invenção; ou imaginar recordando e lembrando do passado e, ainda, levantando uma idéia, uma questão a ser resolvida ou julgada, prefigurando o que será “o mais adiante”.

De outro lado, ao evocar a imagem de algo percebido, ou seja a formação interior das imagens, projetada na sensação nova de algo não percebido, desenhando-se novas combinações, realizando-se o ato criador, criando o novo, ou seja, oferece aos demais conviventes a formação explícita ou exterior da criatura no seu fluir do imaginário para a realidade.

A experiência que materializa a imaginação possibilita que as coisas e suas propriedades sejam mais que idéias, e sim consciência e materialidade, que entram no circuito das relações entre os homens: a criatividade.

## **2.2 Relação estética - Ferramentas de garimpo**

A Arte poderia ser “qualquer coisa” que o homem se propusesse a fazer, pensar e sentir, desde que ele estivesse pleno no momento da ação realizadora.



Porque, ao fazer, o homem, sistematicamente, cria, vai além das reações instintivas. Com esta afirmação, quero dizer que todas as vezes que o homem se coloca no ato de realização, seja na área de pensar, do gesto, da palavra, do movimento de seu corpo com a intenção impregnada de algo que vem de dentro dele, com atenção e com a tão chamada “alma”, se assim posso me expressar, podemos ter a Arte.

Ostrower (1995), referindo-se à vinculação à afetividade das pessoas para estar intimamente ligado, em termos de linguagem artística, linguagem expressiva... surgem considerações de um conhecer, de um pensar e agir... “Este conhecimento envolve sensualidade e espiritualidade da vida”.

Como identificar este momento? Este ato? O gesto e o movimento carregado de uma característica tão peculiar? Parece difícil determinar, classificar, estabelecer um código para dizer se este ou aquele algo é o resultado de um processo artístico.

Podemos, também, hipoteticamente, levantar questões que nos levam a pensar sobre a condição em que a Arte é colocada, como as condições artísticas, onde os instrumentos, o ambiente, as técnicas, os métodos específicos para uma produção de obra de Arte; atividade artística e, como consequência, ou o resultado, o produto nem sempre é aceito ter acontecido neste trajeto entre a intenção de “ter” um produto, chamado Arte, e o próprio trajeto?

Poderíamos ter vários questionamentos, ainda desmembrando quando pensamos sobre a Arte: seria ou teria, a Arte, outros espaços que não só produtos acabados, chamados materializados em cristalizações estilísticas de uma época? Ou seja, que a Arte em seu próprio estilo, especificando um determinado período de tempo, deixa sua marca registrada, atravessa seu tempo até os dias de hoje?

Logo, será possível pensar em obras que seriam obras de Arte trajeto? Aquelas que enquanto se constroem, se realizam, se fazem efêmeras. Em seu tempo de construção se esgota, atende o movimento daquele instante e atinge o seu clímax de expressão de Arte e desaparece, consome-se em si mesma? Como exemplo: a representação teatral, as escultura em materiais perecíveis, tais como gelo e areia.

O entendimento sobre a Arte como obra acabada, aquela que se enquadra em um espaço, com características únicas, determinada por um estilo dado por

um artista, que ao fazer esta(obra), imprime o que vem de dentro de si e atinge o meio, num processo de estar presente. Podemos pensar nesta produção e seu produtor como sintomas de uma dada época ou, melhor dizendo, seus representantes e porta-vozes.

Assim, a grande obra de Arte, que sobreviveu às destruições humanas e, ainda, pode ser apreciada nos museus, nos revela os valores culturais de uma época e de um lugar. Este espaço-temporalidade anuncia um certo estilo valorizado num dado contexto. Só a título de exemplo podemos nos perguntar a que veio a Arte engajada? O que ela nos diz? Que símbolos sociais nos comunica?

Na sociedade moderna, cujos valores hegemônicos eram o utilitarismo e o trabalho, direcionados pelo determinismo político e econômico, toda manifestação artística não engajada era, sumariamente, taxada de alienação.

Já entre os anos 70/80 podemos constatar a reação a este estilo com a Pop Art cujo expoente pode ser considerado Andy Warhol (1962), com suas multiplicações de latas de suco de tomate e de Marilyn Monroe a agredir conservadores com o seu estilo pós-moderno.

O estar-junto, no coletivo, num simultâneo Arte-todo, cimentando e compondo a liga da socialidade<sup>1</sup>, propõe a própria vida social como uma obra de Arte aberta, inconclusa, caótica, inquietante, fora dos padrões preconizados pela “grande Arte”.

Maffesoli (1995), vai denominar este estilo de vida como “estético”, como um vínculo social pós-moderno com potência para religar os homens entre si, como “maneira de sentir e experienciar em comum”. Rezende (1998, p.3), acrescenta “Não é somente a grande obra de Arte, produção cultural legada à humanidade, completa e acabada, que vai reunir o poder da beleza. Toda a vida social, toda a socialidade é uma grande obra de Arte, possuidora de uma “força coletiva invisível” com potência para re-ligar uns aos outros”.

O conceito clássico de estética já não prevê a dinâmica assumida por esta concepção da estética. Em sua discussão sobre a obra de Arte e a socialidade, Rezende(1998,p.4) esclarece: “A vida social, a socialidade, é a obra de Arte

---

<sup>1</sup> Socialidade aqui entendido como propõe Maffesoli ..."o lugar onde a potência social tenta se exprimir" A CONQUISTA DO PRESENTE , p 48 opondo-se ao dever-ser , racional e controlador, com o ser-estar-junto, afetual.

aberta, posta em movimento num permanente construir-se. Aproxima-se daquilo que Durkheim chamava de “divino social” e que Maffesoli (1995), interpreta como uma forma politeísta, composta da pluralidade de diferenças e que mesmo assim, ou, melhor, porque assim o é, se organiza, como um “reservatório do saber viver””.

Descreve a existência de uma sabedoria popular, não explícita, mantendo o povo unido, ao se deixar sentir nos momentos de crise, sob a força divina do *re-ligare*, ao que Maffesoli identifica como “centralidade subterrânea”, considerado vetor social, que como um nó simbólico, atua sobre coisas materiais, de mistério; assim, ser chamado de “materialismo místico”. Apesar de todas as dificuldades encontradas no racional que explica e fragmenta, a energia derivada, que surge desse movimento, permite que a socialidade continue. Desse modo, esse povo escolhe **querer viver** na unicidade composta de diferenças, alicerçadas nas imposições relativizadas, em vez de viver na unidade homogeneizante. O “estar junto”, no coletivo, num simultâneo de ser único, mas fazer Arte do todo, cimentando, compõe a liga que dá socialidade, impregnada de um estilo estético.

O pensar sobre a Arte que, com a impressão de um homem, no seu caráter individual nos leva a outros caminhos de interpretação, ou entendimento do que existe como momento, instantâneo, o fato acontece, sobrepõe a este, em camadas, em movimento, numa contínua relação com o meio, com o outro, consigo mesmo, com a obra. O todo se revela em outra dimensão, em uma visão sequenciada, atualizando-se continuamente, dando várias significações “vivas com outros”, simultaneamente sendo a “causa e efeito” de um jeito de “estar junto”, Maffesoli (1995, p. 23), e na passagem desta condição individual para o coletivo, parece ser o viver com o outro.

O “ideal comunitário”, como uma nova moda de viver e ver o mundo, surge como o reconhecimento de mudanças de novo estilo de viver, descobrir que o viver está sempre em um ir e vir, está no retorno, um subir e descer, um crescer e decrescer, movimento que se presencia nas civilizações, características de mudanças que acontecem em todas as sociedades, quando suas maneiras transitam nas chamadas evoluções, e onde o conhecimento que dava conta se esgota, perde a sua força de existência com passagem a uma nova maneira, nova ordem de existência, dando ar de renovação às situações no presente, eliminando

aquilo que se mostra saturado, algumas vezes retornando àquilo que havia abandonado, dado como vencido em tempo anterior, retorna e se torna presente com energia, alimenta e é alimentado no momento presente, atual.

A criação do novo depende de uma fase de destruição (Maffesoli, 1995, p. 24), em que a agitação, a desestrutura e a anomia são condições presentes. No cotidiano há uma pressa em viver dos “sonhos coletivos”, num ritmo de “revolta juvenil” e sob a “forma do fanatismo e de exclusão”. A germinação para a transformação é oriunda de grupos domésticos, ecológicos, em pulsão primitiva, em ebulição, que marcam o início de um outro tempo.

Ao passar de um estilo a outro, na condição de continuidade, outra face da sensibilidade surge, quando a forma de sensibilidade que mantinha as emoções e referência a um objeto esgota-se. O novo surge, e ocupa o espaço da atenção, revestido de adoração e atração, alimentando esse doméstico dos sentimentos, solidifica uma energia que alimenta o momento em que aparece.

As transformações podem ser entendidas e ilustradas observando-se a história da Arte, declara Maffesoli (1995), onde cada período pontua estilos, gostos próprios do seu tempo, tem seu apogeu numa civilização própria, isto é, os homens dessa época deram conta de manter a energia e a força de seus ícones, interagindo coletivamente, dando uma visão de unicidade épica, representada pela obra de Arte criada, marcando como “sentimento coletivo” dado pela “forma formante”, originando várias maneiras de ser, costumes, representação, modos que revelam a vida em sociedade.

Não há um divisor de águas entre os estilos diferentes durante as mudanças. Para identificá-los é necessário delimitar convencionalmente e pode ser observada uma sobreposição, ou seja, enquanto um estilo está em fase decadente, o estilo emergente está presente. Acontece simultaneamente em suas fases anormais, ao mesmo tempo em que há permanência do considerado ultrapassado, o novo se instala e, o que é novo e velho, transitam juntos, evidência da existência de um e de outro, compondo-se, assim, um corpo único, o coletivo. Nesta transição, não exclusão total e nem inclusão total, transição onde as mudanças formam um corpo, interiormente amalgamando o novo e o velho, num movimento em flexibilidade a “interação de estilos leva a um estilo global”

(Maffesoli,1995,p.27), mistura gêneros. Os elementos do estilo moderno e pós-moderno se compõem para dar vazão à socialidade, ao tempo das coisas menores, atual e cotidiana, globalizante, dando unidade global sem contornos definidos.

O estilo estético pós-moderno é carregado de vitalismo social, compreendido por vários matizes, considerado como uma condição do viver, tanto individual como coletivo, e no âmbito das áreas de expressão artística, propicia a existência de um conforto, como àquele dia de folga, àquele momento lúdico no intervalo de tarefas esgotantes de trabalho em que se deixa ao embalo de um prazer fortuito e energizante, rápido.

O estilo, influencia em todos os setores do viver do homem, dá-lhe uma marca, um sentido na tendência da moda do momento, tanto para a economia, como para o mercado, favorecendo ou não, sob a égide de um estilo cristalizado instalado nesta época que revela sua amplitude e complexidade social.

O estilo, mesmo quando aplicado às ondas do viver, projeta matizes diferentes, modos que se mostram, estetizado à existência, à empresa, transpassa de um espaço a outro na extensão de dada área. Maffesoli (1995,p.40), refere-se a definição clássica de estilo, dada por M. Shapiro: “O estilo é uma manifestação da cultura como totalidade; é o signo visível de sua unidade. O estilo reflete ou projeta a forma interior do pensamento e do sentimento coletivos”. O que é importante, neste caso, não é o estilo de um indivíduo ou de uma Arte isolada; são as formas e qualidades partilhadas por todas as Artes de uma mesma cultura, durante um lapso de tempo significativo. É nesse sentido que se fala do homem clássico, do homem medieval, do *homo economicus* do *homo esteticus...*, para ilustrar a ampliação de uma concepção de estilo.

Cada época, com seu estilo, permite a compreensão dos valores nascentes, dados por uma sociedade. Um novo estilo de uma sociedade surge quando as formas do estilo social não saciam a sede do que avançou como humanidade social; esse passa a ser chamado de antigo, por não atingir, ou seja, não emocionar, não sensibilizar. Já faz parte, não alimenta as relações acostumadas com essa força que impulsiona. A força impulsionadora é carregada de desafios, de visões diferentes e promotora de movimentos diversos.

Divisam-se “sintomas de descrença nos grandes relatos explicativos, tanto da ciência, quanto da política, da economia, da religião e da Arte, entre

outros” Rezende (1998, p.10), o que havia desaparecido, o que era considerado formas “alienadas de convivência social, os pequenos grupos de interesse... conhecimento pré-científicos” ressurgem para “reorganizar o mundo”. Rezende (1998, p.6).

Ainda, essa autora, ao questionar sobre o tecido que compõe a sociedade pós-moderna, vincula os homens entre si e à sua produção, declara que a resposta está no “estilo estético”, citando Maffesoli (1984); deste modo explica que o termo estética assuma papel ampliado.

A estética, de vários ângulos, salientando a existência de diversas interpretações, desde uma maneira absoluta de ver as coisas, passa por uma estética da representação a uma estética da percepção; ou ainda, no uso utilitarista, concepção esta que permite a estética ser compreendida no campo da aparência visual para permitir “percepção do mundo”.

A estética é, assim, comunhão, a nova forma de socialidade dada pelo estilo, o de sentir, de ver, de amar sem estar preocupado com as representações futuras; “o estilo estético é, conseqüentemente, a língua comum”. “O todo exprimindo-se em rituais particulares e modelando o conjunto da vida cotidiana” (Rezende, 1998, p.3), ou seja, o grupo social ao se reunir em motivo comum, põe-se numa ordem e numa lógica internamente.

Na busca do prazer de estar junto e sem propósito, fortalece o “localismo”, no mimetismo tribal, os conformismos do pensamento, do hábito e de maneiras de vestir. Neste viver junto, o único sentido vai além da moral estreita do dever ser; há um imoralismo dinâmico que traduz uma exigência ética, a ética do instante, que empurra para um pertencer ao coletivo, com seu jogo de diferenças, pluralidade, a imediatez do presenteísmo, em sua superficialidade e imediata resposta. O estilo pode ser evidenciado, reconhecido pelo olhar ou pela palavra do outro.

Ao ampliar o sentido de uma expressão humana em sua característica mais geral, típica, ultrapassa os limites de si, e este homem se coloca, passa a fazer Arte do meio, como valor dado pelo “meio ambiente social e natural” em que se encontra. Este homem alcançou aquele espaço do sensível, ou seja, que no seu viver ele sensibiliza, traduzindo através de sua obra a força, a energia, a vontade emocional do grupo social a que faz parte.

Neste sentido, ou seja, na busca de um conhecimento que possa ser entendido sobre a Arte na profissão de Enfermagem, faço um recorte para os espaços do viver num campo específico do fazer-ser homem que é o de cuidar de gente, em especial em aprender a cuidar de gente.

Estudos sobre estética na Enfermagem mostram a tendência a “achar” uma brecha na interpretação de Enfermagem como um lugar onde a Arte está presente, com papel e sintomas definidos, e são levados a considerar sobre a Arte. Mais adiante, penetra-se em aspectos como o uso da tecnologia, de instrumentos, aparelhos e condições ambientais-materiais com cara de avanço de um viver melhor, que quando instalados com o único fim de um trabalho produtivo, desumanizam, automatizam e enrijecem o tecido social.

Nos dias de hoje, para dar significado as manifestações de Arte como o seu reflexo, no que se denomina sociedade pós-moderna, é preciso reportar-se a uma ótica daqueles que traduzem a Arte pela ebulição, atualizando, conformando a existência em um estilo estético.

Para Maffesoli (1995), corresponde à interpretação, colocando na vida cotidiana, nos pequenos espaços que até então foram desconsiderados como espaço de valor de vida. O minúsculo tece e liga, dá sentido, aglutina pessoas em torno de algo, através do sentimento de um grupo social, sentimento derivado do que sensibiliza, expressa.

A história das sociedades nos revela seu caminhar, a expressão de seu estilo, em sua extensão de vida; desde o seu surgimento, o seu trajeto pelo tempo, seu avanços sociais, seu ponto mais avançado como civilização e sua decadência, quando o seu estilo já não mais sensibiliza e nem traduz a emoção dessa sociedade; esgotados os seus elementos de expressão, percebe-se época de transformação, épocas de trânsito para uma outra época.

O que era o ponto mais efervescente e interessante passa a ser algo oco, vazio e sem sentido. A sociedade cria espaços que lhe tragam sentido e sentimento, com uma base que a sensibiliza.

No sentido social pós-moderno há um estilo estético, em plural, de elementos de qualidade global, sinérgico, instável, dinâmico e em movimento de forma equilibrada.

O prazer de estar-junto e o hedonismo, ou seja, recostar-se no equilíbrio do prazer em grupo, e o prazer individual, são alimentados e observa-se que são as maneiras de viver do cotidiano da sociedade deste final de século; a exemplo, os grupos no esporte, na música, na religião, no lazer, no consumo.

O estilo no cotidiano toma a característica de algo que apresenta seu modo de viver. O termo passa a significar, então, desde a maneira de buscar a felicidade, àquilo que marca o grupo, no ser coletivo.

Influenciado pela moda, o homem em suas relações sociais sucumbe à tendência estilística em determinado tempo e local, agindo e reagindo, em todos os espaços de seu viver.

Entendendo que a sociedade contemporânea, rica dessas características de socialidade, sensibilizada, em transição, sobrepondo um estilo estético na intenção de um viver presente, efêmero, caótica, ao mesmo tempo, coloca-se em constante atrito com o que está por deixar de ser, isto é, o estabelecido, a norma, aquilo que trata de um futuro e da segurança temporal, temperado pelo que é certo e errado, bom e ruim para o grupo em seus espaços menores.

Na Enfermagem nos dias de hoje, também, se reconhece estar vivendo a chamada visão “social pós-moderna”. A Enfermagem apresenta-se por um grupo social de trabalho, em ebulição em sentido e sentimento caótico, em constante busca de estilo. Estilo como algo expressivo que se transmuta, efêmero, em moda, em movimento constante, acima de tudo, impregnado do vitalismo da vida coletiva, convive entre homens num encontro dos espaços revigorados, onde, nesse encontro, o homem cuida e é cuidado.

Nos estudos, de um modo específico os de Enfermagem, os autores revelam que, em suas buscas de conhecimento, identificam os espaços onde, ainda, o mito, os laços de afeto, as emoções, os pequenos gestos, são fibras de uma socialidade no coletivo, no ecológico, na virtualidade em que ao individual se mescla dando a visão ampliada da relação de vida no contexto social pós-moderno.

A unicidade vitalizadora é sustentada pelo sensível (pela sensibilidade), desenvolvida e mobilizada pela emoção do **estar junto**, transgride para ajustar uma harmonia passageira em conflito, organiza este presente constante, e reorganiza-se; a preocupação predominante é o presente.



Estudos sobre a estética no trabalho têm mostrado isso. A Enfermagem e o trabalhador nas profissões de saúde demonstram, com sua atitude, a busca de um presente contínuo. um exemplo disso, é a análise do espaço de expressão estética do trabalhador de instituições de saúde, através de seu pensamento, ação e manifestações cotidianas (Ramos, 1995, p.110). A autora depara-se com a transgressão que realimenta, que em sua manifestação, esse grupo social vivencia e apresenta em sua expressão cotidiana a característica de um mundo em transição, sensível, caótica, em busca de um estilo que o mantenha equilibrado, na “harmonia conflitual”<sup>2</sup>.

O estudo desenvolvido por Penna (1996), mostra o lúdico e o simbólico mergulhado num caldo de risco de violência no viver do cotidiano de moradores de favelas, revelando as formas de relações às quais ela chama de “estética de ser saudável”.

Para Bellato (1996, p.10), “Assim, as estratégias de sobrevivência diária que procuram, principalmente, transformar o trabalho penoso dentro do hospital em fonte não só de sofrimento, mas também de prazer,”... demonstra em seu questionamento uma asserção de que deve haver um modo de transgredir o que se espera acontecer, ou seja, a busca do prazer mesmo em tempo não esperado, mesmo que seja em meio ao sofrimento.

Estes exemplos, recortados da produção científica recente de Enfermeiros, denunciam que ao controle rigoroso, a que, por tanto tempo estiveram submersos, estes profissionais afrouxam suas malhas de instituído e tornam-se porosos para permitir o surgimento do fortuito que possibilita o desejo de viver o presenteísmo.

E é neste pequeno espaço, no micro valorizado pela interpretação e análise maffesoliana que situa-se as visões de Arte na Enfermagem: elas acontecem no interstício do “tecido humano” da socialidade. É na relação de “harmonia conflitual”, que se mostra o estilo estético que dá sentido, significado mobilizador das ações, de um grupo como o de Enfermagem. À exemplo disto são as citações feitas por Rezende (1998), em seu estudo sobre o “estilo estético e o cotidiano” sobre a tese de Ramos (1995), escreve que “na busca de um

---

<sup>2</sup> Harmonia conflitual colocada aqui para esclarecer o mesmo que Maffesoli diz ser o resultado da ambivalência do pluralismo existencial atuantes no corpo coletivo, o que corresponde profundamente no interior da cultura e da natureza, a solidariedade... in Conhecimento comum. p.72

conhecimento, é necessário uma abordagem mais sensível e “óculos” especiais para enxergar o latente viver que está em transmutação, no presente, desfocando as preocupações com um futuro.” O consumo do que é produzido atende o instante em que é produzido.

Traduzo este momento como uma Arte trajeto, onde se instalam e reinstalam, constantemente movimentos de mais variados tons, ritmos, imagens para dar conta do vitalismo fugidio.

Fayga (1995), ao abordar o fato da experiência artística acontecer no âmbito da sensibilidade, diz: “Além do profundo prazer, ela nos transmite um sentimento de expansão de vida, e ao mesmo tempo desencadeia em nós mesmos a compreensão de certas verdades sobre o mundo e sobre nós.”

No lugar de abominar e, abandonar esta visão de desordem, caótica, que promete insegurança e dúvida, tenta-se entender como o processo de criação, na intenção consciente de que este coletivo global ligou com o aqui e agora, experimentando a obra de Arte, aquela em trajeto, aberta, inconclusa.

O caráter humanista que surge dessas articulações está presente no viver da profissão, na relação, no conjunto do viver humano promovido pelo estilo estético de Enfermagem, na relativização do que era antes e o momento atual. A ética do instante que pede um rigor no cuidado, ou seja, o estilo estético, aquele que está em seu caráter presente, anômico.

No cuidar como uma relação de estilo estético não se trata do cuidado e daquele que é cuidado pois, assim, quem é cuidado poderia ser percebido como objeto de cuidado. Trata-se, sim, do compreender a relação estética que une, mesmo que de forma efêmera e circunstancial, um e outro ser humano mediatizados pelo ato estético do cuidar.

Desse modo o que se evidencia e que alimenta o interesse no cuidado de Enfermagem quando se trata de Arte, é o momento relacional, em trânsito, a energia circulante, que só é visível para quem está no processo naquele instante.

### 2.3 Diferenças, exercícios de consciência

O homem em sua trajetória de ser humano para ficar em pé, locomover-se, ter postura, passa por fases, por processos de aprendizagem, por ensaios. Adquirindo consciência de si e do outro. Adquirindo senso de espaço e tempo. Ele vai se descobrindo e descobrindo o mundo e seus integrantes. Descobrendo caminhos e relações, fazendo opções, renascendo em si e no coletivo. À medida em que o contexto, onde ele se insere, é modificado, ele também vai se revendo e recriando, no possível, a própria vida!

Todo esse universo de experiência não deixa de estabelecer o novo a cada momento. A consciência, vinda com o processo criativo/imaginação, torna-se a própria matéria, tomada irreversivelmente, pela experiência, fazendo rever o pensamento e a consciência de experienciar a materialização.

Uma das maneiras de se falar sobre a imaginação é a que a relaciona com o poder da mente humana. A atuação da percepção do mundo cotidiano, até mesmo no que está ausente, capacita-nos ver o mundo, ausente ou não, como importante e apresentar esta visão aos outros, para ser compartilhada ou rejeitada. Este poder dá a percepção do mundo impregnada pelo pensamento, gerado num ímpeto que provém tanto das emoções quanto da razão, do “coração” e do “cérebro”. A expressão deste poder não pode ser objetificada. Procurar similitude e evocar coisas ausentes é compor, numa série de semelhanças, a imaginação.

A universalidade da imaginação é dada por sua conexão com as emoções humanas, estabelecendo, conseqüentemente, uma conexão de interferência sobre a inteligência humana.

Retomando a questão da consciência de si, do outro, do tempo e do espaço, faz-se numa experiência materializadora entendida como um exercício de si mesmo. Este, ao mesmo tempo que cria a possibilidade da consciência de si, torna possível a consciência da diferença do outro ou da diferença de si em relação ao que se é (conhecimento anterior sobre si). É como se as diferenças estivessem instaladas dentro de si mesmo e não numa externalidade. Pela aceitação desta diferença, descoberta em seu próprio ser, o homem pode reconhecer e ampliar sua liberdade e a manifestação desta liberdade na recriação do tempo e espaço de vida. Aqui, neste tempo e espaço de vida, o homem se

torna criador, dono de si, aquele que se faz na consciência da diferença e no exercício desta diferença: faz o espaço da Arte.

## **2.4 Os sentidos como espaço de percepção**

O sentido é o princípio da objetividade do objeto e da subjetividade do sujeito. Para compreender o mundo existe um esforço em encontrar aquilo que é real e o sentido do mundo. A realidade pode ultrapassar a compreensão quando mesmo não sendo um mistério impenetrável o homem procura encontrar a aparência das coisas e sua essência.

Neste modo, a experiência e o sentido como Arte de uma ação pode ser analisada em suas Artes. Orlandi (1993, p.15), diz que um meio de analisar pode ser pela interpretação da linguagem. A linguagem, o sinal, o código estabelecido pelo social, com significado aceito, com sentido nas palavras, com vida e identidade.

Encontramos muitas acepções que tratam dos sentidos, entre elas temos: o sentido como uma faculdade inerente ao conhecimento e que define as necessidades da existência animal como função psicofisiológica, e quando traduzidas por sensações, resulta da percepção dos órgãos dos sentidos.

A consciência de que os sentidos nos dão os limites a serem explorados e fazem questionar o desconhecido, faz constatar que não existe maneira de compreender o mundo sem antes detectá-lo por meio do sistema de “radar” de nossos sentidos.

A psicologia e fisiologia como função psicofisiológica recebe informação pelo contato, o estímulo específico, sente sensações através de órgãos receptores, qualificados pelos sensores neurológicos, transmitidos pelos cinco sentidos, que as leva ao centro cerebral, estimulando a ação resposta. As respostas, como expressão criativa, são variadas, específicas daquele momento, diferentes.

Os sentidos transpõem distâncias ou culturas, bem como, o tempo. O passado é “ligado” (o ser entra em conexão/sintonia com o passado vivido), com mais intensidade do que se pode ter idéia. Milhares de anos não mudam as reações, as sensações podem ser interpretadas diferentemente de uma pessoa para

outra, mas a informação enviada aos e pelos sentidos a uma pessoa é a mesma, em qualquer época ou lugar.

“Os sentidos não esclarecem a vida em atos gritantes ou sutis, dividem a realidade em fatos vibrantes, juntando-os de modo a formar um padrão significativo”, diz Ackerman(1981,p. 210). Os sentidos permitem que sejam captadas amostras para decifrar o todo, executando pequenas e delicadas transações. Os sentidos fornecem milhares de informações ao cérebro, como se fossem microscópicas peças de um quebra-cabeça. Ao combinar “as peças”, o cérebro diz o resultado. A visão desse resultado é imediata, mesmo antes que o objeto ou coisa esteja visível, inteiro, o desenho sensorial desse algo pode ser um contorno, ou metade dele, como algumas Artes. À observação da silhueta de algo, o cérebro dá a mensagem do inteiro, antes que se faça inteiro o algo identificado. Essa capacidade de perceber a mensagem toda só com fragmentos, é denominada de raciocínio, como se fosse uma habilidade mental.

Sentir, que em latim é *sentire*, no indo-europeu é *sent*, significa dirigir-se, ir, conseqüentemente, seguir mentalmente. Significa, literalmente, que o homem possui percepção sensível; sermos sensíveis e mortais é um privilégio que sugere a real concretude dos sentidos. Os sentidos nos fazem crescer e, também, nos limitam e cerceiam a partir da convivência consigo, com os outros e com a criação.

Mesmo que a crença de que os sentidos do homem evoluam - tenham “evoluído em seus costumes e uso, - o corpo não tem esse convencimento, a adrenalina corre solta nas suas veias quando se encontra frente a frente a um predador real ou imaginário” Ackerman (1981, p.45).

As obras de Arte são para aprimorar os sentidos e aumentar as sensações do mundo em que se vive. Para entender a consciência é preciso compreender os sentidos, sua evolução, como funcionam, seus limites e como estes limites podem ser aumentados.

Ackerman(1981,p12) diz: *A maioria das pessoas pensa na mente como localizada na cabeça, mas as últimas descobertas da fisiologia sugerem que a mente não se encontra exatamente no cérebro, mas percorre o corpo em caravanas de hormônios e enzimas, ocupadas em dar sentido às maravilhas que catalogamos como tato, paladar, olfato, audição e visão.*

Este autor ainda refere-se aos sentidos que se iniciam pelo olfato, o sentido mudo, o que não tem palavras. Na ausência de vocabulário, ficamos de língua “atada”, buscando as palavras em um *menu* de prazer e exaltação inarticulados. Vemos, somente, quando existe luz suficiente, degustamos o paladar quando colocamos coisas na boca, sentimos, apenas, quando tocamos alguém ou alguma coisa, ouvimos somente quando os sons são audíveis. Mas cheiramos o tempo todo, sempre que respiramos. O olfato, considerado o sentido mais direto, com cinco milhões de células receptoras que recebem e enviam os impulsos para o bulbo cerebral e a cada 30 dias os neurônios do nariz são substituídos. Quando o bulbo olfativo detecta alguma coisa, um sinal é enviado ao córtex cerebral e, através do sistema límbico, sentimos, desejamos e inventamos.

A imaginação pode ser entendida numa perspectiva mais ampla, como faculdade que combina as qualidades dos objetos para formar conjuntos dos quais a natureza não oferece nenhum modelo. Portanto, pode superar a realidade, pois deixa de supor, nos objetos que permite fluir, todas as qualidades neles desejadas, indo além do que é suposto. A imaginação é a memória viva que faz parecer presente o que está ausente. É uma faculdade de reflexão ou operação que combina idéias, representando num objeto as qualidades que notar em outros.

A Arte, entre outras maneiras, é e foi identificada como forma de expressão para pessoas diferentes, ditas artistas, não passível de manifestação no homem comum, até porque o homem, enquanto ser, tem distintos talentos e, por conseguinte, várias modalidades de expressão que precisam ser mobilizadas para que possam ter conotação de forma artística. Assim se deu em relação a maioria das atividades humanas que tiveram limitadas suas potencialidades artísticas. Esta concepção suscita muitas interpretações e possibilidades aplicativas. A não ser assim, como isto seria possível na Enfermagem?

## CAPÍTULO III

### A LAPIDAÇÃO: O SER OU NÃO SER

Lapidar é polir para dar visibilidade ao que está, ao que já existe, em sua forma essencial, o ser ou não ser, aqui identificado como consciência da própria existência, da vida que lhe é forma pensada como manifestação.

Ser ou não ser... Eis a questão. Hamlet<sup>3</sup>, trata de seu questionamento sobre o receber o infortúnio da vida ou resistir a ele, preparando-se para enfrentar o sono, seus sonhos e o desconhecido neles presente, pois não sabe o que pode trazer o sono da morte. Questiona o dilema de viver, estar vivo é presente. Faz reflexão sobre o que pode ser a condição humana, de estar sempre em dilema frente as situações que são comuns a toda alma humana quando tem a consciência de existência e a amplitude dessa visão faz com que se pergunte, sempre, em que se apoiar para fazer enfrentamento aos seus temores.

Nesta Tese, faço empréstimo desse pensamento Shakespeariano sobre o dilema da condição humana, num paralelo entre a condição de ser ou não ser na profissão de Enfermagem, que pode ser reconhecido quando em experiências vividas, torna-se consciente da amplitude de suas possibilidades de vida e de morte.

Essa experiência vivida possibilita aquele que cuida descobrir-se a si mesmo. Ao tomar consciência de si, depara-se com o dilema da condição humana que deve ser enfrentada. Desvela-se aí a possibilidade de opção de ser ou não um cuidador.

Este é um processo que demanda coragem para o enfrentamento. Neste processo de vir a ser, o propósito é apoiar aquele que cuida no enfrentamento do

---

<sup>3</sup> Texto de HAMLET: personagem-título da tragédia de SHAKESPEARE, realizada em cinco atos; Ato III, Cena I.

dilema da condição humana, no cuidar de si e do outro, a “armar-se contra um mar de desventuras” Shakespeare, (1966).

Nesta fase da “**lapidação**”, como metáfora, a energia é desprendida e cria uma condição de desencadeamento de possibilidade de leitura de existência. Neste momento energético, os exercícios são realizados, configurando-se assim o que denominamos **Fábrica de Expressões**. A **Fabrica de Expressões** como uma unidade da **Usina de Criatividade** move o pensar em **estar ou não** situados como Enfermagem.

Na **Fábrica de Expressões** promoveu-se a lapidação, entendida nesta tese como processo de revelação do ser consigo para o estar com o outro. A revelação da preciosidade foi garantida através do trabalho para reconhecer o que está em profundidade, ou mesmo em estado de “**não consciência**”, do valor de si mesmo, nas distintas expressões do sentido e da imaginação, passíveis de presença no cuidado de Enfermagem.

Nesta “**Fábrica**” as expressões advindas através dos sentidos geraram experiências associadas ao mundo do cuidado de Enfermagem. É, a partir dessas experiências que o sentido do corpo é despertado na consciência da sensibilidade que permeia toda a vivência das expressões.

O reconhecimento da preciosidade, também, tem analogia como refere Pinto (1998) “É em sua “mundivivência” que o homem, como ser, percebe os fenômenos existenciais, e a partir de suas próprias concepções se situa, autodefine e se autoprojeta em direção ao mundo que o cerca e ao seu universo, e vai-se constituindo em problema e solução para si mesmo.”

A perspectiva de cuidar como objeto de desvelo, do pensado, do imaginado, do meditado, do suposto, foi explicitada na **Fábrica de Expressões**. A **Arte** expressa no cuidado, é, em enfermagem, precioso, ou seja, o componente do processo de **lapidação** da natureza humana. Nessa compreensão, o existir da Enfermagem, inspira-se no sentido motivador do ser ou não ser. Desse modo, a “**Fabrica de Expressões**” foi um caminho possível para a lapidação, mediante o sensível e os sentidos oscilantes do ser ou não ser ativados para a co-criação da obra de arte delineada no cuidado de Enfermagem.



A co-criação vista em analogia ao que sugere Heidegger<sup>4</sup> “o ser humano dotado do ser da presença é ente envolvente, é *dasein*, é ser aí. Não vive apenas, é dotado de consciência, que é central de significações e, por isso, ele ex-siste. No dia-a-dia, que é cotidianidade, age, pensa, decide, relaciona-se, e convive com os outros entes, no mundo público, que é o mundo de todos - onde a sua singularidade se esquia e o seu sentido se vela.”

A co-criação, então, foi permitida e fluuiu, também, no que se refere a conteúdos, explicitados a seguir, na qualidade de encontros na **Fábrica de Expressões**.

### **O primeiro encontro é sempre o primeiro!**

O antes acontece como pensamento que, ao imaginar, cria todo o ambiente ainda não conhecido, cria personagens e o diálogo. Numa seqüência sem simultaneidade e caótica, na sincronia e harmonia própria do imaginar, em visão tridimensional, panorâmica, com o espaço todo tomado, se faz e refaz todo o acontecimento, num refazer constante enquanto o tempo passa, na espera do fato de verdade.

Ao mesmo tempo se pergunta: será que a sala é espaçosa? será que as pessoas virão? será que estarão dispostas? O que elas, essas pessoas, esperam deste encontro? serão sábias? Serão rápidas?

E um leque de respostas se mostra, e uma a uma elas vão sendo selecionadas para dar continuidade ao que se quer, corrigindo na imaginação, corrigindo na vontade de “fazer acontecer um encontro, que cuida do cuidado, do precioso cuidado a ser lapidado”.

Aqui a afirmativa de “Shakespeare”<sup>5</sup> do “ser ou não ser” / *To be or not to be, that is the question*, me concede argumentos implícitos para que eu sustente a idéia de que a condição de SER Enfermagem, precisa ser mobilizada desde o “ser consigo” dos que se envolvem com essa condição. Possivelmente, a partir de sua mobilização se dá a vivificação de seus sentidos e imaginação como componentes da vida e que, por conseguinte, assegura espaço para a convivência e a sensibilidade, requeridas no existir do cuidado de Enfermagem.

<sup>4</sup> Heidegger, M. Ser e tempo. Rio de Janeiro: Vozes. Vol 1 e 2, 1989

<sup>5</sup> SHAKESPEARE, W. “To be or not to be that is the question” – texto da tragédia, inspirado na personagem Príncipe da Dinamarca. Ato III, Cena I, Hamlet.

O entendimento sobre o ser ou não ser como uma questão que enfrenta a dualidade; a dúvida que surge como algo precedente ao tomar uma decisão, é interpretação do próprio caminho para a vitalização do SER. No processo de lapidação, a questão de dar visibilidade a expressão vem à tona quando se faz o enfrentamento com aquilo que acontece como criação; com o que surge, a concretização de uma expressão do abstrato, o ser e fazer Enfermagem toma corpo como expressão do cuidado.

O cuidado de Enfermagem tal como visto nesta Tese, apresenta-se na possibilidade de ser uma obra de **Arte** criada pela razão sensível do eu, envolvido pela lógica da compaixão, do estar pleno a serviço do outro e respaldado pelo conhecimento científico. Assim vista, a Enfermagem, se faz presença na existência do ser.

As possibilidades do ser ou não ser, a temporalidade e outros elementos que imprimem sentido ou reconhecimento da obra da **Arte** x ciência, quando olhada em Enfermagem, tem como bem maior, o cuidado. Assim sendo, os “artistas - os exercentes da Enfermagem” precisam de plenitude na singeleza do ser para transcender a dor, pelo prazer de estar-com, na plenitude da essência.

### **O Encontro - como se fosse encontrar o tempo e o lugar de acontecer.**

A sala fechada, alunos frente à porta, espalhados, em espera, no corredor... Abre-se a porta, entram e conversam entre si e discutem sobre os leitos da sala. Nesta sala o desenvolvimento de técnicas, tem acontecido como capacitação às práticas de cuidar.

É um laboratório de Enfermagem, denominação, tradicionalmente, utilizada para identificar um espaço muito comum nos Cursos de Enfermagem; com o mobiliário hospitalar, como camas, carros de curativo, biombos, mesas de alimentação para leitos, neste espaço se desenham sonhos e anseios de aliar-se à vida, cuidando dela, em outros. No entanto, o dilema humano do ser ou não, tem sua presença, muitas vezes, ofuscada pela consciência intransitiva, de iniciantes ou preliminares do vir a SER ENFERMAGEM.

O programa, incluído como anexo, revela as aproximações ao trabalho, a partir de um fio condutor. Este fio que tem referência no dilema humano de vida ou morte, como uma opção fundamental pelo CUIDADO, como um exercício de desvelamento do SER.

Todas as possibilidades de atividade ou de não atividade são criadas por nós. E nem sempre nos é possibilitado conseguir o estabelecimento e traçar caminhos que nos assegurem serem os melhores. Com essas idéias em mente, e com a intenção de refletir sobre a **Arte** e a **Enfermagem**, com o objetivo de desenvolver a matéria prima para o discurso, surge “**Usina de Criatividade**”. Em um primeiro momento é como se fosse uma coisa fora do normal, a idéia de uma usina para criar; procuro compreender o significado, e o encontro em Ferreira (1986), “destinada à produção de energia”, ao qual acrescento: mobilização de átomo, numa analogia à fomentação da imaginação para a expressão criativa.

Mas, a usina compõe-se de fábricas. Logo, passo a visualizar como foi mais fácil trabalhar: as fábricas podem ser de várias atividades, em tempos diferentes e em locais diferentes, ou seja, dependendo do material que se quer trabalhar, exemplos **Fábrica de Máscaras, Fábrica de Emoções, Fábrica de Sentidos, Fábrica de Técnicas Profissionais, Fábrica de Redação, Fábrica de Movimentos, Fábrica de Som**. O porque de escolher fábrica e não oficina, para dar o tom de criar, e não de conserto, porque não partimos de uma idéia de que algo está errado e sim que existe algo em condição de matéria em bruto para ser lapidado, surgindo o novo, celular, dando visibilidade, sonoridade, o despertar para... consciência, atenção ao que existe em cada um, na diferença, no que igual. A intenção é que se propicie condições para que uma matéria prima se mostre em sua potencialidade.

Para desenvolver este trabalho, **Fábrica de Expressões** foi a escolhida, como um caminho mais claro para os participantes.

A **Fábrica de Expressões** torna uma prática, como experiência, em tempo e espaço para vivenciar os sentidos, experienciar técnicas artísticas, percepção das sensações e apurar a sensibilidade conscientemente permitindo, assim, a expressão da criatividade.

## CAPÍTULO IV

### A OURIVESARIA: A ARTE DA ENFERMAGEM DE SER GENTE CUIDANDO DE GENTE

A Arte no conhecimento da Enfermagem (a desocultação da Arte como a oportunidade de procura da luz, mediante a dor do ser ou não ser, mediante a existência da vida ou a experiência da doença ou da morte).

A Enfermagem: imaginando e vivendo a sensibilização da natureza humana na desocultação dos sentidos (olfato, olhar...), preparando caminhos e formas para SER ou NÃO SER GENTE QUE CUIDA DE GENTE.

A Arte na Enfermagem na expressão da natureza humana (dúvidas, limites, concepções diferentes do Ser Humano - a liberdade humana como princípio universal da existência, a vida pelo conjunto das diferenças...)

A manifestação no cuidar expressa-se no ser que cuida, na relação social, na Enfermagem, na ecologia, no pensamento e nos modos de ser do outro, no lugar/ **onto**.

O que implica esse **onto** quando entender Arte e a Enfermagem está como ponto principal? A **onto** trata de algo em si. No espaço da arte e da enfermagem colocadas em destaque para estudo, entende-se que, para a mediação criativa, é necessário compreender que há uma valorização de um objeto ou de uma ação artística, e a capacidade que o indivíduo tem para fazer a mediação dialogante. O objeto artístico sob esta ótica nunca é definido, é um transeunte, um mediário, a arte enfermagem seria o ato em si, de vida, com técnica que leve uma intuição apriorística a uma função externa, permitindo que a criatividade seja um processo para fazer acontecer a excepcionalidade pela percepção dos cinco sentidos.

A interioridade dos sujeitos não Arte, dão significado para a pedagogia na Enfermagem?

Se o lugar da Arte, na Enfermagem, tem um valor ontológico, consubstanciando o raciocínio, de onde ele vem, como se aproxima dos conceitos, em que ele se modifica e em que ele é semelhante?

De que modo pode ser encontrado, já que “ele” se manifesta como uma Arte entre seres humanos?

Os que exerciam Enfermagem como Arte são grupos menores, em cursos, vistos assim porque têm em sua maioria uma opção de grupo distinta, e este tem a expressão da Arte como referência. Mas, as profissões como a Enfermagem, mesmo que os sujeitos do sexo masculino optem, tem um modo instrumental mais feminino.

#### **Primeiro pressuposto / A aproximação entre a Arte e a ciência**

A Arte não é competitiva nem comparativa, é expressão do processo; como por exemplo: dar aula trata com as pessoas em si, com a idéia de se educar na Arte, a Arte carrega as pessoas no processo de educar.

Nas práticas de ciência, a Arte é acolhida e, a ela é interligadas por concepções filosóficas, relacionadas ao pensar, exercer e agir. Assim, é possível que a totalidade seja mais visível.

A pessoa que cuida se vê mergulhada em caminhos e espaços, muitos dos quais prejudicam o cuidado, sendo este, na Enfermagem o esconderijo para a Arte, uma expressão para a ciência passível de ser compreendida pelo grande público, pelo cliente / família e o artista.

#### **Segundo pressuposto / A ênfase no fazer**

O nosso saber mais próximo das situações de cuidar humano difere e contraria o que se passa na maioria dos outros “saberes” específicos, isto é, na maioria deles a sua estrutura abre-se com uma “dissociação do saber e do fazer”. Na esfera profissional de Enfermagem a *dissociação do saber e do fazer se dá* na razão inversa ao que é habitual nas demais profissões. Assim, na Enfermagem o fazer vem sobrepujando o saber, discutindo-se, então, se o saber profissional de

Enfermagem é possível por essa dissociação. Nossas concepções, na maioria, são cobertas, como por uma sombra, pela realidade que se designa no fazer. É questão fazer funcionar os “saberes” e com isso, uma organização cultural da Enfermagem está em jogo. Parece haver um setor que elabora o saber e um setor onde se realiza o cuidar, e parece que ambos estão, recentemente, buscando uma possível aproximação e deste modo construir a verdadeira práxis. Mas, isto provoca ampliação da crítica e ainda divide, historicamente, enfermeiras de assistência/estudantes/docentes, apesar deste ponto de vista estar, ainda, baseado na ótica do empírico olhar sobre a história.

Aguça-se a inquietação interior sobre o *link* entre proposta e a possibilidade na desocultação da Arte - Arte saber /fazer na Enfermagem -.

**Terceiro pressuposto / vincula Arte relação entre as bases saber e fazer**

*A focalização da Arte como uma reassociação entre o fazer e o saber na cultura de Enfermagem*, reexame de concepção cultural e de como focaliza concepções de cultura, para representar Arte -.

Na medida em que o processo de cuidar vem assumindo novas conotações, incorrendo na representação do real, a procura “do novo” obriga a revisar o conceito cultura, reorganizando aquela representação (de cultura) da situação tal e qual ela é.

Com isso, desejamos minimizar, atenuar os distanciamentos entre o que se faz (o que acontece e o que se sabe, ou seja, o que se pensa a respeito). O que se faz é reexaminar, refletir que a Enfermagem é um vínculo neste repensar a Arte, o fazer com muita intencionalidade, é uma aproximação com o saber. Para aproximar o saber do fazer, a Arte pode criar a aproximação, reexaminando a cultura no interior da profissão.

A leitura do que já existe pode dar uma lucidez e possibilitar configurar o lugar, desocultando no cuidado de Enfermagem a casualidade: um gesto, um fazer e um pensar no interior da profissão e, por conseguinte, a possibilidade de desocultar uma Arte-Enfermagem.

Quem faz e explicita na relação social entre os pares, se aproxima do significado “em si” da Arte. O que aproxima Arte e a Enfermagem, Arte como ontologia, na ecologia de equilíbrio, é a procura, constante, entre os seres

humanos, onde não há um artista e um quadro, mas os protagonistas de uma Arte Enfermagem que exige simultaneidade de ação entre o profissional e o outro envolvido com o cuidado. O gesto artístico de agir para o cuidado está no gesto do profissional, a criação está potencialmente na relação com o outro.

Neste quadro de relação social que se instaura, o que está sendo chamado de Arte de Enfermagem, instiga estar diante do que esta prática social aplica para justificar e valorizar as possibilidades do estar com o outro, mediante o cuidado de Enfermagem. Faz-se aqui, novamente, a presença das inquietações mobilizadoras – *o que denota o ser ou não ser o cuidado de Enfermagem*, a expressão máxima que justifica esta prática social?

Tornar uma prática, experiência, em tempo e espaço de vivência dos sentidos, experiência através de técnicas artísticas, percepção dos sentidos e apurando a sensibilidade, tornando-a consciente e permitindo, assim, a expressão da criatividade.

Ao desenvolver a vivência **Fábrica de Expressões** mapear sensibilidade, os sentidos de olhar, de ouvir, de sensação olfativa, do toque, do sabor, permite compartilhar idéias e propor ações e exercícios, voltados à expressão artística e, de forma lúdica, levar o grupo de atividades na “**Fábrica de Expressões**” à reflexão e discussão conceitual sobre Arte-Enfermagem.

A abordagem sobre o que a definição de Arte, é para este grupo, após uma explicação sobre como desenvolver idéias, livre pensar, usando sua experiência de vida, de modo intuitivo recorreu-se ao que já se conhece, empiricamente, e se entende como Arte. Assim, desenvolveu-se, por escrito, noção abstração como um...

*“dom de fazer algo como pintura, música, teatro e criação”*

...a ação de criar, foi, assim descrita...

*“...criar, tirar de dentro de si alguma coisa que tenha ou não uma mensagem”;*

*“Alguma coisa de dentro para fora, mostrando toda a sua inspiração....inspiração pode vir de vários lugares/ lembranças, meio ambiente...”*

...mas, também, com o sentido velado, dando a idéia de algo que tem sentido amplo, trata de mensagem, comunicação, de relação com o outro.

As falas são de curiosidade sobre uma proposta relacionada aos temas: o que é uma teoria? O que é um conceito? O que é teoria de Enfermagem? O que é conceito de Enfermagem? O que é Arte? o que é Arte de Enfermagem?, que precisam de uma reflexão de tempo, quando não se tem uma orientação formal sobre a formação de conceito.

As afirmações são em torno de uma Arte filosofia com um poder de ser. Esse poder que determina a liberdade de aceitar ser...

*"coisa" ou "algo"*

*... "coisa solta" ..*

*"...algo que tem significado para outro ou reflita a pessoa que cria"*

Uma Arte que solicita a participação de outro, do social da aprovação do outro:

*".. o que pode ser admirado pelas pessoas..."*

...ou na fala seguinte como ação que emociona e que é conhecimento...

*"... transparece sentimento..."*

*"...transmite conhecimento..."*

A definição que casa com os clássicos da filosofia greca romana, dá a perceber que, ainda, existe o pensamento ético, ao escrever que a Arte é...

*"...fazer o que é belo ou o que é bom..." e*

*"...é um mais que cada um tem e sabe fazer bem feito... pode ser pintar, escrever..."*

...e que, também, a definição permeia pensamentos mais atualizados, ecológicos, com reflexão mais ampla sobre atitude pessoal, canalizante de situações conflituosas do nosso viver carregado de emoções, numa visão de Arte contemporânea...

*"... é a vida, é conseguir viver neste mundo complexo, se sentir bem em frente a tantos problemas, não deixar que o mundo lhe deixe pra baixo..."*

*"...é expressão de convivência, onde se expande seus sentimentos..."*

A Arte, para este grupo, reflete o mundo externo e interno, individual e social. Como resposta a sua necessidade de sentir, pensar e refletir. Antes desses registros, a verbalização de que era difícil definir a Arte, por considerar algo que



não é próprio do viver deles, contraria o que ficou registrado. Com propriedade de um conhecimento de senso comum do que seja Arte, as declarações, colocadas acima, confirmam um conhecimento popular e atual. Mais uma vez, o que pode parecer espantoso, a existência de um “saber natural”, muito profundo, incorporado ao subconsciente, como conhecimento sobre Arte, aflorando quando o homem é instigado, provocado.

Os estudos sobre Enfermagem a Arte em Enfermagem são definidos como se faz, ou seja, o modo de fazer, numa propriedade de procedimentos técnicos, dando ênfase à habilidade para cuidar de pessoas. Para fazer Enfermagem, o científico se alia a Arte e, lado a lado com a ciência, responde pelo conhecimento adquirido através do intelecto, intuição e percepção. Existe outra maneira de adquirir conhecimento que é o fazer uso de obras de Arte, como instrumento de tratamento, mediando o cuidado.

A Arte em Enfermagem, identificada como meio de comunicação em estrutura de saúde, é vista como qualidade dada ao profissional, isto é, como um comportamento especial...

*"é ter ginga, de saber tratar, conviver, trabalhar o paciente/ equipe, saber como lidar no meio em que vive "Hospital";*

Ou ainda, colocado como...

*"modo de expressão junto ao paciente";*

pedindo uma aproximação do que é o cuidado, impresso dentro da ação de cuidar, fazendo Arte, cria, exemplo:

*"o paciente está doente e se você chegar triste e nervoso, sai o paciente mais confuso. Então esta Arte tem que ser mostrada de forma alegre, descontraída."*

Acrescenta, como explicativo que...

*"nesta Arte deve-se deixar o sentimento para depois e usar toda a sua razão e seu lado científico que você aprendeu na Universidade."*

Na colocação, acima, percebe-se, ainda, uma atitude castradora de emoção, que remete a um entendimento de Arte. Carrega a Arte de um sentido disciplinar, de atitude, para evitar que haja conflito e enfrentamento e, acima de tudo, o que se pode rejeitar é um desejo acadêmico, aprender a ser assim, ausente em sua emoção. Mesmo na afirmação de...

*“passar tudo de bom ao paciente, à profissão, em frente a tanto problema, passar algo de bom a eles...”*

...revela atitude/comportamento aberto, de expectativa por Arte, de paciente de uma profissão "boa".

A definição de Arte em Enfermagem como...

*"prática da profissão em todos os sentidos com paixão, sem se incomodar com as dificuldades"*

tal afirmação, mostra-se impregnada da emblemática mítica/prometeica, com dedicação própria de herói/mártir.

Mas o pensamento dionisíaco é presente quando, categoricamente, é dito que...

*"Arte Enfermagem é o ato de fazer aquilo que você gosta, que dá prazer e que proporciona aos outros o bem estar."*

Reinvindica o prazer para si e para o outro, o que compõe a socialidade, instalada como uma forma de viver bem.

Quando a Arte em Enfermagem se coloca como uma improvisação para resolver problemas...

*"é o ato de improvisar, que a Enfermagem tem que criar para se virar, de cuidar e lidar com os seres humanos",*

leva-nos a refletir sobre o significado tecnológico e inventor dado à Enfermagem, quando o...

*"se virar"*

...aparece como perturbação, não como o fazer rotina, ou para substituir as possíveis incompletudes das estruturas que promovem a assistência; a exemplo:...

*"é trabalhar com pouco material e dar um jeito em atender bem o paciente..."*

Carregado de sentimento ético, mas ausente de um entendimento claro e explicativo, mostra o quão é "aberta" a Arte em Enfermagem, comparando com que o que foi declarado como sendo Arte.

Em nenhuma destas visões é permitido uma criação de modelo, mas sim a repetição de um modelo existente. O entendimento de que há uma leitura ética, é observado no que se faz ao tratar do bem para o outro, como papel tecnológico, para negar dificuldades existentes nas redes organizacionais de saúde, como

"pano quente" social /amortizador de queixas, como troca afetiva, como forma de prazer e como auto-anulação, ou seja, o desprendimento total do profissional frente ao paciente.

Estas afirmações fortaleceram, já no primeiro dia, o pensamento de que há necessidade de refletir o que seja Arte e Arte em Enfermagem. O que parece ser mais complicado é o "como" se dá isso, primeiro por ser a Arte uma característica humana de ser e se expressar, com particularidades individuais e, que através de um processo criativo, tem a cara do tempo e espaço em que está, representa um grupo social. Dá o recado, o poder é dado pelo grupo, de ser a mensagem, ato, produto, obra.

Na seqüência deste exercício, que tem como proposta tornar a ação reflexiva, ao usar os cinco sentidos - a audição, o olhar, o tato, o paladar, o olfato - com redobrada atenção, percebendo, com sensibilidade, o que existe e transformar o percebido em produto, resulta em síntese de "Expressões".

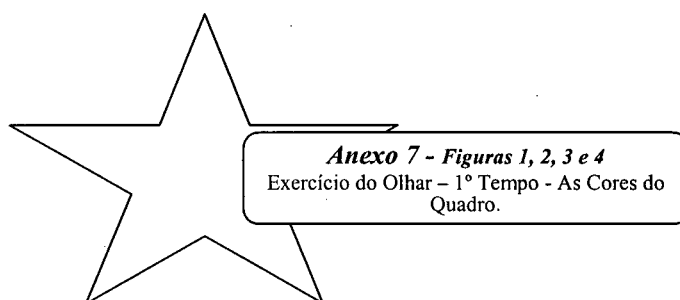
a) **"Expressões do olhar"** no conjunto social, enquanto eu olho e me olho o encontro com o mundo interno e externo, esquadrinha o espaço e redimensiona o que percebe pela possibilidade do olhar.

A proposta de experienciar - O exercício é o olhar uma tela, obra de Arte plástica de autor brasileiro regional, a obra de Arte de Nilson Pimenta<sup>6</sup> - o sentido do olhar em três estágios, o primeiro: olhar a obra de Arte plástica e recolher as cores; segundo: a forma e terceiro: como é esperado que o olhar sentido e o intelecto estimulado, proponham um criar, dando surgimento às formas e cores da Enfermagem, como um conteúdo, como expressão identificada. Para exercitar é preciso deixar as idéias de seu mundo fluírem e apenas olhar.

A sala e a obra de Arte são dadas como pretexto, se desprende o que se gosta ou não e descobre-se que o olhar seleciona, auxilia a opção e o livre arbítrio, como que inconsciente não se quer olhar a obra. Como em primeiro tempo observa-se por cinco minutos para "ver" as cores e registra-se as Figuras 1, 2, 3 e 4.

---

<sup>6</sup> NILSON PIMENTA - pintor cuiabano, nasceu em Bahia, faz Arte dos artistas matogrossenses. Atua na Universidade Federal de Cuiabá como orientador. A obra de Arte, deste artista, consiste de óleo sobre tela 100x 80cm e trata de tema primitivo/regional.

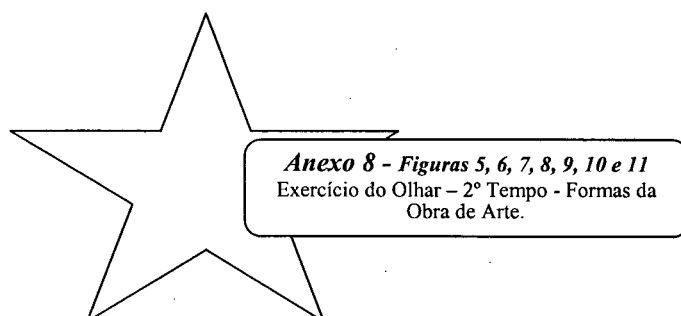


Caminhar em círculo, prestando atenção ao ritmo da música, para depois participar do olhar em grupo e perceber o que se vê, captando as pinceladas, dadas pelo pintor, em formas e cores. Interrompe-se a observação e relata-se o que se viu em um primeiro tempo. Verbalizando, o grupo detalha fragmentos que lhe chamaram atenção, aspectos que lhe interessaram, despertaram interesse e pelos quais sentiram, ao mesmo tempo, atração ou rejeição. Esse momento desperta o interesse em rever a tela.

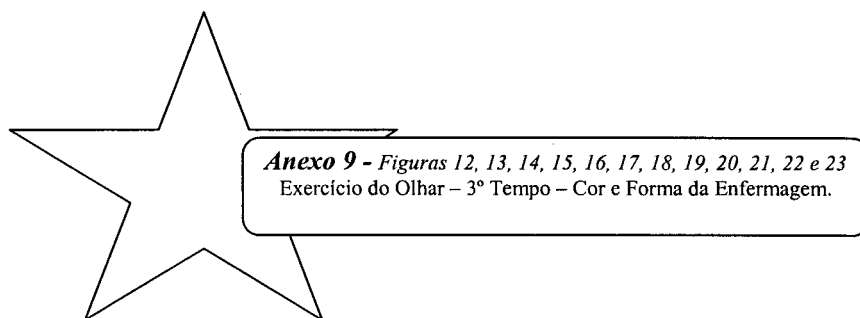
Em seguida, retoma-se a observação. Novo olhar, revisando, atentamente, os detalhes que haviam deixado passar no primeiro momento, descobrem-se novas cores, formas sentido, e demonstra-se querer entender ou dar sentido ao que vêem.

Selecionam pelo visual, olhar algo, usando algo de si para ler o sentido e o significado dado à obra; reinterpretam a obra. O sentido e o significado dados, anteriormente, são apurados enquanto se descobre. A descoberta de si mesmo enquanto se avalia uma obra de Arte plástica.

Neste segundo momento experimenta-se novo olhar para "ver as formas", registra enquanto percebe cores que não se tinham visto no momento anterior... (registra as Figuras 5, 6,7, 8, 9,10 e 11).



...em seguida, descobre e experimenta recordar o que se viu mas, só alguns fragmentos são registrados da obra toda. O olhar, renovado, descobre as cores na tela com os movimentos nas pinceladas dadas pelo artista e se descobre a fazer conceitos sobre o que vê rejeitando, agora deixa-se levar pelo senso de uma sociedade mais evoluída, ausente de pobreza, pois a tela registra o povo caboclo, a mata, em seu ecossistema,.. "não me agrada este quadro, não gostaria de ter em minha casa.." afirma um. Outra diz..."ser muito triste".. pois reconhece a pobreza



e o atraso social, evidentes na tela, sente desconforto. Registradas nas Figuras 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23.

Neste conjunto de ações, o dinamismo da Arte resulta da relação empática ou não entre as suas idéias em movimento e o contexto em movimento da realidade. Em um terceiro movimento a trabalhar, responde-se ao que seria um conceito de Enfermagem, sob este exercício estimulado, para "ver" as cores e a forma de Enfermagem,

Desvelam-se as cores como conceito, variando entre o vermelho do sangue, o preto da angústia, o amarelo da tranquilidade das pessoas, e um verde de esperança. Ao verbalizar o conceito se manifesta como Enfermagem que é permeado pelo sangue que pode ser de sentimento de angústia, sendo necessário passar tranquilidade e esperança às pessoas. Ou, ainda: representada por formas específicas demonstrando que quem "medica" são pessoas mais felizes, sem perder de vista o ambiente hospitalar. Percebe-se, aí, uma ligação forte do que é contorno de espaço, de ação profissional, o hospitalar, com atividade específica.

Já em outra significação a relação é feita com sentimento de escuridão, tristeza, pela cor grafite com linhas horizontais, demonstrando o não controle do que se espera do profissional. O sofrimento, aqui, é expresso em branco e preto,

linhas retas, quadrados e ângulos, determinando o controle, a determinação, ou seja, a Enfermagem dentro de um espaço delimitado por leis das duas cores.

O desenvolvimento da Arte não é apenas o desenrolar de premissas artísticas, mas a coerência em si, produto de relação mais ampla e complexa, tem origem e se ramifica fora do campo específico da Arte. É considerar que a Arte tenha um campo separado de ação, espaço outro, delimitado por leis e normas conhecidas de pessoas especiais. Na fala seguinte:

*"O ambiente é como se estivesse escurecendo num sitio, que se escuta um zii de grilo, mas continuei escutando o ar condicionado. No som do aparelho o primeiro me lembrou o desenho ou filme, meio que diabólico ou de terror. Depois o segundo barulho parecia o mar, só que batendo em rochas, não splash..."*

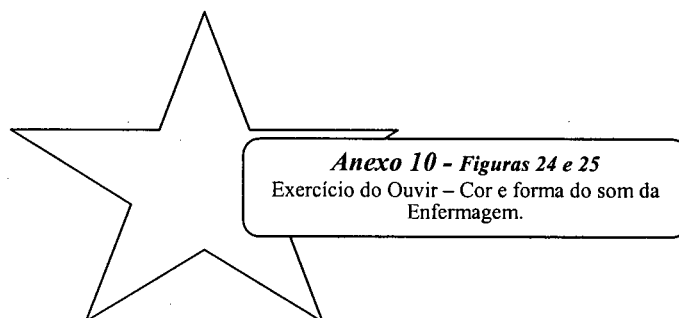
...neste relato há uma riqueza de impressões que revela um buscar imagens em memória já vivida, conhecida, para reconhecer o som percebido, dando vida do jeito que percebe. Mostra a influência, ao interpretar algo no meio em que vive, dada pela experiência vivenciada, anteriormente, e o que vê no momento.

**b) A "Expressão do ouvir"** percebido e estimulado pelo uso de música, e pela orientação de reinterpretar a própria voz, o próprio ritmo, a sonoridade espontânea da voz, com atenção, aguçando a auto descoberta do próprio som e ritmo e o do grupo. Em três tempos, com intervalos, atualizando para o que atentou, e descobriu como expressão que seja compreensível.

A sonoridade do ambiente foi mais forte, o ruído do ar condicionado, o som do movimentar-se pela sala. O som do movimento ficou "visível", enquanto ouviam o CD com o correr da água, ao fundo.

A síntese da cor, foi percebido como um marrom, a cor percebida pela imaginação ao ouvir o CD.

De olhos vendados, as expressões mudam para cor verde, com a segurança, desejo de rir e descobre-se que se ouve melhor quando se "vê". E uma extrema solidão!



### **c) As expressões do olfato**

O olfato é estimulado com o exercício de sentir o odor de aromas, previamente, selecionados entre alimentos, substâncias de limpeza em geral e higiene corporal. Foi proposto para o grupo: colocar-se a vontade, numa atitude espontânea, lúdica, em três tempos: 1) compartilhar o sentido percebido, usando o olhar para identificar o que cheira, percebe que está sensível; em síntese, exercitar os sentidos olfativos e visuais. 2) No passo adiante se coloca com os olhos vendados, para identificar o sentir cheirar, e perceber a cor e a forma deste sentido. Há interferência para identificar o sentido que leva ao nariz, fazendo misturas. É sensível ao cheirar objetivamente e a imaginação é ativada para o criar expressão. O resultado é dado como uma visibilidade, a ligação entre os componentes do grupo, a socialidade. Algo que sinaliza a comunicação, a relação entre as pessoas.

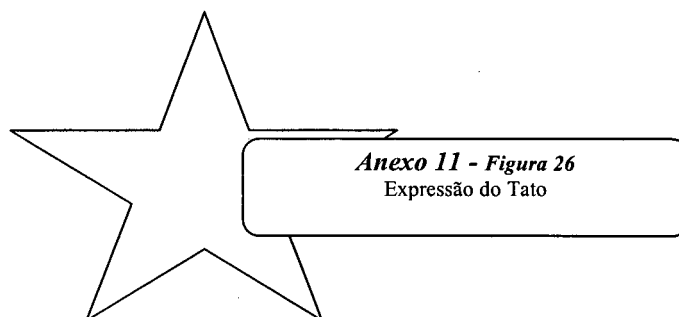
As "Expressões do olfato" podem ser sintetizados com o exercício de sentir aromas de alimentos e condimentos, como canela e pimenta, ou material de higiene e limpeza, os perfumes desinfetantes... e, em segundo tempo, reconhecer como "vê" a Enfermagem, o conceito de limpeza areado, permeado pelo cheiro de deterioração de pele, pútrido. Perceber o que é o cheiro, que vem a tona quando se fala de Enfermagem, identificado como de hospitalar.

### **d) As Expressões do toque**

A sensibilização relativa ao sentido tato foi realizada estimulando a imaginação, em tempos diferentes: o toque das mãos em duplas, sendo um com os olhos vendados, e mobilizando-os para perceberem a diferença entre ver o que toca e quando não "vê" o que toca. Em seguida, o uso da argila, massa para dar concretude às formas experienciadas.

As "Expressões do toque" desenvolvem a taticidade dando a aproximação do corpo, que revela a percepção do outro na relação; tais como, "ver" a primeira vez e a segunda pelo toque das mãos, emociona, percebe a própria respiração, a vida em sua concretude de existência manifesta, sem palavras, mais que as palavras. O reconhecer a existência do outro e perceber a

não solidão, estar em grupo, a diferença em cada um, numa riqueza de detalhes que promovem a ação com habilidade e perícia, o cuidado necessário para abordagem terapêutica.

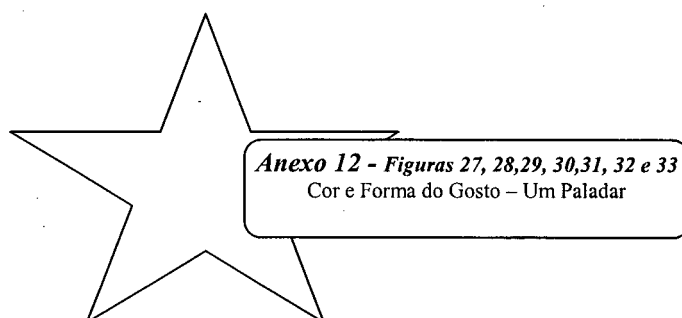


As mãos aproximam e, quando treinadas para o cuidar, perdem o limite de uma sensação, de uma única sensação, aguçados todos os outros sentidos, criando uma síntese para a ação, o movimento pela vontade de se relacionar.

#### **e) A Expressão de sabores**

Para experienciar o sentido paladar e estimular a imaginação, no ambiente foram disponibilizados alimentos (doce, salgado, azedo, amargo), dispostos em uma mesa. O comer é concebido como um ato social, carregado de sentido de vida e também relacionado à sobrevivência.

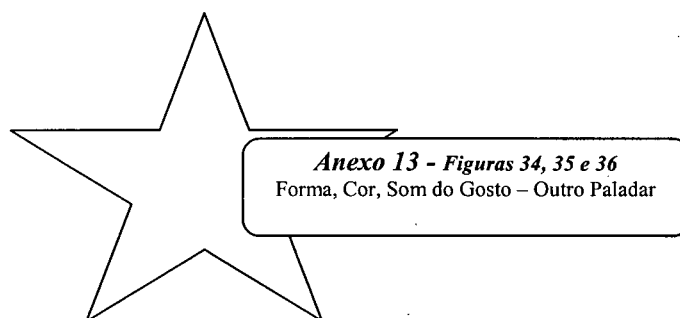
A experiência foi traduzida em linhas geométricas e cores. Revelou-se que algo mais estava sendo criado, complexo, avançando a medida que se sente livre - a espontânea ação de sentir e expressar.



A criação de “formas-sabores”, que representam conceitos, são audaciosos; o grupo se solta, apreende que é possível a existência de outras



maneiras de ser, a criatividade se instala livre, brincalhona, profícua, nasce o que é próprio e inerente ao homem sem limites. O único limite é o tempo do momento que corre e se mostra no presente...

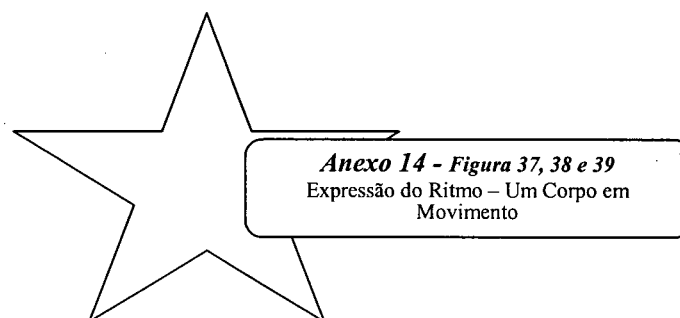


#### **f) Audição, ritmo e movimento**

O sentido da audição, o ouvir, foi experienciado pelo perceber a própria voz. Identificando o ritmo, o compasso e a musicalidade natural, falando e cantando o nome de cada um dos presentes na vivência. Os instrumentos musicais como tambor, pandeiro, harmônica, flauta, serviram de suporte, neste brincar de ouvir, para criar a expressão gráfica e plástica do som da Enfermagem e com os quais ela convive. Este trabalho estimulou a concepção de um novo conceito de Enfermagem.

As expressões sonoras e rítmicas passam a dar forma as mensagens e informações que são usadas na Enfermagem. Este exercício, foi despertado com chocalho, pandeiro, música eletrônica, a voz humana, experimentando o próprio ritmo.

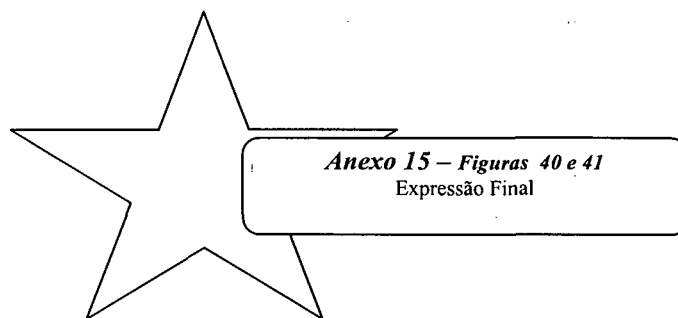
As revelações do espanto ao se descobrir, pelo próprio tempo no som, no compasso de falar, de se ouvir cantar, enquanto ouve "o ritmo do outro", como se a natureza nascesse neste momento, no presente. Redimensiona o seu espaço em tempo de compasso para andar, olhar e lentamente descobre o infinito, possibilidades, em si e no outro.



### **g) As expressões corporais**

Com experiência de movimentos corporais ritmados, uma dança espontânea se faz, permitindo-se, enquanto observa-se a si próprio e ao outro na relação de grupo, o entendimento de compreender que se está aprendendo mais alguma coisa, mais uma habilidade, o de verbalizar contando histórias, criando histórias do momento, fragmento que parece não ter sentido, a não ser o de brincar, constrói-se uma cumplicidade para o viver. Revelando em formas derivadas de recortes, cores para dar vida a mais um conceito/sentido, integrando todos os sentidos para dar a síntese, em sensibilidade. A experiência se revela em um resultado criado e único para dizer o que é este momento.

Avaliar, como "Expressões finais", colocando em exposição todas as produções, criadas ao longo das vivências, para serem observadas como conjunto de expressões, dado ao próprio grupo criador, revela, novamente, algo mais, uma interpretação cultural de um grupo de estudantes de Enfermagem singular, expressiva, com mil possibilidades a lapidar, é como ver pedras brutas que começam a mostrar seu brilho ao menor esforço para as lapidar. Os conceitos estão presentes em cada um e no grupo.



Sob a ótica de uma teoria do conhecimento, a faculdade de apreender a realidade pela intuição sensível, permite que a experiência seja vivida no ambiente externo e interno. O teor criativo, portanto, é tangenciado pela imaginação que mobiliza a emoção e a memória. O questionamento sobre o conhecimento em Enfermagem gira em torno do que é expressado, quem gera a expressão nesta prática social.

A tradução da sensação recebida, agrupada, expressa, é manifesta por formas, pela sensibilidade afetiva e representativa.

Para o clássico empirismo, a experiência é fonte única do saber, não existindo experiência bruta e independente da atividade do espírito. É, ainda, estabelecida por meio de esquemas e pensamentos preliminares, mesmo implicitamente. Mas, Kant afirmava que “se todo o conhecimento começa com a experiência, isso não prova que ele deriva por inteiro da experiência”.

A percepção de formas artística quando organizadas e experienciadas de modo articulado e conscientemente, permite uma elaboração mental das sensações, delimita a nossa capacidade de sentir e compreender, dando-nos uma correspondente ordenação seletiva dos estímulos e criando uma barreira entre o que percebemos e o que não percebemos. A sensibilidade como luz e sombra, som e mudez, cor e ausência de cor, movimento próprio do inteiro, presença do que é inteiro é percebido.

## **CONTORNOS DELINEADOS NA GARIMPAGEM DA ENFERMAGEM**

A obstacularização para iniciar um caminho de desocultação da arte na enfermagem constituiu-se em desafio estrutural na construção do conhecimento da sua especificidade profissional.

Embora ao longo dos tempos a arte, no âmbito da enfermagem, tenha sido contemplada em evocações, discursos, e formas sutis de insinuá-la como presença no cuidar em enfermagem, sua explicitação é complexa, dada a sutileza e fluidez da sua manifestação, bem como a ausência e/ou fragilidade na sustentação de argumentos convincentes de sua materialidade.

Mesmo convencidos que ao se tratar de arte a marca mais forte de sua existência é seu caráter imaterial (o que lhe confere a ampliação de possibilidades de reconhecê-la como competente para emocionar), paradoxalmente, na enfermagem, em que as expressões de emoção são as mais percebidas no momento do cuidar, esta imaterialidade não consegue ser assumida com plena legitimidade e, então, ainda que sejam, inegavelmente, sentidas, afastam-se até por não terem conseguido fazê-la apreendida diante dessa complexidade.

Refletir sobre tal afastamento nos leva a múltiplas indagações, as quais não entram, efetivamente, no terreno da problematização profissional. São interrogações que se arrastam no contexto da opinião, a alimentar controvérsias sem, necessariamente, avançar em encaminhamentos de estudos e práticas consequentes à dimensão da arte do cuidar. Algumas dessas perguntas baseiam-se nas tão conhecidas visões unívocas de profissões no senso de serem creditadas tão somente, quando se apresentam como ciências racionais. Outras, estão pautadas no constrangimento ou no receio de serem vistas como caminho para um retorno à concepção mágica, tão forte em tempos idos da profissão. Ainda há questões que se incluem no olhar a arte considerando-a algo inatingível pelos profissionais de enfermagem, dada a sua tradução de genialidade, do reservado a alguns privilegiados, do extraordinário. E, finalmente, há aquelas questões que se prendem à alegação de ausência de uma obra acabada, concreta e tangível, sem o que não haveria sustentação para a chamada arte entre cuidadores de enfermagem.

Qualquer que seja a posição que se venha a tomar o caráter residual, mesmo perpassando essas múltiplas questões, é a inegabilidade da arte no cuidar em enfermagem. Sua ocultação não significa ausência, ao contrário, insiste em que é necessário buscá-la em sua condição movente, sua transitoriedade, seu trajeto.

Lidar com essas reflexões inclui avivar nosso pensar quanto a convergência ciência-arte. Porque o cuidar em enfermagem nunca foi tão fortalecido, profissionalmente, em sua identidade como ciência? Nem, tampouco, fortalecido, profissionalmente, como arte?

Queremos entender que o Cuidar em Enfermagem pode estar encerrado na coexistência da Ciência e da Arte, mostrando-se neste dualizar, a natureza própria dessa profissão. Nessa conjectura tornar-se-ia impossível essa separação. Descolar ciência e arte de uma situação de cuidar é o mesmo que imaginar uma ciência racionalista ou uma arte mecânica. A convergência ciência-arte faz diferença nesse cuidar, porque uma necessita da outra e, portanto, não são competitivas entre si, nem opcionais ou eletivas mas, sim, aderentes, porque só subsistem em simultaneidade. Embora essa natureza da Enfermagem venha se clareando, ao longo do tempo, como uma dupla face que reúne-se pelas inerentes

diferenças. O estudo do próprio Cuidar em uma ou outra faceta, mostra-se apenas incipiente e, o mais marcante e complicador, assume o lugar equivocado ao fazê-lo, isoladamente, sem contextualizá-lo ou problematizá-lo diante dessa interface dialógica (Ciência-Arte), peculiar da especificidade que confere a identificação da Enfermagem.

O que há anos nos empenhamos, como profissionais, para discernir o diferente, o peculiar, na Enfermagem como sua especificidade, pode estar aí ocultada, nesse processo de cuidar e por estar a Ciência e a Arte nele contidos por necessidade recíproca (mútua), sendo olhado de modo desunido, separado, recortado e fragmentar, o que por natureza é desagradável, sua desocultação está resvalando em destinos contraproducentes.

Essas suposições decorrentes do delineamento de contornos vinculados à garimpagem da Arte em meio à situação do Cuidar, tratada nesta Tese, inspiram-nos ao encorajamento para algumas porosidades no conhecimento que estamos aptos a construir.

Muitas vezes a reflexão sobre essas questões nos possibilitam ver que vem anunciando o tempo de nascimento de uma alteridade importante no modo de ver o Cuidar na profissão de Enfermagem- vê-la no uso da sua imaginação, sentidos, em uso de intuição, enfim num caminho apropriado à sua arte, então expondo-se como sabedoria e, porisso mesmo dualizada em harmonia conflitual por convivência familiarizada com as disciplinas científicas, nas margens toleráveis da precisão, do cálculo, da objetividade, enfim da trilha adequada ao porte da ciência, explicitando sua epistemologia.

No caminho da intencionalidade pedagógica, como elemento integrador da Tese, foi considerada a necessidade de alguma sistematização, para proposta de desocultação da arte no cuidado de enfermagem, guiada pela intencionalidade pedagógica.

Assim, sem a preocupação cronológica de sequências graduais ou progressivas, pode-se detectar momentos na construção desta sistematização. Sempre se terá em vista que um cuidador poderá apreender, através de saltos qualitativos, etapas acima, enquanto, para outro se fará necessário a utilização de um patamar mais baixo.

Dentro desta perspectiva a sensibilização parece um momento de ricas vivências, onde o cuidador encontra-se com o desafio de conhecer-se e reconhecer-se como um humano sensível, portanto, capaz de ser tocado pela arte, si se concretiza a localização do "garimpo" e o delineamento do "mapa da mina".

Esta sensibilidade, ainda incipientemente descoberta, precisará ter um espaço de oportunidades através de experiências pedagógicas com materiais, métodos, processos e sua própria experiência de produção artística, um processo de lapidação das gemas já encontradas.

Sobre estas experiências é preciso incidir o processo reflexivo, não necessariamente de julgamento de mérito, mas um tipo de razão sensível sobre a experiência do processo criador, da obra pensada, em trajeto e finalizada.

Considera-se que o cuidador que vivência uma experiência pedagógica, como a da usina de criatividade, tem ampliadas suas possibilidades para transferir, numa situação de cuidado, sua capacidade criadora. Reside aí a possibilidade de desocultação da arte no cuidado de enfermagem.

Na obra trajeto implica reconhecer o momento em que se faz, a ordem, ou a hora do fazer, do trabalho físico, onde o corpo, como uma máquina, organiza-se e faz. Assim, na continuidade deste fazer acaba o que era projeto.

Neste paralelo, entre a enfermagem e arte, há uma visão do que se considera compreender uma obra de arte trajeto, enquanto cuida. No espaço do cuidar, a enfermagem mostra-se como obra trajeto. Ao fazer o cuidado, a arte trajeto acontece com a intensidade em que é exigida, da ordem do trabalho em caminho, esgota-se e alcança o resultado.

Em decorrência dessa visão de uma obra de arte trajeto, como arte de enfermagem, enfrentar-se o desafio de interpretação do sentido e significado de arte no cuidado, nos contornos da profissão de enfermagem.

A arte não se presta existir entre limites pré-estabelecidos. Não se condiciona em espaços estreitos, e por ser desta maneira, como entender essa arte? Quando a ela se assentam uma profissão do cuidar como a enfermagem que é mapeada enquanto se faz o cuidar? Quando a arte em si não se mostra a interpretação e julgamento, a não ser aquele por alguém que despertado pela

sensibilidade de que o enfrenta reconhece, senão ao contrario pode ser visto como algo falso, uma pedra falsa.

Neste entendimento, de uma pedra preciosa que ao ser lapidada, por alguém sem preparo pode fazer com que a desqualifique, ou seja, não lapide adequadamente a pedra e ela vem a perder seu potencial, seu brilho, visibilidade, utilidade e até função, perdendo, assim sua genuinidade. Esta Tese defende que haja intencionalidade pedagógica nesse descortinamento da Arte que, também, parece só se fará, no contexto de simultaneidade de buscas, na formação de Cuidadores de Enfermagem e nas práticas de Cuidar por eles exercidas.

Esse exercício de abstração a partir de escutas sensíveis nos permitem avançar num percurso onde há tanto mais empenho de buscas quanto mais nos conhecemos que neste terreno não há lugar par aligeiramentos e respostas acabadas.

Assim como conjecturamos que o Cuidar em Enfermagem, é uma obra em trajeto e por assim ser, ela é Arte, também compartilhamos que esta escuta possibilita uma trajetória longa, porque densa, consistente e viva de significações, quiçá uma escuta igualmente trajeto.

Pelo seu tempo, a arte pede uma aceitação, mais do que compreensão lógica, e para a enfermagem, a arte é colocada como trajeto, onde o acontecer é cuidar, frente a frente, cuidador e quem é cuidado.

Escapa de uma lente curiosa do que se considera concreto, como se a arte em execução, a arte de enfermagem neste caso pontuado, desaparece ao findar uma ação cuidadora. Nem o tempo e nem o que se faz neste tempo podem ser congelados para esquadrihar, para ser lido como arte separado do que seja arte. O desafio encontrado nestas reflexões não é da lógica do pensar, nem da condição de codificar ou analisar, mas o de ser um em sensibilidade mais aguçada, para reconhecer a existência da arte no trajeto do cuidar.

**ANEXO 1**  
**ENUNCIADOS DE CONCEITOS DE ENFERMAGEM QUE**  
**CONTEMPLAM O TERMO ARTE**

**1) DOROTHEA E. OREM**

Orem aponta a Arte como um dos fatores relacionados ao conceito de Enfermagem. Segundo ela, a Arte da Enfermagem é a realização de atividades voltadas para uma visão global do cuidado de Enfermagem que envolve as prevenções primária, secundária e terciária. (pág. 96)

**2) FAYE GLENN ABDELLAH**

Abdellah vê a Enfermagem como um trabalho abrangente, baseado numa Arte e numa ciência que moldam as atitudes, competências intelectuais e habilidades do enfermeiro e que irá auxiliar pessoas a harmonizar-se com suas necessidades de saúde, sejam estas pessoas saudáveis ou doentes. (pág. 127)

**3) ERNESTINE WIEDENBACH**

Para Wiedenbach a Enfermagem é uma atividade de prestação de auxílio realizada com compaixão, habilidade e compreensão às pessoas que necessitem de auxílio. A sabedoria de Enfermagem é adquirida após “experiências significativas”. Wiedwnbach diz que a Arte de Enfermagem visa a busca da satisfação de uma necessidade de auxílio, apresentada por um paciente, através da aplicação de conhecimentos e habilidades. Ou seja, para a autora, Arte significa doar-se sem querer algo em troca. (pág 151 e 157)

**4) MARTHA E. ROGERS**

Segundo Rogers “A Enfermagem é uma Arte e uma ciência humanística e humanitária. É voltada ao homem unitário e preocupa-se com a natureza e direção do desenvolvimento humano”.(pág. 197)

**5) JOSEPHINE E. PATERSON E LORETA I. ZDERAD**

Para Paterson e Zderad, a Enfermagem é uma mistura de Arte e ciência. Como Arte, a Enfermagem faz uma interação entre enfermeiro(a) e cliente, usando as teorias no contexto vivido, em resposta aos conhecimentos e vivência do cliente. (pág 245)



**ANEXO 2****Contatos formais com a Faculdade de Enfermagem**

Florianópolis, 1 de outubro de 1996.

À Profª. Tânia Mara L. Nogueira.

Coordenadora de Ensino de Graduação de Enfermagem

Dirijo-me a esta Coordenadoria no sentido de apresentar-me na qualidade de doutoranda de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, e solicitar um espaço para realização de uma experiência pedagógica com alunos de graduação, denominada “Fábrica de Expressões”.

Tal experiência é Arte da organização de meus estudos doutorais e estão sob orientação da Dra. Lygia Paim Muller Dias, a qual recomendou que esta etapa do estudo fosse realizado fora de Florianópolis. A escolha por esta instituição, contou com a intermediação da Dra Flávia Regina Souza Ramos.

Em síntese, a experiência expressiva, “Sensibilidade e relações profissionais no cuidar humano” encontra-se mapeada em documento anexo a esta carta.

Esperando a aquiescência desta instituição, solicito sua atenção para recursos materiais e ambiência, na expectativa da colaboração e empenho para que este programa seja importante tanto para o estudo que o propõe quanto para os acadêmicos e cursos envolvidos.

Antecipadamente agradecemos.

Atenciosamente,

Cleusa Rios Martins

Doutoranda Curso Filosofia de Enfermagem

Dra. Lygia Paim Muller Dias

Orientadora da pesquisa

**ANEXO 3****Contatos formais com a Faculdade de Enfermagem**

Florianópolis, 1 de outubro de 1996.

À Prof<sup>a</sup> Celina Maria Araújo Tavares

Diretora da Faculdade de Enfermagem e Nutrição - UFMT.

Dirijo-me a esta Diretoria no sentido de apresentar-me na qualidade de doutoranda de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, e solicitar um espaço para realização de uma experiência pedagógica com alunos de graduação, denominada “Fábrica de Expressões”.

Tal experiência é Arte da organização de meus estudos doutorais e estão sob orientação da Dra. Lygia Paim Muller Dias, a qual recomendou que esta etapa do estudo fosse realizado fora de Florianópolis. A escolha por esta instituição, contou com a intermediação da Dra Flávia Regina Souza Ramos.

Em síntese, a experiência expressiva, “Sensibilidade e relações profissionais no cuidar humano” encontra-se mapeada em documento anexo a esta carta.

Esperando a aquiescência desta instituição, solicito sua atenção para recursos materiais e ambiência, na expectativa da colaboração e empenho para que este programa seja importante tanto para o estudo que o propõe quanto para os acadêmicos e cursos envolvidos.

Antecipadamente agradecemos.

Atenciosamente,

Cleusa Rios Martins

Doutoranda Curso Filosofia de Enfermagem

Dra. Lygia Paim Muller Dias

Orientadora da pesquisa

**ANEXO 4**

**EXPERIÊNCIAS EXPRESSIVAS - SENSIBILIDADE E RELAÇÕES**

**PROFISSIONAIS NO CUIDAR HUMANO - PLANO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO.  
RESP. DDA. CLEUSA RIOS MARTINS (UFSC), DRA. FLÁVIA REGINA S. RAMOS

ORIENTADORA: DRA. LYGIA PAIM MULLER DIAS  
PARTICIPANTES: ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM  
"FÁBRICA DE EXPRESSÕES" (USINA DE CRIATIVIDADE)  
-PERÍODO: 21/10/96 À 21/11/96. -10 encontros de 2 horas

TEMA/ATIVIDADE	OBJETIVO
1. MAPEAMENTO DE TRILHAS EM BUSCA DE UMA "FÁBRICA DE EXPRESSÕES DE SENSIBILIDADE APROPRIADAS AO TRABALHO DE ENFERMAGEM	COMPARTILHAR IDÉIAS E PROPOR AÇÕES CONJUNTAS DE EXERCÍCIOS EXPRESSIVOS ARTÍSTICOS E LÚDICOS.
2. "EXPRESSÕES DO OLHAR"	PERCEBER OS SIGNIFICADOS POSSIBILITADOS PELO OLHAR SEU E DOS OUTROS
3. "EXPRESSÕES DO OUVIR"	IDENTIFICAR SONS E RÍTMOS DO SER E FAZER ENFERMAGEM; INTERPRETAR MUSICALIDADE E CRIAR MENSAGEM SONORA
4. "EXPRESSÕES DO OLFATO"	EXERCITAR AS SENSACIONES OLFATIVAS, EXPRESSANDO-AS ATRAVÉS DA COR
5. "EXPRESSÕES DO TOQUE"	IDENTIFICAR FORMAS ATRAVÉS DO TATO
6. "EXPRESSÕES DO SABOR"	CRIAR "FORMAS-SABORES" QUE TRADUZAM CONCEITOS
7. "EXPRESSÕES DO SOM E RITMO"	RECONHECER MUSICALIDADE DA VOZ NA AÇÃO DE ENFERMAGEM E CRIAR MENSAGEM E INFORMAÇÃO SONORA
8. "EXPRESSÕES DO CORPO"	PROPORCIONAR MOVIMENTOS ESPONTANEOS TRADUZINDO-OS EM FORMAS CONCEITUAIS
9. "EXPRESSÕES INTEGRADAS"	CONSTRUIR FORMAS CONCEITUAIS, DISCURSIVAS E INTERPRETATIVAS
10. "EXPRESSÕES FINAIS"	AVALIAR AS POSSIBILIDADES DE MANIFESTAÇÃO EXPRESSIVA DE UM GRUPO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: COM PROF. FLÁVIA RAMOS (COORD. DE PÓS-GRAD ENF)  
OU TÂNIA NOGUEIRA (COORD. DE GRAD. ENF).

**ANEXO 5**  
**EXPERIÊNCIAS EXPRESSIVAS - SENSIBILIDADE E RELAÇÕES PROFISSIONAIS NO CUIDAR HUMANO -**  
**PROGRAMA**

UFMT/USC. RESP. DRA. FLÁVIA REGINA SOUZA RAMOS E DDA. CLEUSA RIOS MARTINS-  
 ORIENTADORA : DRA. LYGIA PAIM MULLER DIAS  
 PARTICIPANTES: ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

**“FÁBRICA DE EXPRESSÕES” (USINA DE CRIATIVIDADE)**  
 PERÍODO: 21/10/96 A 21/11/96.  
 - 10 encontros de 2 horas

TEMA/ATIVIDADE	OBJETIVO	AMBIÊNCIA	RECURSOS MATERIAIS	ALTERNATIVAS TÉCNICAS	AGENDA	REGISTRO DOCUMENTAÇÃO
1. MAPEAMENTO DE TRILHAS EM BUSCA DE UMA “FÁBRICA DE EXPRESSÕES” DE SENSIBILIDADE APROPRIADAS AO TRABALHO DE ENFERMAGEM	COMPARTILHAR IDEIAS E PROPOR AÇÕES COM- JUNTAS DE EXERCÍCIOS EXPRESSIVOS ARTÍSTI- COS E LÚDICOS.	SALA COM POSSIBILIDADE DE PROJEÇÃO DE IMAGENS; MÁXIMO 50 LUGARES; CAPACIDADE AUDÍVEL DE SONORIDADE INTERNA, ILUMINAÇÃO.	RETROPROJETOR E PRO- JETOR DE SLIDES, MÁ- QUINA FOTOGRAFICA TOCA-FITAS (CASSETE) FILMADORA (COM FILME E TV), OBJETOS VARIOS EMPILHADOS E DISPO- NÍVEIS	EXPOSIÇÃO DE POSSI- BILIDADES DA “FÁBRICA DE EXPRESSÕES”; EXPRESSIONES DE INSCRITOS COMO PARTICIPES DA FA- BRICA; CELEBRAÇÃO DO COMPARTILHAMENTO	A COM- BINAR	GRAVAÇÕES (FILMES, AUDIO) NOTAS DE CAM- PO: FICHAMENTO INDIVIDUAL
2. “EXPRESSIONES DO O L HAR”	PERCEBER OS SIGNI- FICADOS POSSIBILITA- DOS PELO OLHAR SEU E DOS OUTROS	SALA COM MESA GRANDE	OBRA DE ARTE LOCAL E CALEIDOSCÓPIO	EXERCÍCIO LÚDICO UTILI- ZANDO A OBSERVAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE OBRA DE ARTE		GRAVAÇÃO AUDIO E FOTO
3. “EXPRESSIONES DO OUVIR”	IDENTIFICAR SONS E RITMOS DO SER E FAZER ENFERMAGEM; INTERPRETAR MUSICA- LIDADE E CRIAR MENSAGEM SONORA	SALA GRANDE QUE POSSIBILITE MOVIMENTO E PRODUÇÃO DE SOM	APARELHO DE SOM (CD e CASSETE), PAPEL E LAPIS DE COR; INSTRUMENTOS MUSICAIS	MUSICALIDADE E RITMO ESPONTANEO INDIVI- DUAS E GRUPAL.		IDEM
4. “EXPRESSIONES DO OLFATO”	EXERCITAR AS SENS- AÇÕES OLFATIVAS EX- PRESSANDO-AS ATRA- VES DA COR	SALA GRANDE QUE POSSI- BILITE PINTAR E USAR TINTAS	PAPEL KRAFT, TINTA ACRILICA, PINCEL, PENA, PALITOS DE MADEIRA, PAPELÃO, TECIDO.	INTERPRETAÇÃO DAS SEN- SAÇÕES, QUALIFICAÇÃO E CODIFICAÇÃO; PINTURA		IDEM

TEMA/ATIVIDADE	OBJETIVO	AMBIÊNCIA	RECURSOS MATERIAIS	ALTERNATIVAS TÉCNICAS	AGENDA	REGISTRO DOCUMENTAÇÃO
5. "EXPRESSIONES DO TOQUE"	IDENTIFICAR FORMAS ATRAVÉS DO TATO	SALA PARA MODELAGEM EM ARGILA E GESSO (COM PIA)	ARGILA, ÁGUA, BACIAS PAPEL, TOALHA, GASE GESSADA, TESOURA, VASSELINA, SECADOR DE CABELO, ESPATULAS, PAPEL E LÁPIS	2 TEMPOS: 1-REMEMORAR SENSACIONES EM PRÁTICAS DE ENFERMAGEM, REPRODUZINDO O PERCEBIDO 2- CRIAR A EXPRESSÃO DO MOMENTO.		IDEM
6. "EXPRESSIONES DO SABOR"	CRIAR "FORMAS-SABORES" QUE TRADUZAM CONCEITOS	SALA COM MESA GRANDE	PAPEL, LAPIS COLORIDO, ALIMENTOS DE VARIOS SABORES	EXPERIÊNCIA COM SABORES E TRADUÇÃO POR LINHAS GEOMÉTRICAS		IDEM
7. "EXPRESSIONES DO SOM E RITMO"	RECONHECER MUSICALIDADE DA VOZ NA AÇÃO DE ENFERMAGEM E CRIAR MENSAGEM E INFORMAÇÃO SONORA.	SALA COM PROTEÇÃO ACÚSTICA	APARELHO DE SOM INSTRUMENTOS MUSICAIS (PANDEIRO, TAMBOR, CHOCALHO) GRAVADOR E FITAS CASSETE	EXPERIÊNCIA DE MUSICALIDADE ATRAVÉS DA EMISSÃO DA VOZ E SONS INSTRUMENTAIS		IDEM
8. "EXPRESSIONES DO CORPO"	PROPORCIONAR MOVIMENTOS ESPONTANEOOS TRADUZINDO AS FORMAS CONCEITUAIS	SALA COM CADEIRAS E MESA E SALA VAZIA	APARELHO DE SOM	DANÇA RITUAL		IDEM
9. "EXPRESSIONES INTEGRADAS"	CONSTRUIR FORMAS CONCEITUAIS, DISCURSIVAS E INTERPRETATIVAS	SALA COM MESA E CADEIRAS	APARELHOS DE SOM, INSTRUMENTAIS, PAPEL, CANETA, LAPIS, TRANSPARENCIAS, TINTAS, PINCEIS, COLA E TECIDO	RECORTE, PINTURA, DANÇA, CRIAÇÃO DE HISTORIA, POESIA E CRÔNICA		IDEM
10. "EXPRESSIONES FINAIS"	AVALIAR AS POSSIBILIDADES DE MANIFESTAÇÃO EXPRESSIVA DE UM GRUPO	SALA GRANDE COM PALCO	ILUMINAÇÃO, VENTILAÇÃO, SOM E IMAGEM	APRESENTAÇÃO AO PÚBLICO; INTERPRETAÇÃO AVANÇADA		IDEM

**ANEXO 6**  
**ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BRASILEIRA DE**  
**ENFERMAGEM QUE CONTEMPLAM O TEMA ARTE, NO PERÍODO**  
**DE 1990-1995.**

**FERNANDES, Walter. Incêndio em Hospital de Grande Porte: Atuação do Supervisor de Enfermagem. In: Rev. Bras. de Enf., Brasília 40 (4), out.\dez., 1987 pág 210.**

RESUMO - Relata o acontecimento de um incêndio em um hospital geral e discorre sobre a experiência de um supervisor de Enfermagem que trabalha à noite. Aponta dois problemas cruciais: total despreparo de pessoal e de material para dar atendimento neste tipo de situação e ausência, no turno da noite, de apoio técnico e administrativo que concorram para o desempenho da Enfermagem.

“Esses Enfermeiros praticam a Arte de reunir as mais variadas correntes de psicologia, urbanidade, sociologia, legislação trabalhista, direito, perícia de Enfermagem, amor ao próximo, e muita coragem para decidir sobre tarefas que dizem constituir a Supervisão em Enfermagem, só que os autores consultados, não afirmam isso.”

**FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A Educação e o Processo de Inclusão - Exclusão Social da Mulher: uma questão de gênero. In: Rev. Bras. de Enferm., Brasília, v.48, n.1, p. 51-59, jan.\mar.1995.**

RESUMO - Utilizando a categoria analítica gênero, este trabalho mostra como se dão, historicamente, as relações sociais (de poder) entre homens e mulheres e como os valores femininos vão cedendo lugar aos masculinos. Neste contexto, assume especial importância o processo educativo enquanto um dos determinantes da inclusão/exclusão social da mulher.

“Às meninas é ensinada a Arte doméstica e de manipulação dos homens e aos meninos as profissões dos seus pais, a iniciativa e a coragem.”

**ROSSI, Maria José dos Santos. O Curar e o Cuidar - A História de uma Relação (um ensaio). In: Rev. Bras. de Enfer., Brasília, 44 (1) : 16-21, jan.\mar. 1991.**

RESUMO - O presente ensaio refere-se a um estudo da relação entre a Arte de cuidar e a Arte de curar. Se o cuidar existiu desde que a humanidade se constituiu, ele era um saber indiferenciado o qual tanto faziam Arte as atividades elaboradas no cuidado e na cura. Utilizando autores que tratam tanto da questão da relação de poder entre os gêneros masculino e feminino, bem como situam aquelas atividades no contexto histórico, verificamos existir uma ruptura entre o cuidar e o curar, ficando este último hegemônico. O cuidar, assim se transforma em Enfermagem, como atividade subalterna. Este é o início de uma pesquisa a longo prazo para situar as noções relativas da disciplina - o seu discurso.

“O nosso interesse inicial é o conhecimento histórico da nossa disciplina que vamos chamá-la “a Arte de cuidar” e a sua formação como um saber indiferenciado.”

“A importância do esquema teórico de Rosaldo na descrição do simbólico em relação à desigualdade sexual é que na conceituação de cuidar, ou **“Arte de cuidar”**, encontramos todos os elementos situados e descritos como constantes do papel feminino.”

“É no final do século XVIII, no velho mundo, que a **“Arte de curar”** inicia sua formação distanciando-se da **Arte de cuidar**, tornando-se pública, política e com poder.”

“A doença poderia ser compreendida como uma planta que nasce, cresce e morre. Assim, o meio ambiente externo ao indivíduo, mas que proporcionar uma troca com ele, pode ser responsável, se perturbado, pela doença. A doença nada mais seria do que a natureza perturbada. Esta é uma tendência ecológica na então emergente **“Arte de curar”** dominante.

A mudança da intervenção médica da doença individual, que era até então, para o meio ambiente, juntamente com a disciplina do espaço hospitalar pela vigilância, dá ordem a **“Arte de curar”**. Para disciplinar o ambiente “terapêutico” - para total vigilância do corpo doente, há necessidade de uma **“Arte de cuidar”** dominada.”

“Mostrar a descontinuidade entre a **“Arte de cuidar”** e a **“Arte de curar”** no Brasil é um dos nossos objetivos.”

“MACHADO demonstra a função do hospital na constituição da **“Arte de curar”** ou seja da formação da medicina como poder hegemônico na sociedade brasileira do início do século XIX. Ele descreve a **“Arte de cuidar”** quando diz que “(...)a correlação médico-doença (foi) preterida por formas de cura referidas mais ao indígena, ao negro, ao Jesuíta, ao fazendeiro, do que ao próprio médico.”

“MACHADO mostra que, embora a **“Arte de curar”** não tenha se estabelecido no hospital colonial, havia uma ordem na distribuição do espaço hospitalar.”

“É o início da entrada em cena, na sociedade brasileira do profissional médico - o da **Arte de curar** - como responsável pela saúde, pelo corpo, e pela sociedade, medicalizando-a”

“A institucionalização da **Arte de curar**, no Brasil, se efetiva definitivamente com a proclamação da República. Submete a **Arte de curar** o papel de disciplinadora, vigilante - a vigilância do doente - que ficaria recluso no hospital perdendo a sua autonomia e a sua liberdade.”

“Enquanto o hospital era destinado a conseguir a salvação - paradigma religioso, a **“Arte de curar”** até fins do século XVIII, no velho mundo, e do século XIX, no Brasil, a desordem, com o advento da República, passa a ser a ordem, a vigilância, sobretudo com o estabelecimento da vigilância clínica e com a implantação do que FOUCAULT chama de “tecnologia política - a disciplina”, possibilitando a medicalização.”

“Passa a **“Arte de cuidar”** a ter novos objetivos a ser um sabor domesticado pelo saber médico, dominado por este que se torna hegemônico.”

“Aqui no Brasil, tendo sido expulsas do poder, as irmãs de caridade se retiraram do hospital. Enfermeiras francesas foram convidadas pelo governo republicano para a substituição dos recursos humanos na **Arte de cuidar**.”

“Este ensaio pretende apenas levantar problemas de compreensão da história da disciplina, demonstrando a descontinuidade da **“Arte de cuidar”** com paradigma mágico - religioso e a sua transformação em **“Arte de curar”** dominadora, hegemônica e **“Arte de cuidar”** dominada, de novo tipo.”

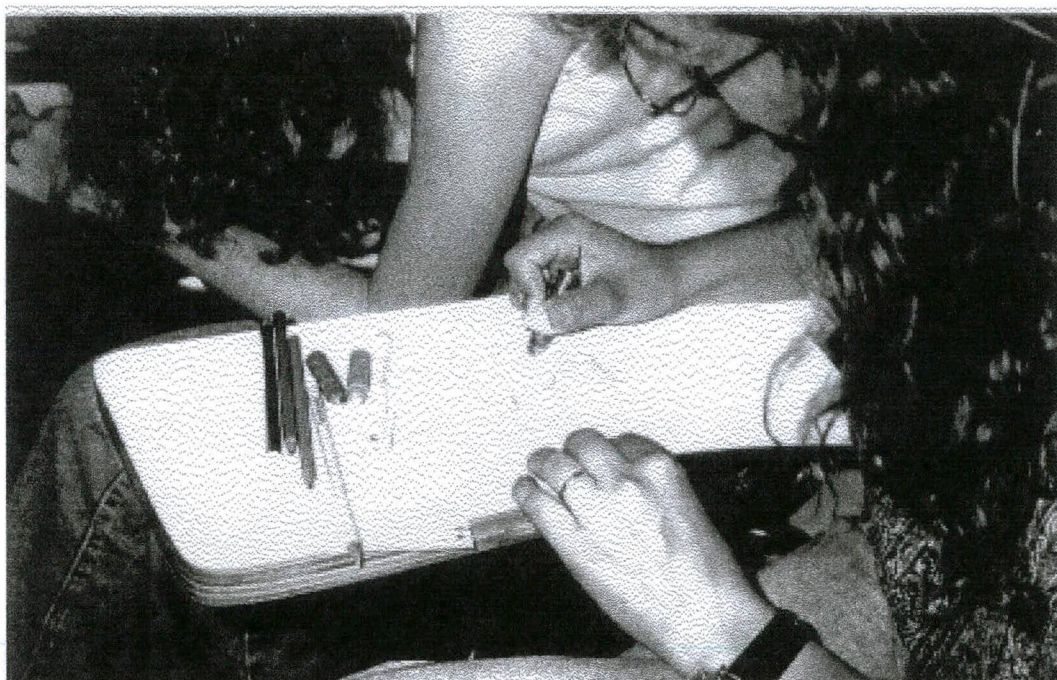
“Pensamos ainda que as representações simbólicas quanto a **“Arte de cuidar”** tanto no paradigma religioso, quanto no científico são de um trabalho sujo, inferior, doméstico. É que no momento histórico da transformação em trabalho público, oficial, poderoso, necessário, surge a **“Arte de curar”**, trabalho e poder eminentemente masculino na sociedade dominada pelos homens.”

**VAZ, Marta Regina Cezar. Reflexões Concernentes ao Conceito Trabalho na Cotidianidade (em Agnes Heller e Michel Maffesoli). In: Ver. Bras. de Enferm., Brasília, v.48, n.2, p. 168-171, abr.\jun. 1995.**

RESUMO - Ensaio sobre os escritos de Agnes HELLER acerca da categoria trabalho, com a intenção de marcar paralelos entre os pensamentos desta autora e os de Michel MAFFESOLI. Fica evidenciado que em ambos são manifestadas as análises da vida cotidiana, espaço histórico do desenvolvimento individual e social. HELLER trabalha esta categoria - cotidiano - dentro de uma abordagem "construtivista-dialética", onde o sujeito da história é visualizado em sua temporalidade (passado, presente e futuro), dentro do processo de transformação individual e coletiva. Já a abordagem de MAFFESOLI contém um núcleo "fenomenológico-compreensivo", onde o sujeito da história é perseguido na dimensão do presente ("vida comum \ vida banal"). "Deslocamento que o homem pode concretizar através de suas ações (Arte, ciência, filosofia... e do trabalho)."



**ANEXOS 7 A 15 - CONJUNTO DE 41 FIGURAS DO CADERNO DE EXPRESSÕES**



**CADERNO DE EXPRESSÕES**

## ANEXO 7

EXERCÍCIO DO OLHAR  
FIGURAS 1, 2, 3 E 4



**FIGURA 1**



**FIGURA 2**



**FIGURA 3**



**FIGURA 4**

## **ANEXO 8**

**EXERCÍCIO DO OLHAR  
SEGUNDO TEMPO  
FIGURAS 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11**

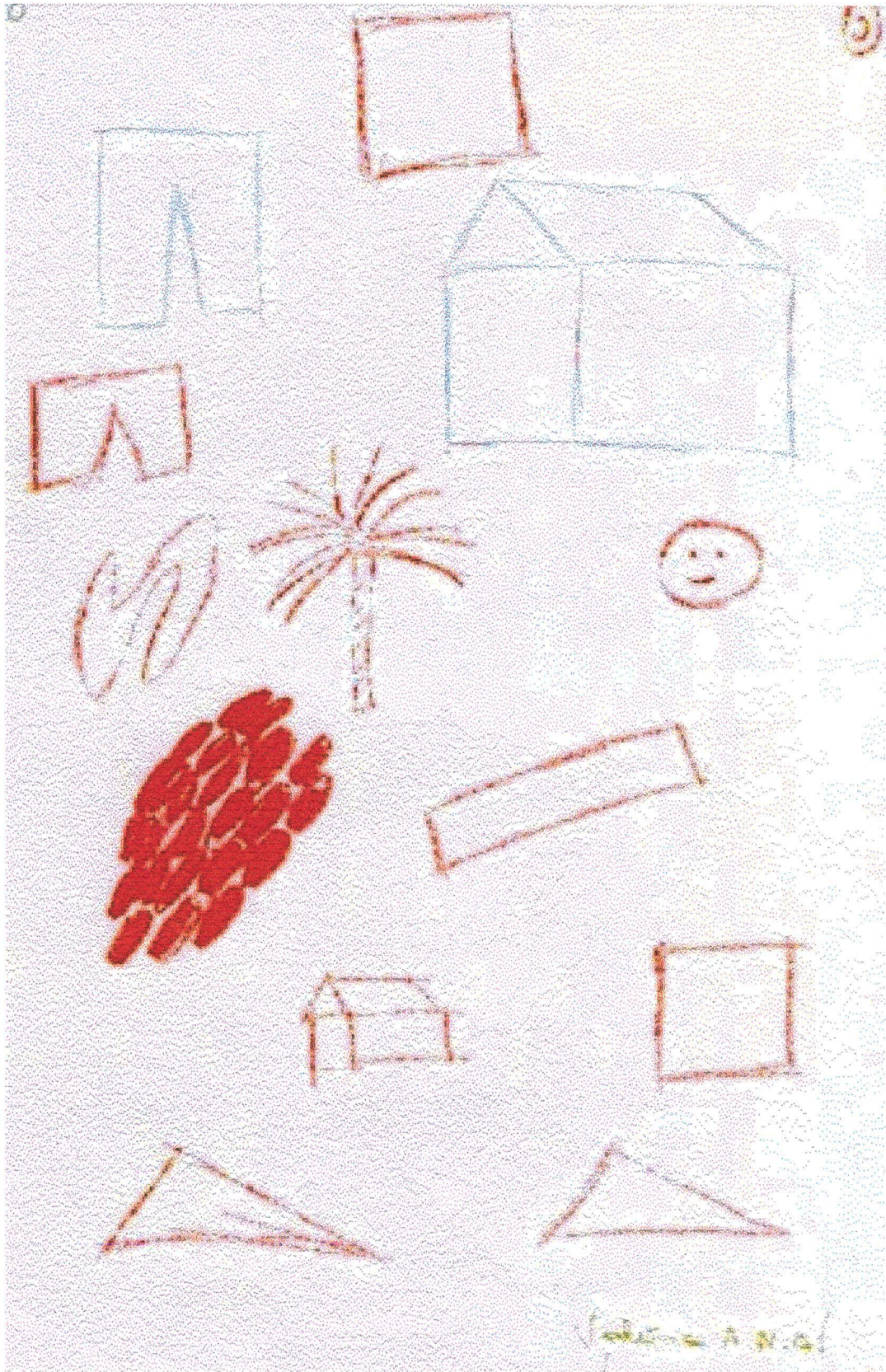


FIGURA 5

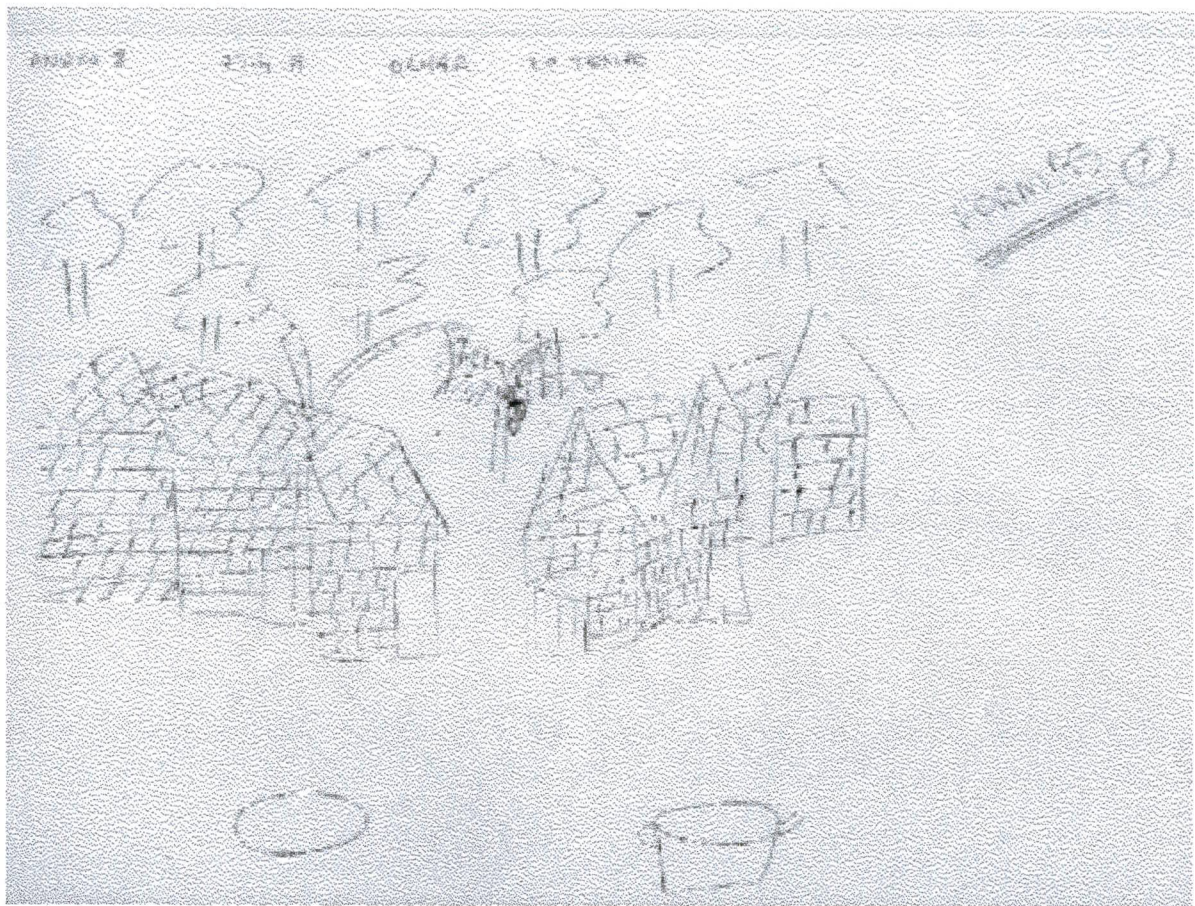




**FIGURA 6**



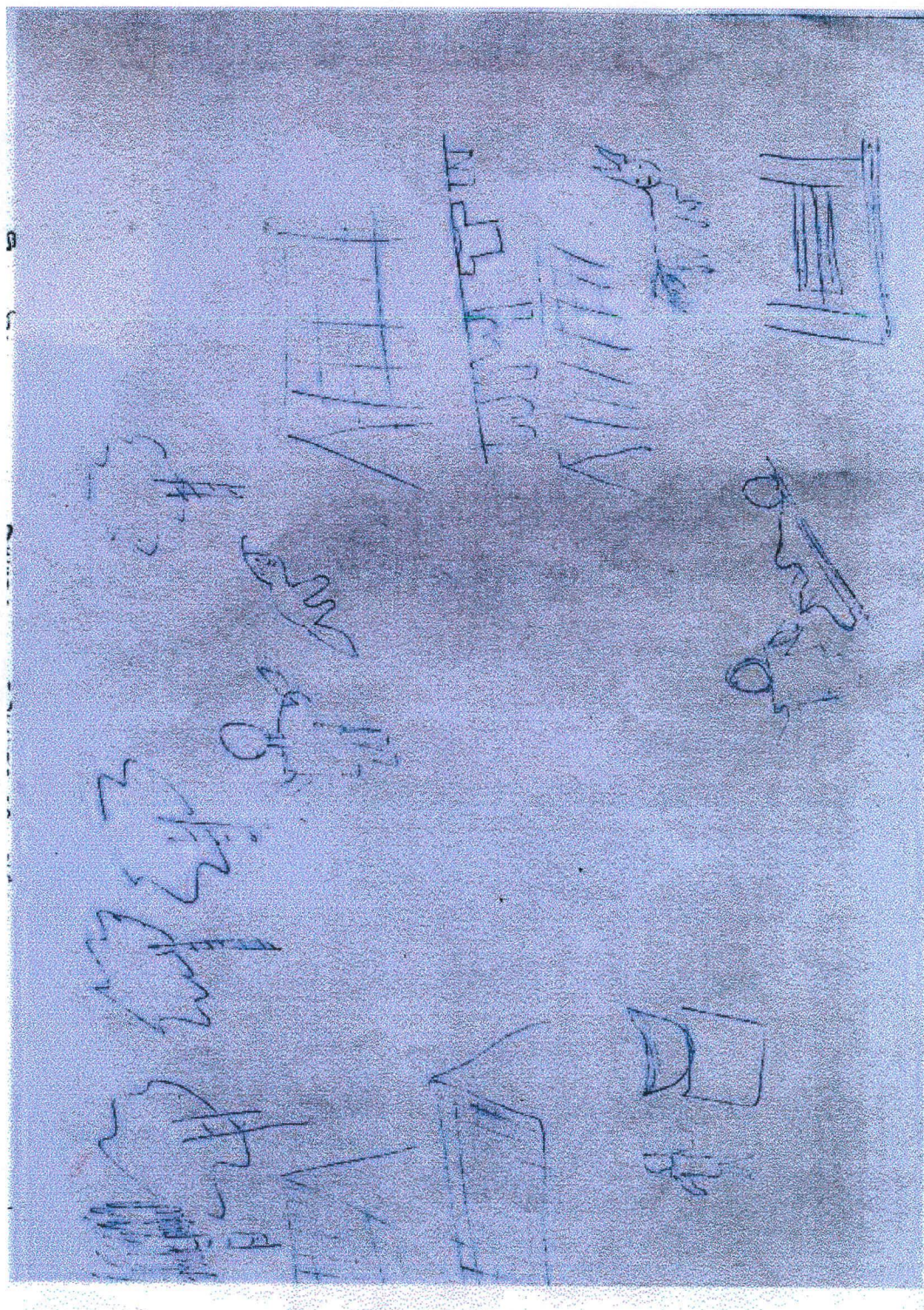
**FIGURA 7**



**FIGURA 8**



**FIGURA 9**



**FIGURA 10**

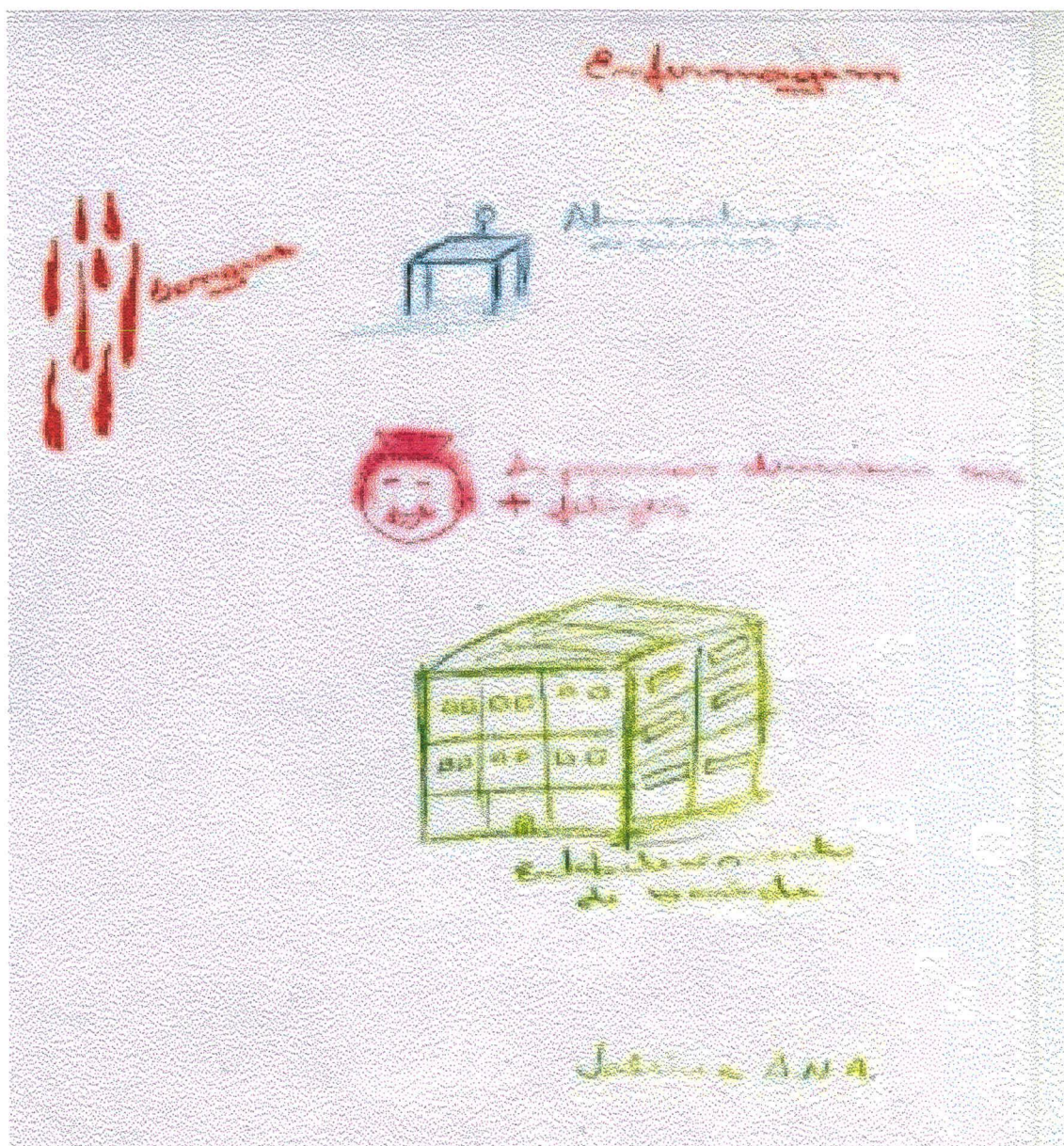


**FIGURA 11**

**ANEXO 9**

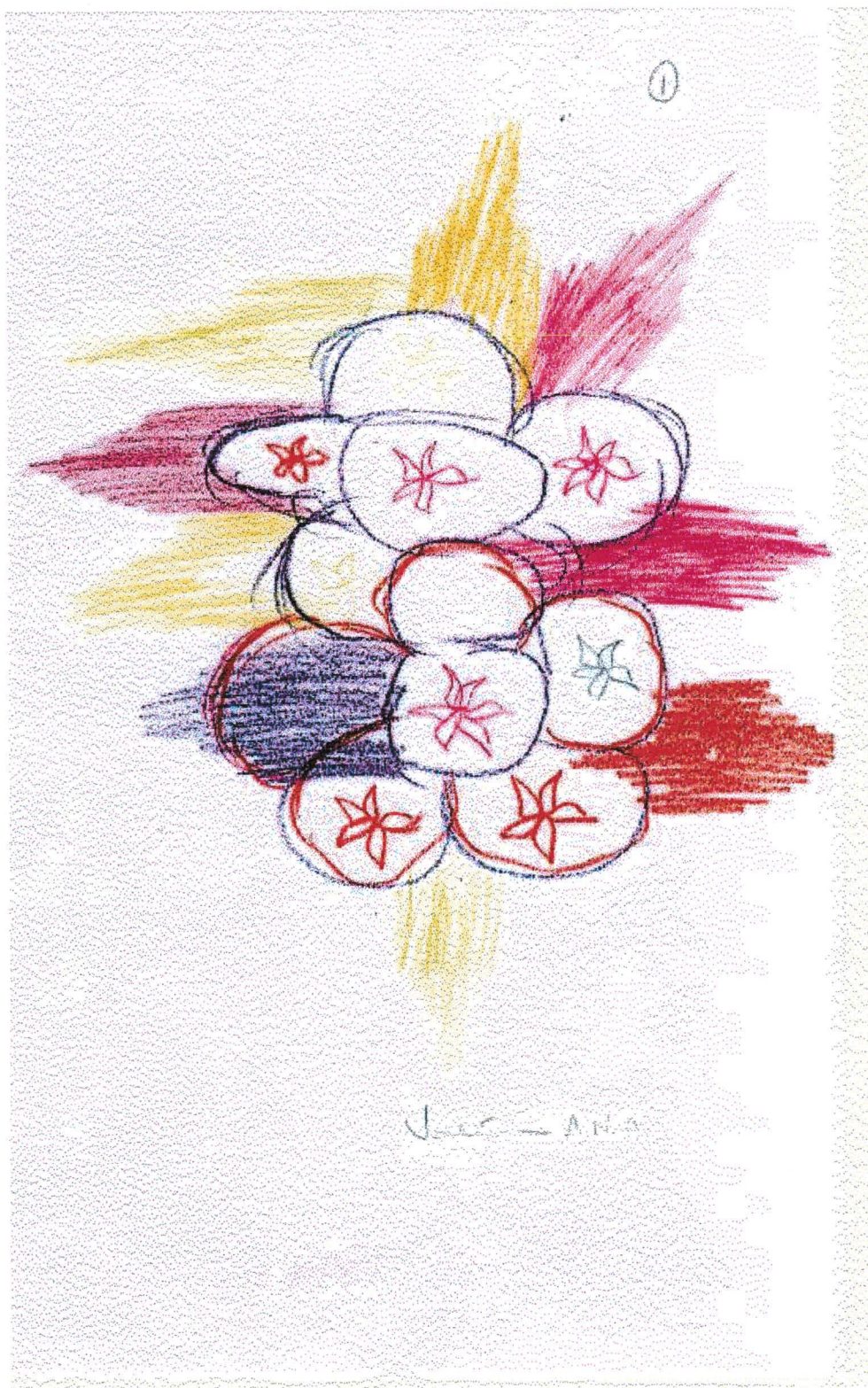
**EXERCÍCIO DA COR E FORMA**  
**DA ENFERMAGEM**

**FIGURAS 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18,**  
**19, 20, 21, 22 E 23**

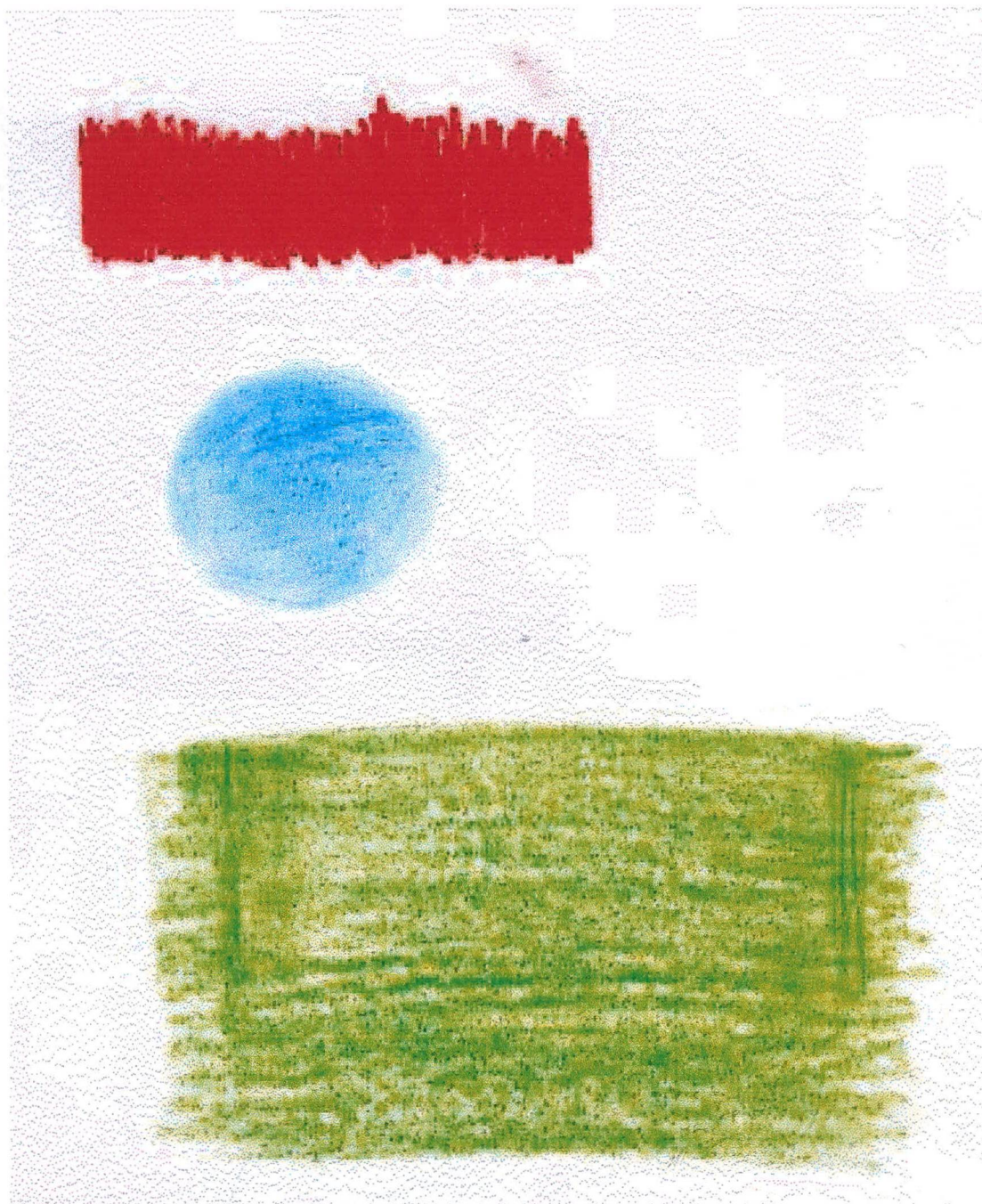


**FIGURA 12**





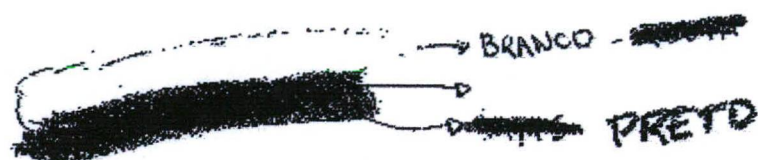
**FIGURAS 13**



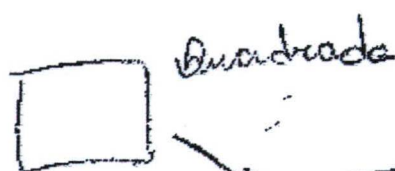
**FIGURA 14**

**FIGURA 15**

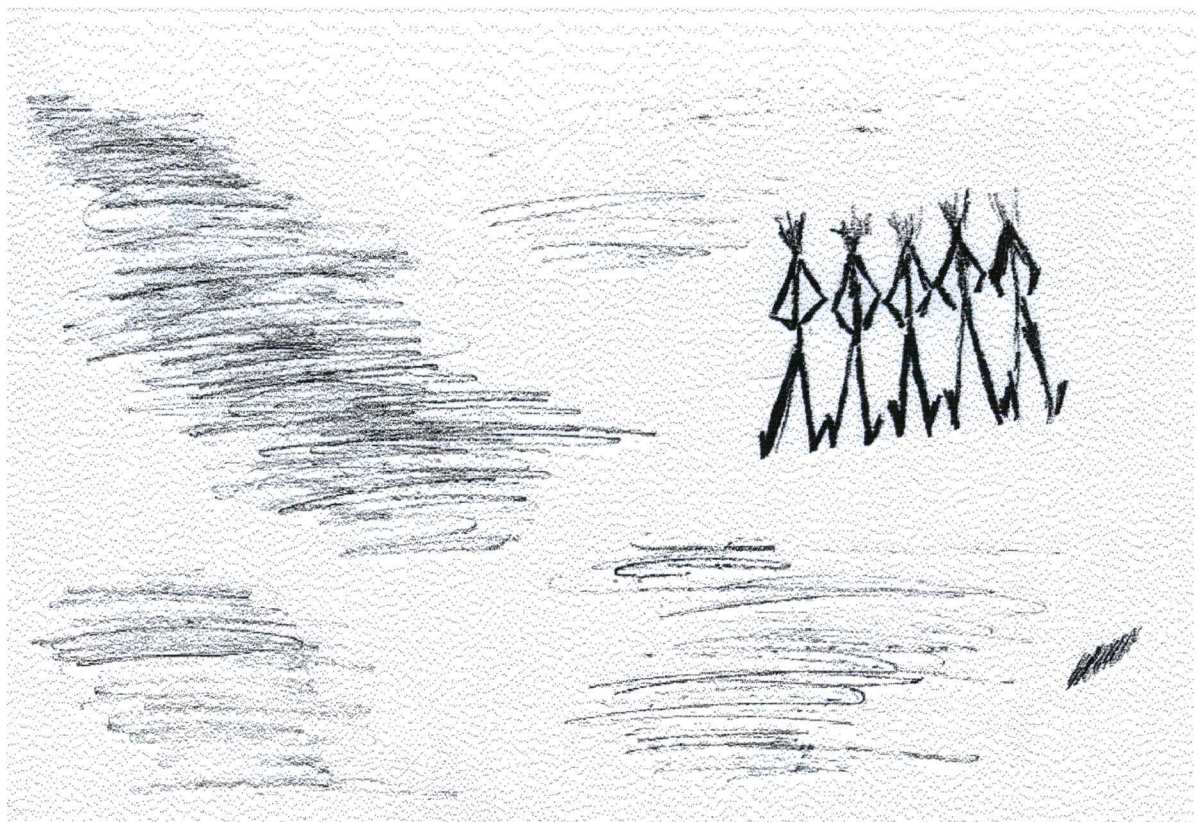
## Cor e formas de Enfermagem F<sub>2</sub>



formas  
eliminadas



**FIGURA 16**



**FIGURA 17**



**FIGURA 18**



**FIGURA 19**



**FIGURA 20**

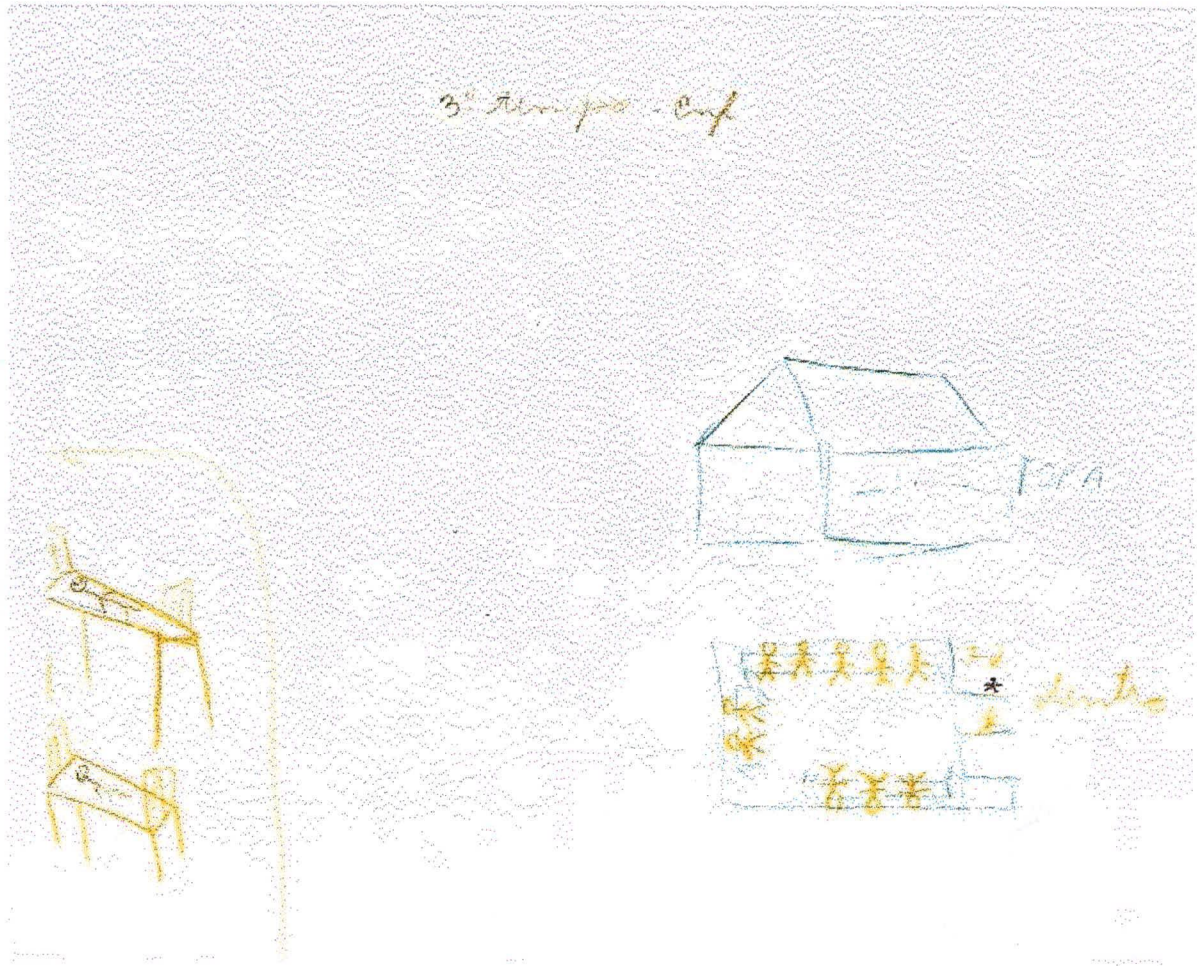




**FIGURA 21**



**FIGURA 22**

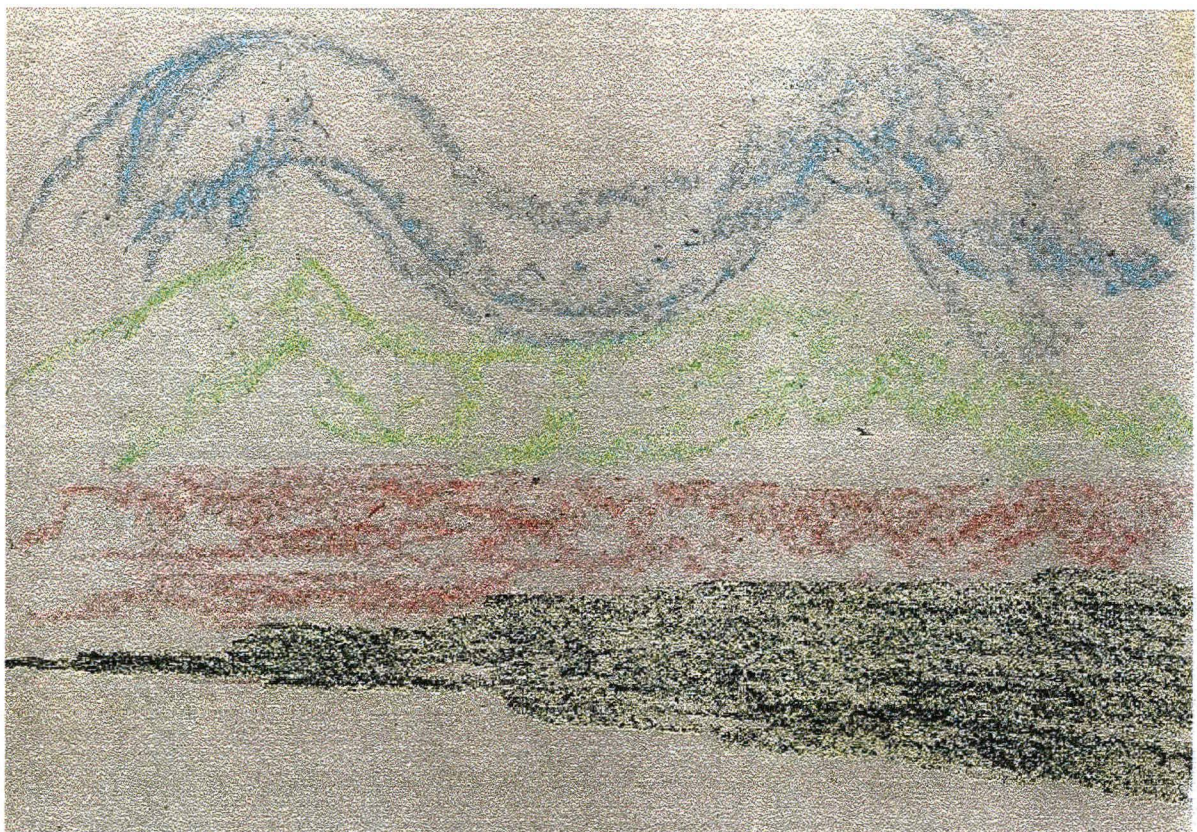


**FIGURA 23**

**ANEXO 10**  
**EXERCÍCIO DA COR E FORMA**  
**DO SOM DA ENFERMAGEM**  
**FIGURAS 24 E 25**

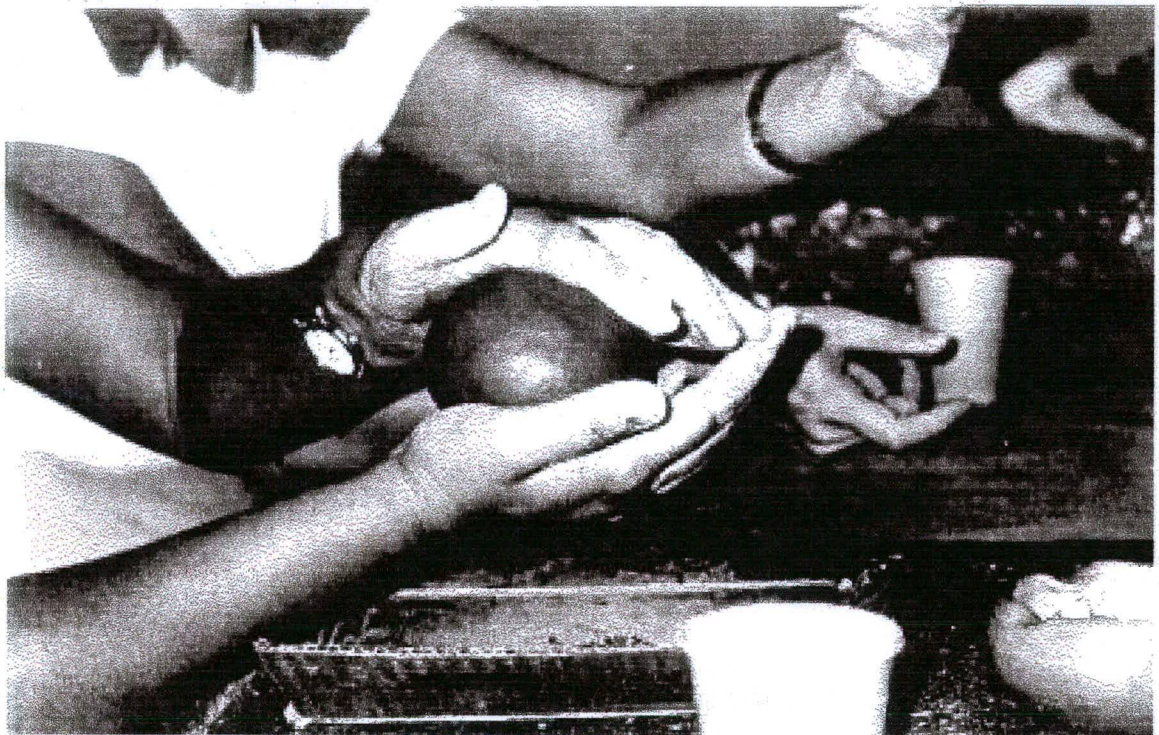


FIGURA 24



**FIGURA 25**

**ANEXO 11**  
**EXERCÍCIO EXPRESSÃO DO**  
**TATO**  
**FIGURA 26**



**FIGURA 26**

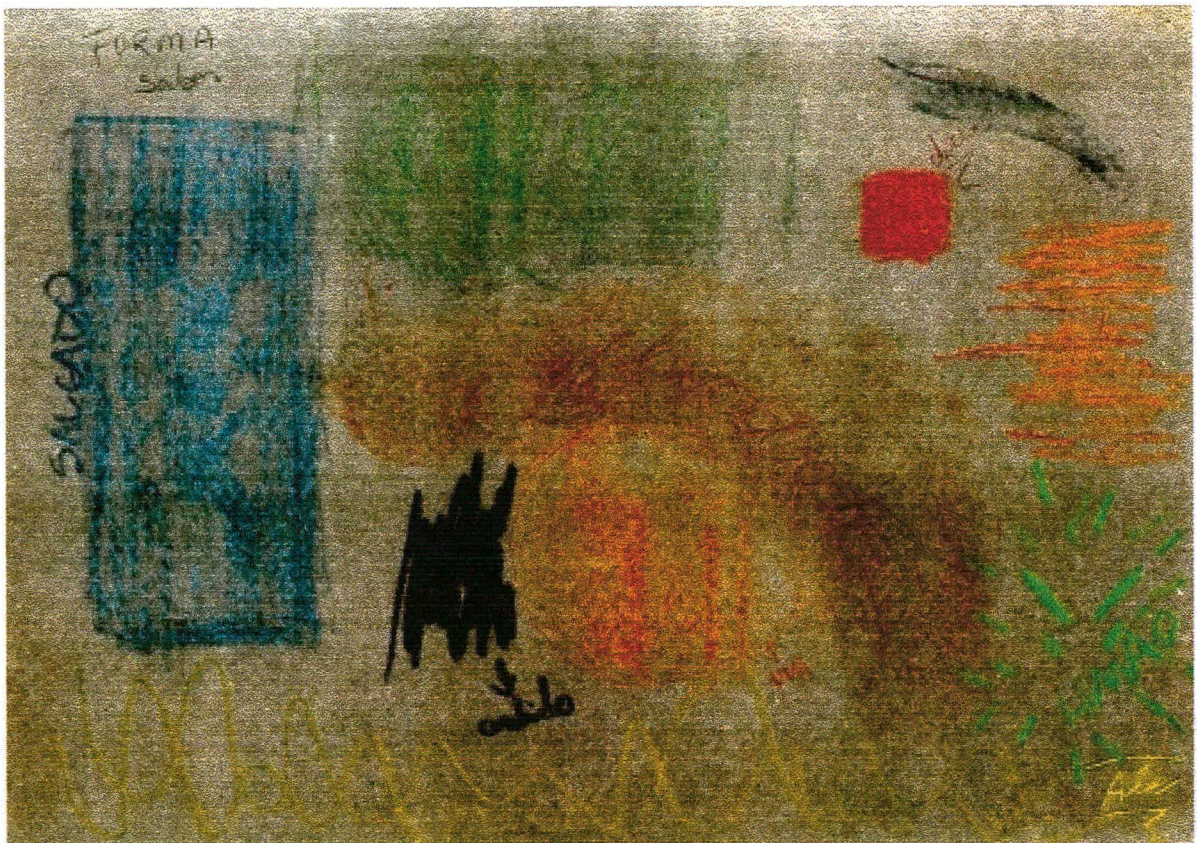


## ANEXO 12

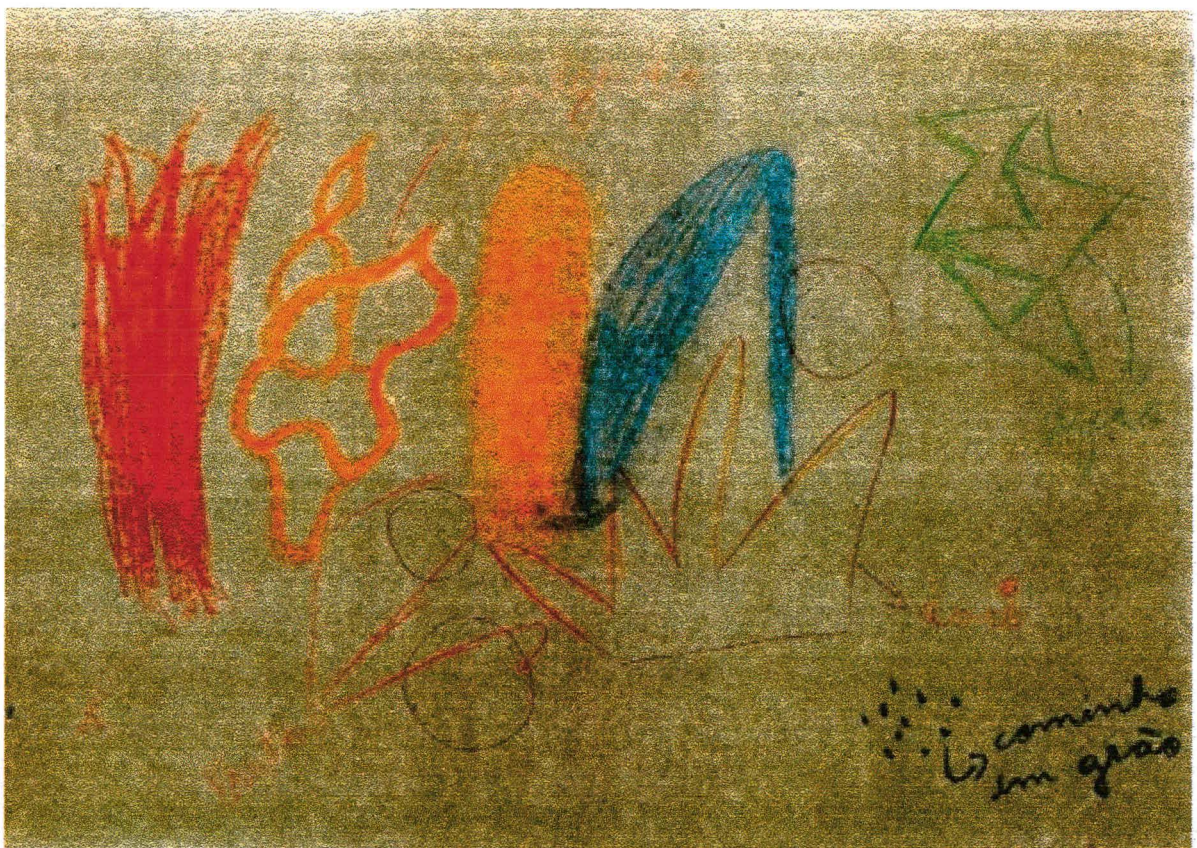
EXERCÍCIO COR E FORMA DO  
GOSTO: UM PALADAR  
FIGURAS 27, 28, 29, 30, 31, 32,  
33



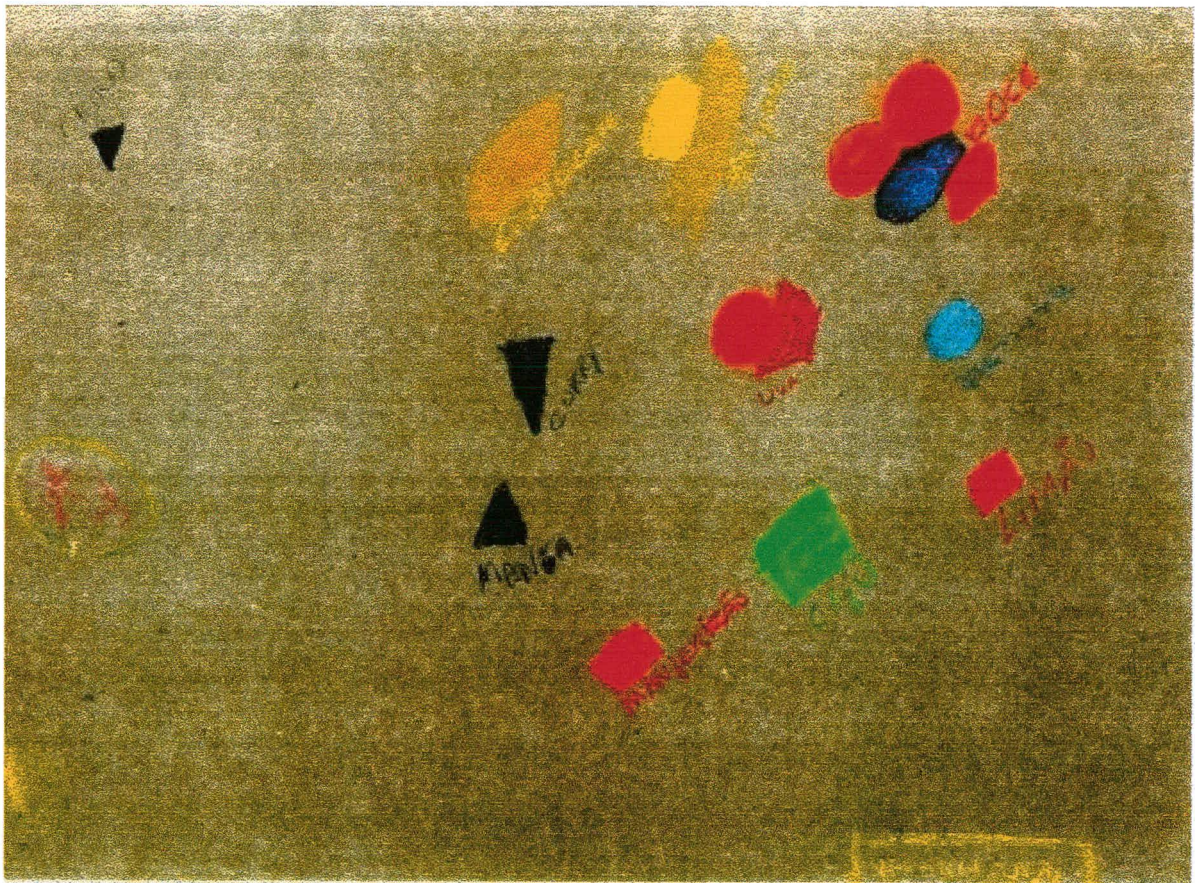
**FIGURA 27**



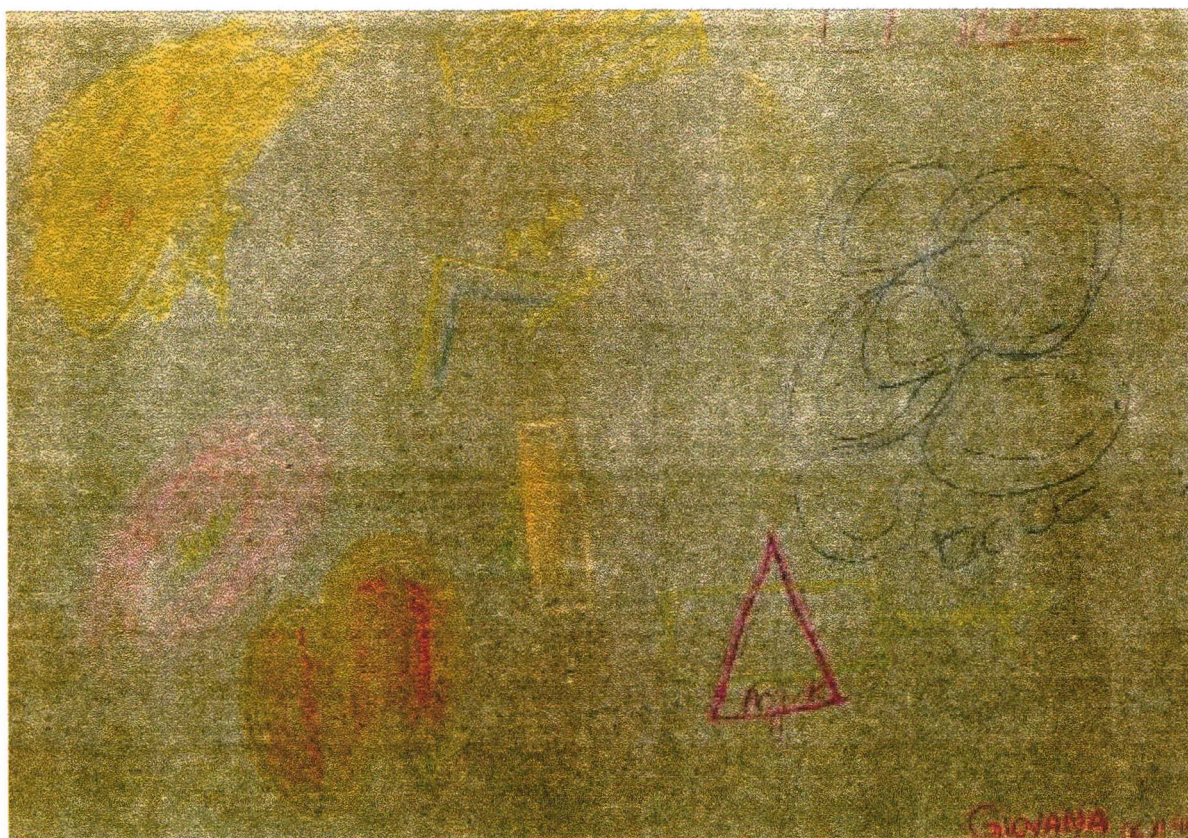
**FIGURA 28**



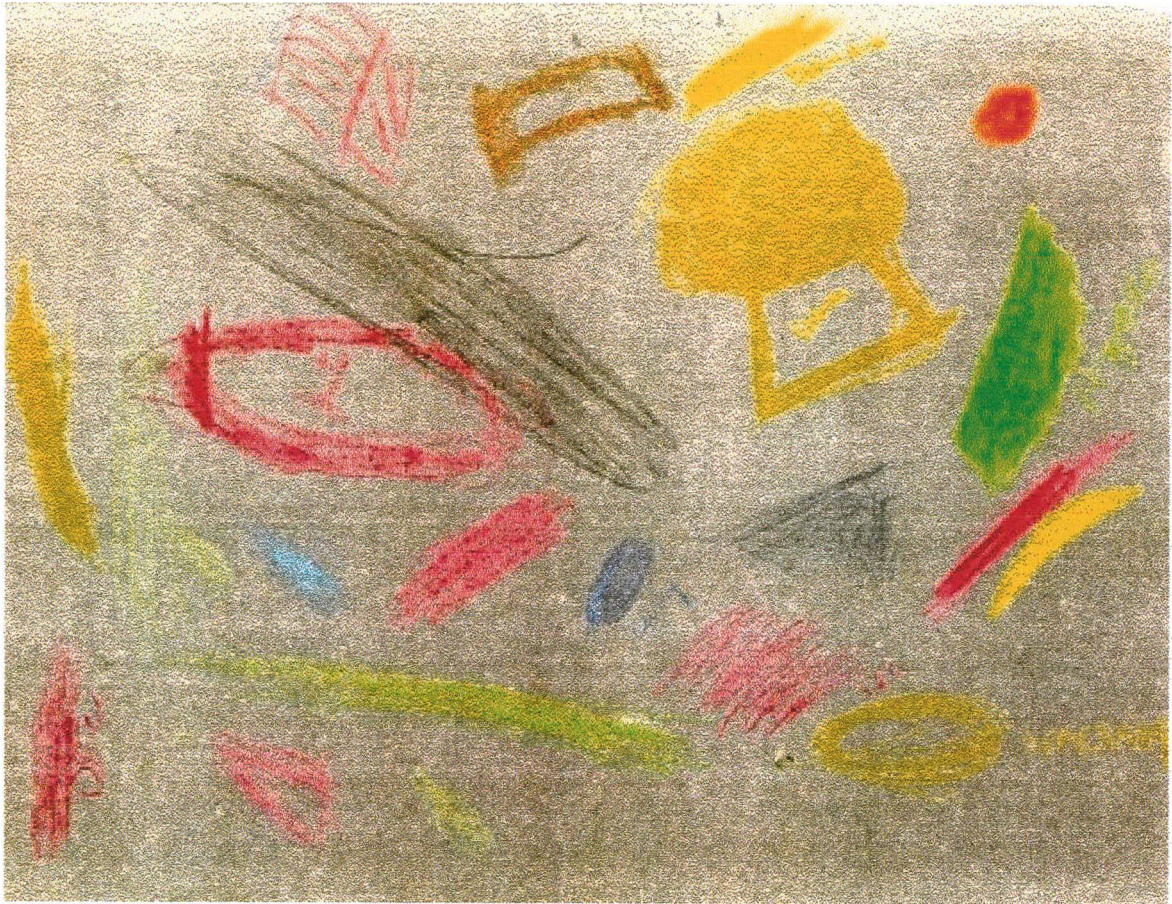
**FIGURA 29**



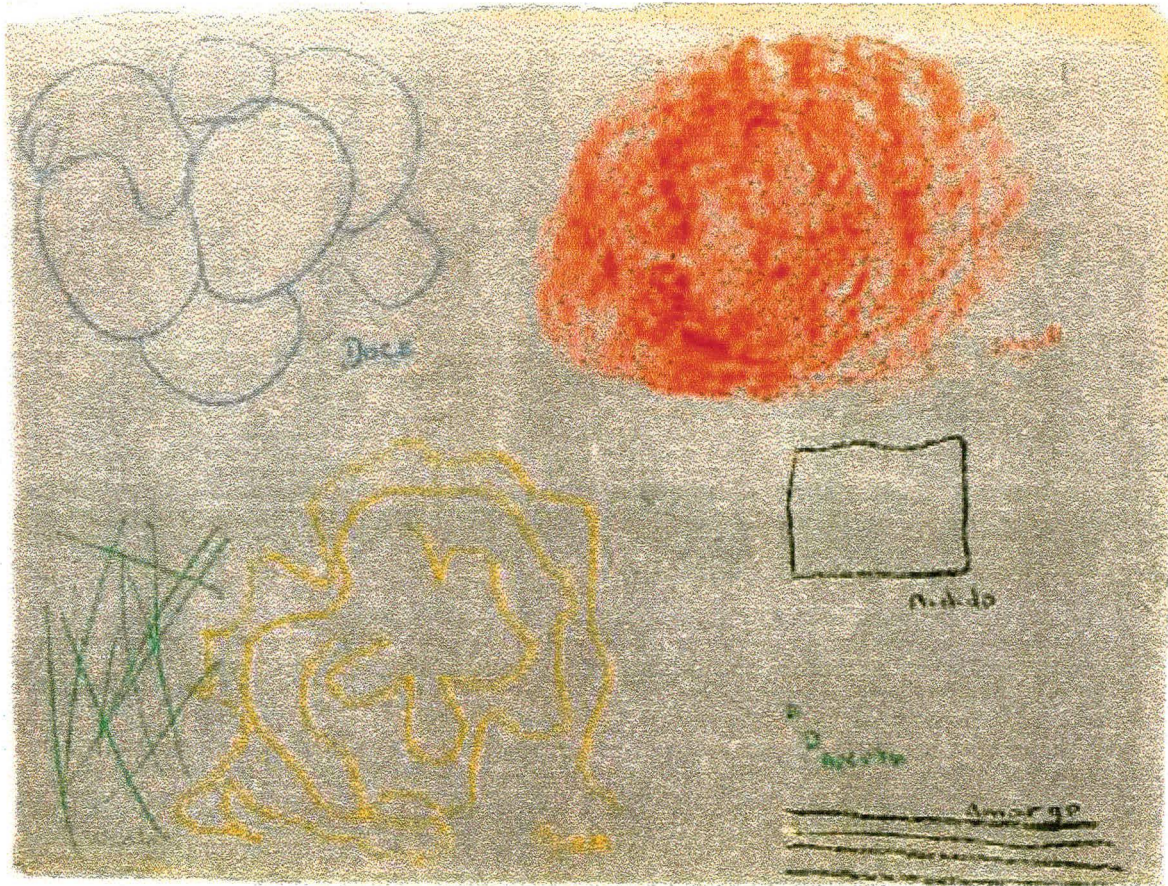
**FIGURA 30**



**FIGURA 31**



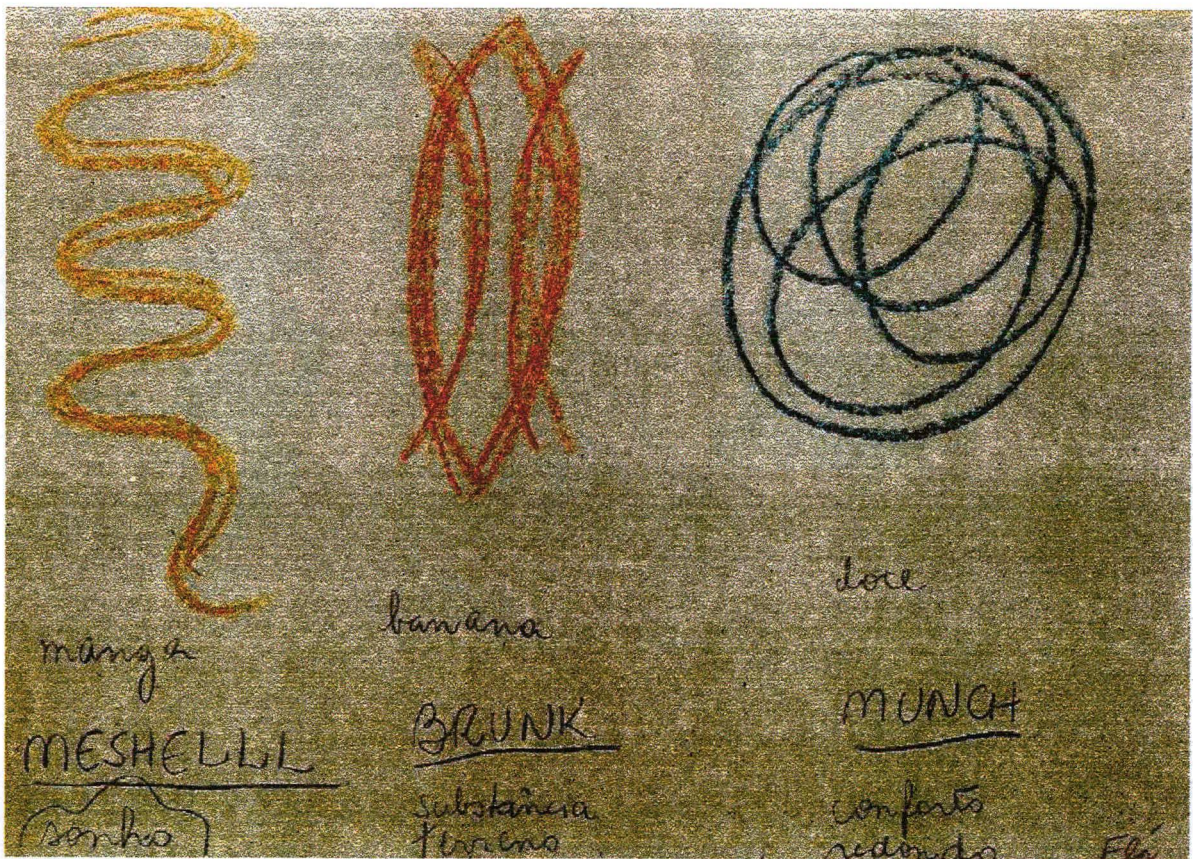
**FIGURA 32**



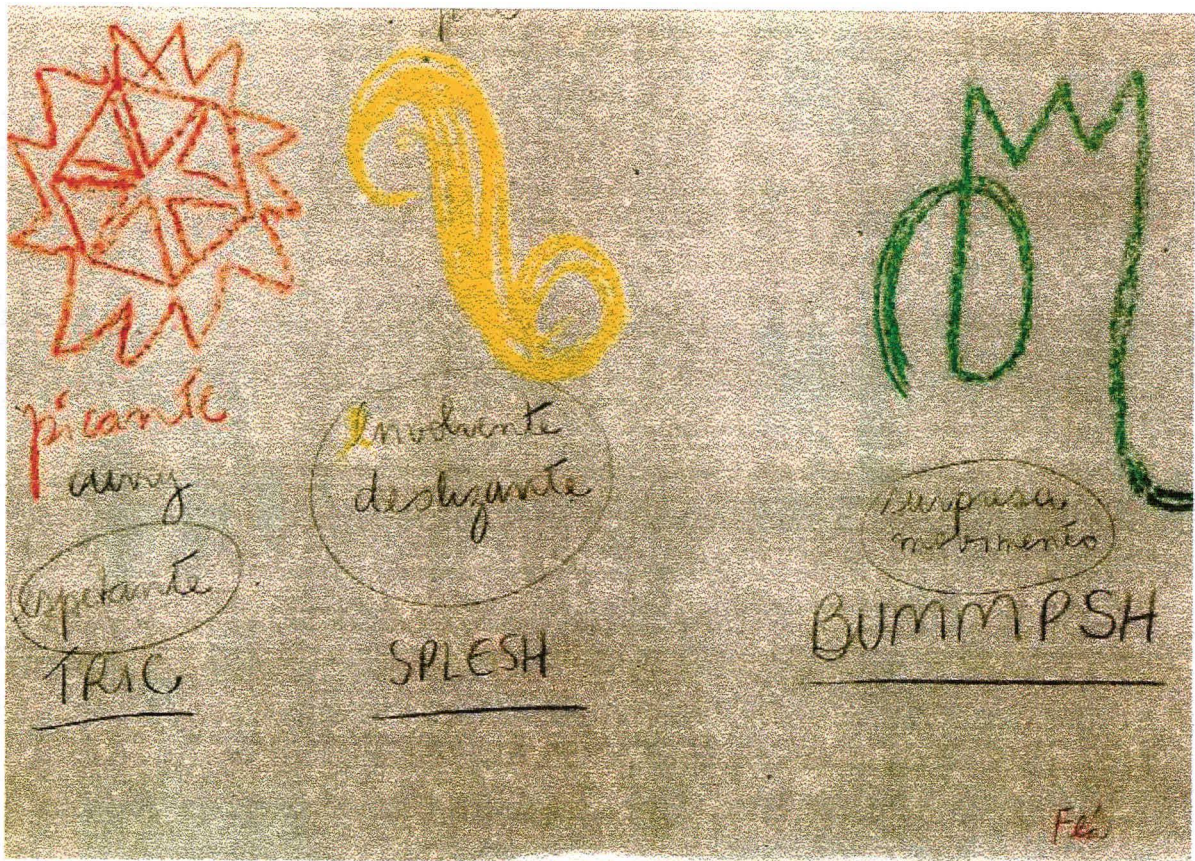
**FIGURA 33**



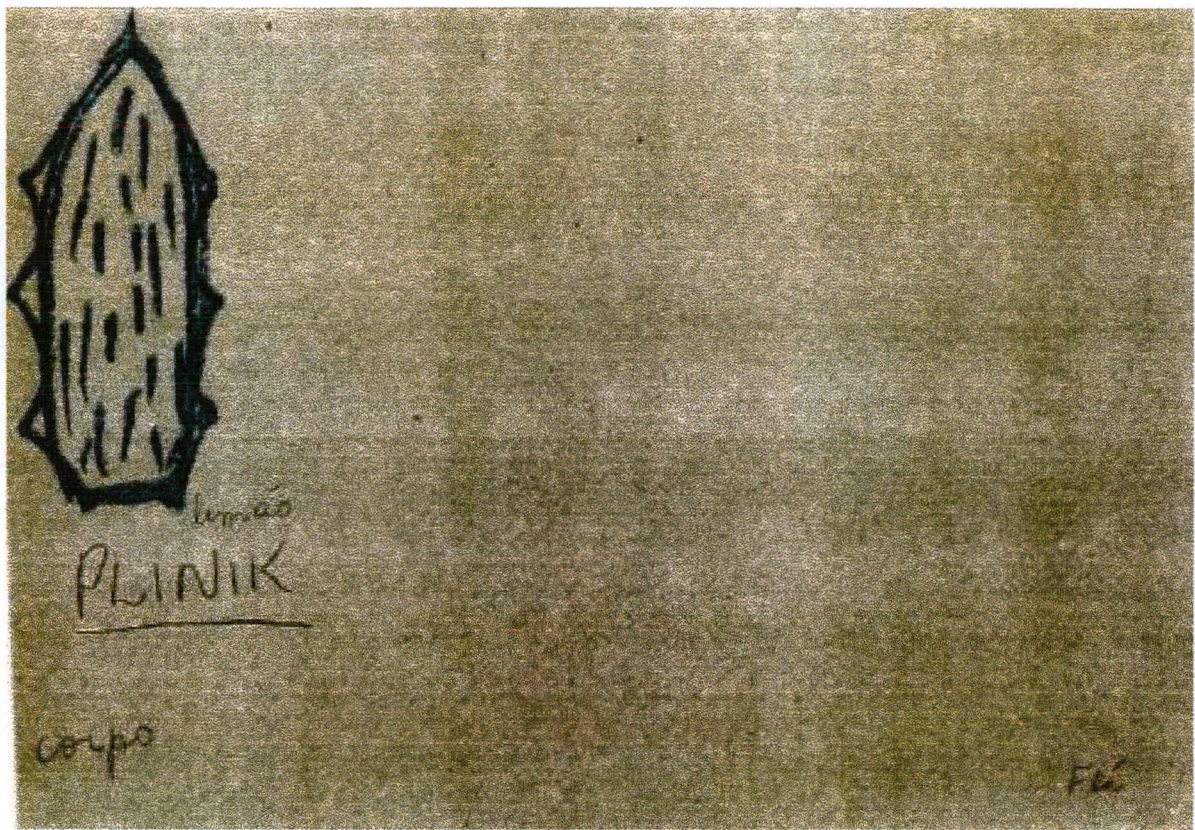
**ANEXO 13**  
**EXERCÍCIO DA FORMA, COR,  
SOM DO GOSTO: OUTRO  
PALADAR**  
**FIGURAS 34, 35, 36**



**FIGURA 34**



**FIGURA 35**

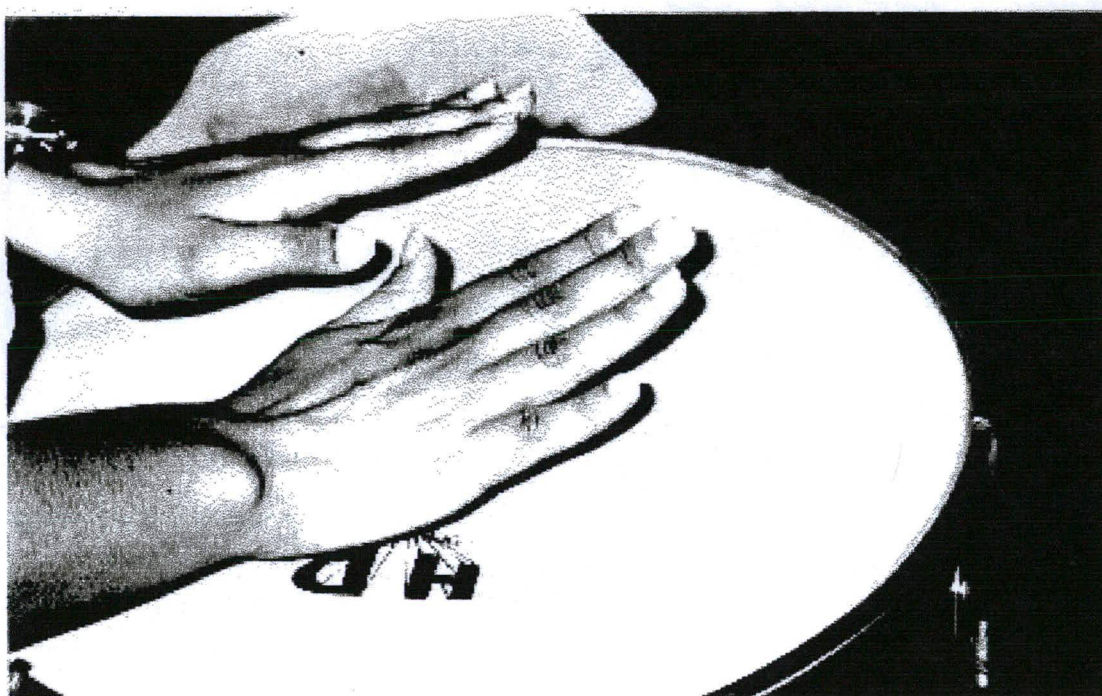


**FIGURA 36**

**ANEXO 14**  
**EXERCÍCIO DA EXPRESSÃO DO**  
**RITMO**  
**FIGURAS 37, 38, 39**



**FIGURA 37**



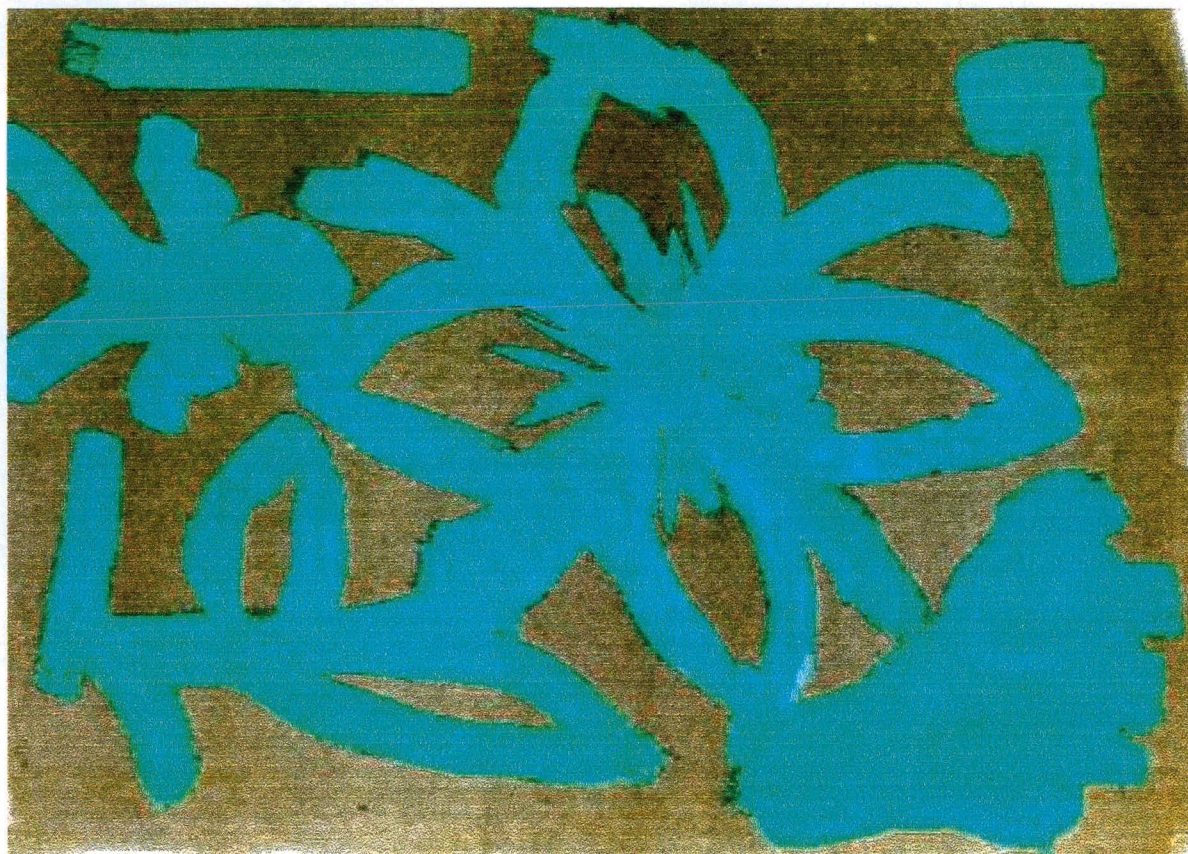
**FIGURAS 38**

**ANEXO 15**  
**EXPRESSÃO FINAL**  
**FIGURAS 40, 41**





**FIGURA 40**



**FIGURA 41**

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ACKERMAN, Diane. **Uma história natural dos sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.
- ANDY Warhl – 1928-1987, Peça polimer synthetic, silkscreen, óleo sobre tela – 222 x 114 cm 1962 – Stable Gallery – expressioissism abstrat.
- MILLET, Llouis. **Aristóteles**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- THOMPSON, W. I. **Gaia: uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Gaia, 1990.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico: a prática do espaço**. São Paulo: Nova Cultura, 1998.
- BELLATO, Rosaney. **O mito do Instituído e a banalidade do vivido no cotidiano de um hospital universitário**. São Paulo: Faculdade de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 1996. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1996.
- BRÁS, Girard. **Hegel e a arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BRUNOWISKI, J. **A responsabilidade do cientista e outros escritos**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. 307 p.
- D'AMBRÓSIO, U. **A era da consciência**. São Paulo: Fundação Petrópolis, 1997.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: 34 Literatura, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989. v.1-2.
- HOBBS, Thomas. **Del ciudadano y leviatán**. 4ª.ed. Madrid: Tecnos AS, 1993.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**. Campinas: UNICAMP, 1993.
- PENNA, Claudia Maria de Mattos. **Ser saudável no cotidiano das favelas**. Florianópolis, UFSC, 1996, 142p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Curso de Pós - Graduação de Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

- PINTO, Thereza Meiga. **Filosofia na enfermagem: algumas reflexões**. Pelotas: UFPel, 1998.
- PIRANDELLO, Luigi. **Arte e scienza**. Milano: Arnoldo Mondadori, 1994.
- RAMOS, Flávia Regina Souza. **Obra e manifesto: o desafio estético do trabalhador da saúde**. Florianópolis, UFSC, 1995, 173p. Tese( Doutorado em Enfermagem) - Curso de Pós - Graduação de Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- REZENDE, A. L. M. **O estilo estético e o cotidiano**. Florianópolis: [s.n.], 1988. (Texto mimeografado)
- WARNOCK, Mary. **La imagination**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1981.
- WALDOW, Vera Regina. A arte e a estética de ser na enfermagem: mulher e cuidado. In: NEVES, Eloita, GONÇALVES, Lucia H. Takae (Org.). **A enfermagem e a arte de cuidar**. Florianópolis: UFSC, 1998. (Série Enfermagem REPENSUL).

## FONTE BIBLIOGRÁFICA

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2ª. ed. São Paulo: Mesregan, 1982.
- ALDRICH, V.C. **A Experiência estética: filosofia de arte curso moderno de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. p.19-45
- ALVES, R. **O Enigma da Religião**. 3ª. ed. Campinas, SP: Papiro, 1984. p.37-115.
- AMARAL, Aracy A. **Arte para quê?** 2ª. ed. São Paulo: Nobel, 1987.
- ANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. Vol 5 São Paulo: Cortez, 1991.
- ARISTÓTELES. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1981.
- ARISTÓTELES. **Del sentido y lo sensible y de la memoria y el recuerdo**. 4. ed. Buenos Aires: Aguilar, 1980. 102p. (Biblioteca de Iniciacion Filosofica, n.79)
- ARISTÓTELES. **Organon**. Lisboa: Guimarães, 1985.
- ARNHEIM, Rudolf. **Intuição e intelecto na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 343p.
- \_\_\_\_\_. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. 3ª. ed. São Paulo: Pioneira, 1986.

- AUDOUZE, Jean; CASSE, Michel; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Conversas sobre o invisível: especulações sobre o universo.** São Paulo: Brasiliense, 1991. 282p.
- AUSTIN, John Langshaw. **Sentido e percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A chama da vela.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O ar e os sonhos.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O direito de sonhar.** 3ª. ed. São Paulo: Bertrand do Brasil, 1990.
- BARBA, Eugenio. **Além das ilhas flutuantes.** São Paulo: Hucitec, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. **Recorte e colagem: influências de John Dewey no ensino da arte no Brasil.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.
- BARROS, M. G. Y., VARELA, Z. M. V. de. Educação continuada - requisito básico para o crescimento profissional. **In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, XXXI, Fortaleza-CE. 1979. ANAIS...** Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 1979. p.101-106.
- BAYER, Raymond. **História da Estética.** Lisboa: Editural Estampa, 1979.
- BAZIN, Germain. **Historia da arte.** São Paulo: Livraria Martins Fontes LTDA, 1980.
- BELLATO, Rosenev. **O mito do instituído e a banalidade do vivido no cotidiano de um hospital universitário.** São Paulo: Faculdade de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 1996. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1996.
- BENHABIB, S, CORNELL, D. **Feminismo como crítica da modernidade.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 253p.
- \_\_\_\_\_. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Iluminuras, 1993. 146p.
- BESANT, A., LEADBEARTER, C. W. **Forma de pensamento.** São Paulo: Pensamento, 1994. 110p.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

- BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- BOORSTIN, Daniel Joseph. **Os criadores: uma história da criatividade humana.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 980p.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BRUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia.** 4ª São Paulo: EPU, 1987.
- \_\_\_\_\_. **As regras da arte.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CALABRESE, Omar. **Il linguaggio dell'arte.** 4. ed. Milano, Italia: Gruppo Editoriale Fabri, 1989. 262p.
- CAMPOS, Jorge Lúcio de. **A vertigem da maneira: pintura e vanguarda nos anos 80.** Rio de Janeiro: Diadorim: UERJ, 1993.
- CAMPOS, Maria José Rago. **Arte e verdade.** São Paulo: Loyola, 1992.
- CARVALHO, V., CASTRO, I. B. Reflexões sobre a prática da Enfermagem. In: Congresso de Enfermagem, XXXI Fortaleza-CE. 1979. ANAIS... Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 1979. p. 51-59.
- CHARDIN, T. de. **O fenômeno humano.** São Paulo: Herder, 1965. 228p.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CONDILLAC, Étienne de. **Tratado das sensações.** Campinas: UNICAMP, 1993.
- COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro & pensamento.** São Paulo: Perspectiva S.A., 1980.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **A era da consciência.** São Paulo: Fundação Petrópolis, 1997.
- DARTIGUES, André. **Criatividade e Processos de Criação.** 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1978.
- \_\_\_\_\_. **O que é a fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- DAVIS, Flora. **A comunicação não verbal.** São Paulo: Summus, 1979. 195 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: 34 Literatura, 1992.
- DESCARTES, Rene. **As paixões da alma.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. 255p. (Clássicos)

- DESUCHÉ, Jaques. **La técnica de Bertold Brecht**. Barcelona, Espanha: Ediciones Oikos-Tau, 1963. 144p.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Os Pensadores.
- DIAS, L. P. M. , TRENTINI, M. . **Conflitos na construção do conhecimento na Enfermagem: uma controvérsia persistente**. Revista Texto & Contexto-Enfermagem, v. 6, n. 3, p. 193-208, Florianópolis: UFSC, set/dez, 1997.
- DIAS, L. P. M. , TRENTINI, M. . **Caminhando e expandindo espaços para pesquisa em Enfermagem**. Revista Texto & Contexto- Enfermagem, v. 4, n. especial, p. 176-281, Florianópolis: UFSC, 1995.
- DORFLES, Gillo. **Elogio da desarmonia**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O devir das artes**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DORSCH, F. **Dicionario de Psicologia**. Barcelona: Herder. 1976.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- ECO, Humberto. **A definição da Arte**. Lisboa: Edições 70, LTDA. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FAVARETTO, Celso Fernando. **A invenção de Hélio Oiticica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- FELDENSKRAIS, Moshe. **O poder da autotransformação**. São Paulo: Summus, 1994.
- FERGUSON, Marilyn. **O livro da pragmática**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- FERNANDES, Walter. **Incêndio em Hospital de Grande Porte: Atuação do Supervisorde Enfermagem**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v.40, n.4, p. 210, out.\dez., 1987.
- FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9ª.ed. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1987.
- FISHER, Milton. **Intuição: estratégias e exercícios para auxiliar na tomada de decisões**. São Paulo: Nobel, 1990.
- FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. **A Educação e o Processo de Inclusão - Exclusão Social da Mulher: uma questão de gênero**. In: **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília**, v.48, n.1, p. 51-59, jan./mar.1995.
- GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

- GEORGE, Júlia B. (Coordenadora) et al. **Teorias de Enfermagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GILDENS, A. **As consequências da modernidade**. SP Universidade Estadual Paulista. 1991.
- GOMBRICH, E. H.. **A historia da arte**. 15ª. ed. Rio de Janeiro,RJ: Guanabara Koogan , 1993. 509p.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir**. Campinas, São Paulo: Papiros,1994.
- GONÇALVES, R. B. M. **Processo de trabalho em saúde**. mimeografado.
- GUATARRI, Félix. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUÉRIN, Michel. **O que é uma obra?** São Paulo: Paz e Terra,1995. 151p.
- HADJINICOLAOU, Nicos. **Historia da arte e movimentos sociais**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1973.
- HARMAN, Willis & HORMANN, John. **O trabalho criativo**. São Paulo: Cultrix,1990.
- HAUSER, Arnold. **Historia social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes,1994. 1032p. Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de estética : o belo na arte** São Paulo : Martins Fontes, 1996. 666p.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A fenomenologia do espirito**. Estética: a idéia e o ideal. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- HOBBS, Thomas. **A natureza humana**. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, [1983]. 158p. (Estudos gerais. Serie Universitária. Clássicos de filosofia) p.157-158.
- \_\_\_\_\_. **Del ciudadano y Leviatán**. 4ª ed. Madrid: Tecnos, 1996.
- HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas. Sexta investigação**. (Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento).São Paulo: Nova Cultural, 1996. 224p.
- \_\_\_\_\_. **A idéia da fenomenologia**. Lisboa: Ed. 70, 1990. 133p. (Textos filosóficos; 8).
- HOCHBERG, Julian E. **Percepção**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.1973.
- JAPIASSÚ, Hilton & Marcondes, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1996.
- KANDINSKY, Wassaly. **O olhar sobre o passado**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.243p.



- KIENTZ, Albert. **Comunicação de Massa: análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Coleção Medium Livraria-Eldorado Tijuca, 1990.
- LEVY, Daniel. **Eufonia: il suono della vita**. Venezia, Itália: Cassiopeia Editrice, 1986. 338p.
- LORENZO, Javier. **Experiencias de la razón**. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, 1992.
- LOUBET, Maria Seabra. **Estudos de estética**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991. v. 5
- MCCAUGHERTY, David. **The theory – practice gap in nurse education: its causes and possible solutions. Findings from an action research study**. Journal of Advanced Nursing. Oxford, V. 16, p. 1055-1061, sept., 1991.
- MEARLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- \_\_\_\_\_. **O olho e o espírito**. São Paulo: Gallimard  
Veja, 1992.
- MIEL, Alice. **Criatividade no ensino**. São Paulo: Ibrasa, 1972.
- MILLIET, Maria Alice. **Lygia Clark: Obra-trajeto**. São Paulo: EDUSP, 1992.
- MOLES, A. **A teoria da informação e percepção estética**. Brasília : ed. Univ. de Brasília, 1978.
- MUNFORD, Lewis. **Arte e técnica**. Rio de Janeiro. Edições 70 Ltda. 1970.
- NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo**. São Paulo: Summus, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. São Paulo: Summus, 1993.
- NUNES, Benedito. **Introdução a filosofia da Arte**. 3ª. ed. São Paulo:
- OLIVIER, Laurence. **Ser ator**. 2.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio**. 2ª.ed Campinas: UNICAMP, 1993.
- ORTEGA Y GASSET, J. **A desumanização da arte**. São Paulo: Cortez, 1991.
- OSBORN, Alex F. **Applied imagination**. New York: Charles Scribner's Sons, 1957.
- OSBORNE, Harold. **Estética e teoria da arte**. São Paulo: Cultrix, 1970.

- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus LTDA, 1990.
- PANOFSKY, Erwin. **Meaning in the visual arts**. England, Peregrine Book, 1970.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas de estética**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- POLAK, Y.N. S. . O corpo como mediador da relação homem/ mundo. *Revista Texto & Contexto- Enfermagem*, Florianópolis, v.6, n. 3, p. 29- 43, set./dez., 1997.
- PRIGOGINE, Ilya, STENGERS, Isabelle. **Entre o tempo e a eternidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- RAJNEESH, Bhagwan Shree. **Dimensões além do conhecido**. São Paulo: Cultrix. 1993.
- RAMTHUN, Herta. **Diários de Brecht : diários de 1920 a 1922: anotações autobiográficas de 1920 a 1954/ Bertolt Brecht**. Porto Alegre: L&PM, 1995. 190p.
- READ, Herbert. **Arte e alienação: o papel do artista na sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.
- \_\_\_\_\_. **A educação pela arte** São Paulo: Martins Fontes, 1958.
- \_\_\_\_\_. **O sentido da arte**. 7ª. ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.
- RHODUS, C. C. A formação do enfermeiro no contexto social. **In: Congresso Brasileiro de Enfermagem, XXXVI. ANAIS...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Enfermagem, 1985. p. 35-45.
- ROMEO da SILVEIRA, João Evangelista Barbosa. **Abordagem metodológica do objeto artístico**. Bauru: Jalovi LTDA, 1979.
- ROSSI, Maria José dos Santos. O curar e o cuidar: a história de uma relação (um ensaio). *Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília*, v.44, n.1, p. 16-21, jan./mar. 1991.
- \_\_\_\_\_. Santo Agostinho: Vida e obra ( Confissões de Magistro: Do Mestre) 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. ( Os Pensadores). p. 211-214.
- SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1987.
- SARTRE, Jean-Paul. **A idade da razão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

- SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo e um humanismo: A imaginação : Questão de método/** São Paulo: Abril Cultural, 1978. 191p.: il.- (Os pensadores)
- SARTRE, Jean-Paul, 1905-1980. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação.** São Paulo: Ática, 1996. 256 p. (Temas, v.46. Filosofia e psicologia).
- SHAKESPEARE, W. **Hamleto.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. Obras Completas. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Edições de Ouro,1966.
- SILVA, Sonia A. Ignacio. **Filosofia moderna.** São Paulo: EDUC, 1992.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A criação de um papel.** 3ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira,1987. 285p.
- \_\_\_\_\_. **A preparação de um ator.** 7ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira,1986. 323p.
- TSCHUDIN, V. Nursing as a moral art. In: MARKS, Diane; MARAN, ROSE. **Reconstructing Nursing: beyond art and science.** Pat London: Bailhére,1997. p.65-90.
- VARGAS, Milton. **Para uma filosofia da tecnologia.** São Paulo: Alfa Omega S.A.,1994.
- VASQUEZ, A.S. **As idéias estéticas de Marx..** 2ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da praxis.** 3ª.ed. SP: Paz e Terra, 1986.
- VAZ, Marta Regina Cezar. Reflexões Concernentes ao Conceito Trabalho na Cotidianidade : em Agnes Heller e Michel Maffesoli. **Revista Brasileira de Enfermagem,** Brasília, v.48, n.2, p. 168-171, abr./jun. 1995.
- VIRGULIM, Angela M.R. & ALENCAR, Eunice M. l. **Criatividade: expressão e desenvolvimento.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- WARNOK, Mary. **La imaginacion.** México: Fondo de Cultura Económica, 1981.
- WRIGHT, Edward A. **Para comprender el teatro actual.** 2ª. ed. México:Fondo de Cultura Económica,1982.